

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

Mariângela Hoog Cunha

**UM “SÍTIO” NO MAR: ESTUDO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NA
VILA DE ILHA RASA/PR**

CURITIBA
2010

Mariângela Hoog Cunha

**UM “SÍTIO” NO MAR: ESTUDO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NA
VILA DE ILHA RASA/PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Maria Antonia de Souza.

CURITIBA
2010

Dedico esta conquista aos ilhéus da
comunidade de Ilha Rasa, em especial
aos professores, alunos e amigos da Ilha,
os quais auxiliaram na construção deste estudo.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a Dra. Maria Antônia de Souza, que me acolheu, mostrou caminhos para que eu pudesse crescer com autonomia e dar o rumo que tomou esse trabalho. A esta profissional exemplar, que viajou comigo para a Ilha Rasa, caminhou pela vila, conversou com os sujeitos desta pesquisa, atravessou pontes sobre o mangue e até andou de baleeira, todo o meu agradecimento.

Ao meu marido, pelo seu companheirismo e incentivo, pelo apoio recebido, por sua presença constante em minha vida, pelas conversas sobre os ilhéus, reflexões e indagações.

Às minhas duas filhas queridas, companheiras da minha vida, pelo carinho e paciência.

À minha família, pelo apoio e compreensão.

Aos professores da escola pesquisada, pela simpatia, pelo acolhimento, pela disposição do diálogo e pelas discussões empreendidas.

Aos alunos, sujeitos desta pesquisa, que me permitiram a leitura de seu mundo, por meio de seus cadernos e suas conversas.

Aos amigos da Ilha Rasa, com os quais mais de perto tive a oportunidade de conviver e aprender: Armando, Liomar, Marcos, Dona Dulcília, Ana, Juliano, Oromar, Andréia, Ezequias e Eliane.

Às colegas do mestrado Roseli e Josiane, pelos momentos que compartilhamos juntas, e o quanto aprendi com vocês.

Aos professores Maria Auxiliadora e Joe Garcia, mestres na arte de educar, em nome dos quais agradeço a todos os professores do programa de pós-graduação, mestrado em Educação da UTP, que contribuíram com sugestões para o presente trabalho.

Ao William, da Secretaria de Educação do Paraná, equipe coordenação da educação do Campo, pela contribuição inestimável à realização deste trabalho.

A todos, por tudo, o meu muito obrigada!

RESUMO

Esta dissertação traz os resultados da investigação sobre a educação escolar na comunidade de ilhéus de Ilha Rasa, litoral norte do Paraná. A localidade tem uma população de aproximadamente 700 habitantes, que sobrevive fundamentalmente da atividade pesqueira, do cultivo de ostras e do comércio local. O estudo revela a relação existente entre a escola e a comunidade de ilhéus, que recebe alunos/as do Ensino Fundamental, Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos). As turmas de 1^a a 4^a series do Ensino Fundamental acontecem em classes multisseriadas. A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa, estudo do tipo etnográfico. As técnicas de coleta de dados foram observação participante, entrevista semiestruturada e análise documental. Os registros foram manuscritos e fotográficos. A dissertação expõe as possibilidades e os entraves para se estabelecer uma educação que ofereça vínculos entre o mundo da escola e o mundo da vida nesta comunidade de ilhéus. Como aportes teóricos foram utilizadas especialmente as obras de Arroyo (1999), Diegues (1983, 2004), Gramsci (1995), Marx (2008) e Saviani (2007, 2008), autores que constroem um arcabouço teórico importante no tocante à necessidade de uma educação vinculada ao contexto social. A investigação revelou um cenário em que escola, cultura e trabalho se entrelaçam, embora os resultados da pesquisa também demonstrem a necessidade de se empreender uma educação adequada aos ilhéus, que vise ao crescimento humano, social, político e econômico. Esse debate tem integrado a agenda da educação do campo no Estado do Paraná e as inquietações expressas pelos movimentos sociais. Registra-se a preocupação dos professores com a construção de uma educação escolar entrelaçada à vida na Ilha, entretanto com diversos desafios no que tange à superação de uma tradicional cultura e rotina do mundo escolar, historicamente institucionalizado.

Palavras-chave: Educação, Escola Pública, Educação do Campo, Povos Ilhéus.

ABSTRACT

This study brings the results of a research about the school education in the community of islanders of Ilha Rasa, northern Paraná. This community has a population of approximately 700 inhabitants that survives basically on fishing and cultivating oysters. The study reveals the relationship between the school and the community of fisherman. The school on this island receives students from Elementary and High school along with students from adult education. The first four classes of Elementary school are taught together, by the same teacher and in the same classroom. The methodology is qualitative, and it's an ethnographic type of study in education. The techniques used to collect data were participant observation, semi structured interview and documentary analysis. The registrations of the interviews and observations were both photographic and manuscript. This study exposes the opportunities and barriers to establish an education that provides links between the world of school and community life in this world of islanders. The theoretical intakes were based especially on the works of Arroyo (1999), Diegues (1983, 2004), Gramsci (1995), Marx (2008) and Saviani (2007, 2008). These are authors who help building an important theoretical framework needed in the context of education. The findings revealed a scenario in which school culture and work are connected, although the search results also showed that there is a necessity to undertake education appropriate to the Islanders, human growth, social, political and economical. This debate has integrated the agenda of education in the state of Paraná, and the concerns expressed by the social movements. It's important to register the concern of the teachers from this community with the construction of a school education linked to the life on the island, however with several challenges to overcome a traditional culture and a routine in the school, historically institutionalized.

Key words: Education, Public school, Education in the countryside, Islanders.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	– Capa de caderno escolar de alunos da escola da Ilha Rasa..	36
FIGURA 2	– Capa de caderno escolar de alunos da escola da Ilha Rasa..	36
FIGURA 3	– Imagem da baía de Paranaguá.....	40
FIGURA 4	– Imagem da Ilha Rasa com a localização das vilas.....	41
FIGURA 5	– Pescador da Ilha Rasa.....	46
FIGURA 6	– Pescador utilizando a tarrafa.....	46
FIGURA 7	– Passarela em frente a vila.....	49
FIGURA 8	– Vila de Ilha Rasa.....	49
FIGURA 9	– Baleeiras e Canoas.....	55
FIGURA 10	– Igreja Evangélica.....	57
FIGURA 11	– Vila de Ilha Rasa.....	57
FIGURA 12	– Igreja Católica.....	57
FIGURA 13	– Mãe pescadora.....	79
FIGURA 14	– Meninos pescadores.....	79
FIGURA 15	– Parede externa da escola.....	106
FIGURA 16	– Refeitório da escola.....	106
FIGURA 17	– Sala de aula da escola da Ilha Rasa.....	108
FIGURA 18	– Detalhe das portas dos armários da escola.....	108
FIGURA 19	– Desenho de caranguejo.....	108
FIGURA 20	– Painei “A História da Ilha Rasa”.....	108
FIGURA 21	– Detalhe do Painei.....	108
FIGURA 22	– Detalhe do Painei.....	108
FIGURA 23	– Detalhe de caderno de aluno da escola da Ilha Rasa	129
FIGURA 24	– Cadernos dos alunos.....	130
FIGURA 25	– Cadernos dos alunos.....	130
FIGURA 26	– Cadernos dos alunos.....	131
FIGURA 27	– Cadernos dos alunos.....	131
FIGURA 28	– Parede da escola da Ilha Rasa.....	134

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	– Escolas Rurais do Município de Guaraqueçaba.....	101
QUADRO 2	– Classes Multisseriadas no Brasil.....	113
QUADRO 3	– Formação inicial dos professores da escola da Ilha Rasa.....	121
QUADRO 4	– Livros Didáticos / PNLD – 2010.....	123

LISTA DE SIGLAS

APA	–	Área de Proteção Ambiental
CAPES	–	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	–	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EJA	–	Educação de Jovens e Adultos
IBAMA	–	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBPEX	–	Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão
IPARDES	–	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
LDB	–	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PNDL	–	Programa Nacional do Livro Didático
SNUC	–	Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza
SPVS	–	Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental
UAB	–	Universidade Aberta do Brasil
UEPG	–	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFSC	–	Universidade Federal de Santa Catarina
ULBRA	–	Universidade Luterana do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 METODOLOGIA.....	20
2.1 OS SUJEITOS.....	21
2.2 ESTUDO DO TIPO ETNOGRÁFICO.....	24
2.3 ABORDAGEM QUALITATIVA DE PESQUISA.....	26
2.4 AS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS.....	27
3 UM “SÍTIO” NO MAR: A ILHA RASA.....	38
3.1 OS ILHÉUS E O CENÁRIO DE SUAS VIDAS.....	39
3.1.1 O ontem.....	42
3.1.2 O hoje.....	45
3.1.2.1 Elementos para pensar a comunidade de Ilha Rasa.....	49
3.1.3 O amanhã.....	58
3.2 HISTÓRIA DAS ESCOLAS DAS ILHAS	59
4 PRÁTICA SOCIAL DOS POVOS ILHÉUS DE ILHA RASA.....	66
4.1 TRABALHO.....	67
4.2 CULTURA.....	76
4.3 EDUCAÇÃO.....	81
5 EDUCAÇÃO ESCOLAR NA ILHA RASA.....	86
5.1 TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO RURAL E DO CAMPO.....	86
5.1.1 E as escolas dos povos ilhéus do Paraná?.....	100
5.2 A ESCOLA DA ILHA RASA.....	103
5.2.1 Educação Básica na escola da Ilha Rasa.....	109
5.2.2 A Educação de Jovens e Adultos (EJA) na escola da Ilha Rasa.....	110
5.2.3 Classes Multisseriadas: uma realidade nas escolas das ilhas.....	112
5.3 PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	116
5.3.1 Planejamento das aulas.....	118
5.3.2 Os sujeitos professores.....	120
5.3.3 Os cadernos escolares dos alunos da escola da Ilha Rasa.....	123
6 COMUNIDADE X ESCOLA: UM VÍNCULO POSSÍVEL?.....	133
6.1 IMPORTÂNCIA DA ESCOLA PARA OS MORADORES.....	135
6.1.1 A escola como lugar de aprendizagem.....	135
6.1.2 A escola fora do lugar?.....	143
6.2 NA VIDA MARCADA PELA PESCA, O QUE A ESCOLA TRAZ DE NOVO? ..	150
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
REFERÊNCIAS.....	160
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	165
APÊNDICES.....	167
ANEXOS.....	173

1 INTRODUÇÃO

Muitas sociedades existentes em ilhas desenvolveram uma relação particular com o mar, vendo nele ora uma via de contato, ora uma barreira. Morar em uma ilha pode representar isolamento para pessoas habituadas à vida nos centros urbanos. Entretanto, para os ilhéus, estar isolado é um conceito relativo, uma vez que o mar é o local onde desenvolvem suas atividades econômicas, sociais e culturais. A imagem da ilha paradisíaca tem atravessado os tempos como lugar simbolicamente de silêncio e paz, território privilegiado onde o tempo parece parar. A ilha deserta de areias brancas é, ao mesmo tempo, um espaço simbólico para os não ilhéus e espaço onde as sociedades insulares criam e recriam seu modo de vida peculiar (DIEGUES, 2002, p.33-37).

A população que habita a Ilha Rasa, que está situada no litoral norte do Estado do Paraná, mantém uma relação estreita com o mar, uma vez que este é lugar de vida ativa, de trabalho, de sobrevivência e sobre o qual se dispõe de grande conhecimento acumulado. Diante disso, é relevante relatar partes de nossa trajetória de vida e as razões que justificaram a pesquisa sobre a educação escolar na Ilha Rasa, procurando, com isso, responder a recorrente pergunta quando da apresentação deste trabalho: como você chegou a esta ilha?

Sempre gostei muito de ser professora. Quando criança, meus alunos eram meus irmãos e vizinhos. Já adulta, ao passar uma temporada de dois anos na Austrália, lecionei inglês para brasileiros; de volta ao Brasil, dediquei-me ao ensino da língua inglesa. Hoje, meus alunos são pessoas de todas as idades e principalmente adolescentes que estudam inglês. Por gostar de ensinar, cursei Pedagogia e ingressei no mestrado em Educação.

Paralelamente a esta experiência, tenho passado por longo período em uma fazenda e lá presenciado várias situações de aprendizado que, de uma maneira ou de outra, vieram a influenciar esta pesquisa. Na fazenda, funcionava uma escola rural que acolhia seus moradores e das fazendas vizinhas. A escola, seus alunos e a maneira como viviam exerceram um fascínio sobre mim durante muitos anos. Mais tarde, a escola foi fechada e transferida para a comunidade mais próxima, Vista Alegre, município de Ortigueira. Mas o meu fascínio continuou.

Alguns anos mais tarde, já no final do ano de 1990, velejando na baía de Paranaguá, um casal morador da Ilha Rasa, baía das Laranjeiras, convidou-nos para conhecê-la. A ideia de visitar esta ilha despertava-me curiosidade, pois ela parecia não existir, devido ao difícil acesso cheio de “baixios” e pedras. A Ilha Rasa surpreendeu. O lugar revelou-se uma beleza indescritível, com a presença de golfinhos, garças brancas e diversas espécies de pássaros por todos os lados. Meses mais tarde, o casal colocou aquele pedaço de terra na Ilha Rasa à venda. A sorte estava lançada: possuir um local isolado, de difícil acesso, mas de tirar o fôlego; construir uma casa de madeira – segundo as leis de proteção ambiental é permitido somente esse tipo de construção –; transportar todo o material de baleeira¹ e brincar de paisagista era, a partir daquele momento, o objetivo. A casa ficou pronta em seis meses e, desde então, tem acolhido momentos de tranquilidade.

Desde o início, a aproximação com a comunidade de Ilha Rasa foi imediata. A vila de Ilha Rasa fica próxima da casa, facilitando assim esse contato. Comecei a me interessar por seus costumes, linguajar e sotaque característicos. Crianças da comunidade vêm sempre brincar com nossas filhas e nos levam para conhecer a

¹. As baleeiras e canoas são barcos típicos da região litorânea do Paraná. As baleeiras são feitas de compensado e suportam até 10 pessoas. As canoas são feitas de uma peça de madeira única e são construídas em diversos tamanhos. O motor é geralmente instalado no centro do barco.

localidade. Essa convivência possibilitou constatar que muitos dos costumes dos ilhéus desta ilha estão de acordo com sua cultura local, sempre retratada nas conversas informais e nos desenhos ricos em significados das crianças.

Conheci uma das escolas da Ilha Rasa, situada na vila Ponta do Lanço, por meio de um morador nativo; surpreendi-me com a dificuldade de acesso, a precariedade das instalações e os professores, que vão ministrar suas aulas muitas vezes utilizando o transporte local. A pequena escola com classes multisseriadas, um professor lecionando simultaneamente para duas turmas – 1ª e 2ª ou 3ª e 4ª séries; o Ensino Fundamental completo existente desde o ano de 2004, o Ensino Médio iniciando-se no ano de 2009 e todas as consequências deste ensino, no decorrer dos anos letivos, despertou-me grande motivação.

As escolas rurais da região da baía de Guaraqueçaba, baía das Laranjeiras e comunidades ribeirinhas são sub-sedes da escola pólo Marcílio Dias, em Guaraqueçaba. São 30 escolas e 659 alunos² matriculados nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. Estas escolas são consideradas pequenas, pois atendem menos de 100 alunos cada uma, possuem uma ou duas salas de aula, e a maioria conta com apenas um professor. Das 30 escolas da região, 26 trabalham com o sistema de classes multisseriadas e três oferecem o Ensino Fundamental completo e EJA, numa dualidade entre o Estado e o Município. São elas: escola da Ilha Rasa, escola da Ilha de Superagui e escola da Ilha das Peças.

Dentre os 659 alunos, 52 estudam nas duas escolas rurais da Ilha Rasa nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essas escolas estão localizadas em duas das vilas da Ilha Rasa, a vila de Ilha Rasa e a vila Almeida, e são denominadas respectivamente Colégio Estadual/Municipal Rural Gabriel Ramos da Silva e Escola

² Dados coletados junto à Secretaria Municipal de Educação de Guaraqueçaba, 2009.

Rural Municipal Santa Terezinha. O Colégio Gabriel Ramos da Silva é denominado, por todos os moradores da localidade, escola da Ilha Rasa.

Para este estudo, foi escolhida a escola da Ilha Rasa porque ela centraliza a maior parte das atividades escolares: Fundamental completo, Médio e EJA. Esta escolha também se deu em função de que lá se concentram os alunos, que provêm de diferentes vilas localizadas na própria Ilha Rasa, além de outras comunidades de ribeirinhos e pescadores localizadas em ilhas e regiões costeiras localizadas no continente, porém sem acesso por terra, como Massarapuã, Medeiros, Taquanduva e Tromomo. Esta escola é, portanto, central para os moradores que habitam as comunidades vizinhas desse denso labirinto de águas.

As duas escolas da Ilha Rasa, entretanto, apresentam características relevantes da educação do campo com sujeitos ilhéus: população de pescadores artesanais³, alunos que utilizam a canoa como meio de transporte, instalações precárias e professores em processo de formação, todos considerados fatores importantes para ilustrar a prática pedagógica em situação adversa e, não obstante, frequente na região estudada.

Esses estabelecimentos municipais concentrados na área rural de Guaraqueçaba apresentam características como alunos precocemente integrados ao mundo do trabalho e dificuldades de deslocamento. Ao seu entorno, há um panorama característico da maioria das ilhas da região: casas de pescadores, árvores de pequeno porte e o mar ladeado por vegetação de mangue.

Assim, mesmo enfrentando todas as diversidades impostas aos moradores das ilhas e das comunidades ribeirinhas, a escola da Ilha Rasa fornece aos seus

³ Pescadores artesanais são considerados os pescadores que têm na pesca sua principal fonte de renda, e, embora a sua produção esteja voltada para o mercado, também se destina ao consumo doméstico. Caracterizam-se pela simplicidade tecnológica e pelo baixo custo da produção, oriunda de grupos de trabalho formados por referenciais de parentesco. (IPARDES, 1989, p. 51).

alunos oportunidades de aprendizagem que, de outra forma, não existiriam. Ressaltamos, acima de tudo, o modo de vida em que as famílias de pescadores artesanais estão imersas e a realidade da escola, que constituem demonstração fiel das condições culturais, sociais e econômicas desta gente. Nesse contexto, a ideia da pesquisa surgiu em decorrência do convívio com esta comunidade, do interesse pelo modo de vida dessa população de ilhéus que habita este “sítio”⁴ no mar e a minha proximidade com a Educação.

Busquei, a partir de então, desenvolver a dissertação com um desafio: observar e conhecer o contexto sociocultural em que esse grupo de pessoas está inserida e onde as relações acontecem. Assim, a pesquisa **justifica-se** pelos seguintes aspectos:

a) O estudo é inédito no litoral paranaense e se reveste de importância para os estudos da educação do campo, por estar inserido, segundo estudiosos e pesquisadores, nesta discussão;

b) Pesquisas em bibliotecas digitais das principais universidades brasileiras e nos bancos de dados da CAPES e CNPq revelaram que a educação nas ilhas da baía de Paranaguá carece de pesquisas de dissertação e teses;

c) As investigações desenvolvidas no Paraná sobre a região de Guaraqueçaba, baía das Laranjeiras e baía de Paranaguá envolvem diversas vertentes científicas diversas à educação, que visam a analisar a questão da fauna e da flora, o meio ambiente, os animais marinhos, os animais em extinção, o fundo do mar, os lençóis freáticos, a marinocultura, a implantação da educação ambiental nas escolas, as relações de parentesco entre os pescadores artesanais, entre outras.

⁴ A palavra “sítio” é utilizada nesta pesquisa, tendo em vista ser um termo constante do vocabulário dos moradores do local.

Envolvem áreas como a Antropologia (ROCHA, 2005); a Engenharia Florestal (SIPINSKI, 2003), a Educação/Arte (ALBERTON, 2002), etc.

d) Estudos sobre populações litorâneas brasileiras são desenvolvidos há algum tempo no Brasil, envolvendo diversas áreas, como a Educação, com as pesquisas de Pojo (2003); Cuyabano (2006); Silva (1993); Souza (2005); Guarim (1995), e Lima (2004); a Antropologia, com as pesquisas de Rodrigues (2006); a Psicologia, com Murta (2006), e o Meio Ambiente, com Souza (2006).

As pesquisas sobre escolas e educação ribeirinha concentram-se principalmente no Amazonas, Pará e Mato Grosso; entretanto, esses estudos não focalizam a escolarização e o reflexo desta na comunidade como objeto principal de estudo. Trabalhos desenvolvidos no Pará, principalmente, por Silva (1993), onde existem grupos de estudos sobre o tema, investigam o universo das classes multisseriadas. Destaca-se, também, a tese de doutorado de Cláudia Murta (2006), do Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, sobre professores leigos amazônicos, o que me auxiliou na compreensão deste universo até então desconhecido. Em especial, é relevante citar a pesquisa desenvolvida por Eliana do Pilar Rocha (2005), intitulada *Nomes, Rezas e Anzóis: tradição e herança caiçara*. A dissertação, desenvolvida na Universidade Federal do Paraná para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia foi extremamente enriquecedora, pois forneceu elementos para fundamentar a retrospectiva histórica da região e para comparar os costumes dos ilhéus da Ilha das Peças e da Ilha Rasa. Busquei inspiração e aprendizado nesta pesquisa etnográfica realizada na Ilha das Peças, localizada próxima à ilha onde desenvolvi a pesquisa.

Outras duas pesquisas que merecem destaque por terem elucidado muitas questões acerca do tema escolhido para a presente pesquisa, servindo também de

influxo, foram as dissertações de Maria José Ribeiro de Souza (2006), sobre o desenvolvimento do trabalho nas comunidades ribeirinhas do Baixo Madeira, e a pesquisa de Luciana Oliveira Correia (2004), sobre os significados atribuídos por crianças moradoras de um acampamento rural ao fato de pertencerem a um movimento social.

Desta forma, a **questão que se pretende responder é:** como ocorre a educação escolar na Ilha e qual a relação existente entre o mundo da vida e a prática pedagógica nos anos iniciais?

Partindo dessa questão, mergulhamos em nossa análise procurando saber mais sobre a relação existente entre a escola e a comunidade e, ao mesmo tempo, sobre a percepção que a comunidade tem da escola, o que resultou em nosso **objeto de estudo:** Educação Escolar dos ilhéus de Ilha Rasa, Paraná.

Diante disso, a presente pesquisa tem como **objetivo** analisar a relação existente entre a educação escolar e a vida na Vila de Ilha Rasa. Para tanto, elenco cinco objetivos específicos:

- 1) Identificar a partir de quando há educação escolar oficial na Ilha e quais os níveis de ensino oferecidos, bem com as modalidades;
- 2) Analisar a relação existente entre a comunidade de ilhéus de Ilha Rasa, a escola e o mundo da vida na ilha;
- 3) Verificar se a prática sociocultural gera interferências na prática escolar dos anos iniciais;
- 4) Caracterizar a relação que os ilhéus têm com a instituição escolar e a maneira como vivem, sua cultura própria, suas relações familiares, suas crenças e trabalho;

5) Identificar as marcas do lugar presentes nos cadernos e outras produções dos alunos dos anos iniciais, no contexto das atividades escolares que lhes são solicitadas.

Entendendo a escola como parte de um contexto social maior e recebendo de seu entorno influências importantes, é necessária uma abordagem do tema proposto a partir do pressuposto de que se deve relacionar o que é aprendido dentro e fora da escola (LÜDKE E ANDRE, 2007, p. 14). Optou-se pela abordagem qualitativa e estudo do tipo etnográfico, considerando-se que, segundo André (2007, p. 41), a pesquisa do tipo etnográfico “se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária”.

Para a realização da pesquisa, foi importante a explicitação da identidade do pesquisador e dos objetivos deste trabalho para o grupo a ser pesquisado, ao passo que foram preservadas as identidades das crianças participantes das rodas de conversas e das entrevistas. A autoria dos cadernos escolares analisados também foi preservada, tendo sido utilizados, de forma fictícia, nomes de animais silvestres da região⁵.

A partir desse ponto, a exposição da pesquisa passará a não mais ser feita em primeira pessoa, e sim em terceira pessoa, tendo em vista acreditarmos que uma pesquisa não se constrói individualmente, e sim coletivamente, em ação conjunta com a orientadora da pesquisa, com subsídios de autores utilizados para a fundamentação teórica, com o auxílio dos amigos, familiares, sujeitos pesquisados e pessoas envolvidas com o trabalho científico. Os caminhos teóricos seguidos

⁵ Informações colhidas no site: www.guaraquecaba.com/superagui.asp. Acesso em: 15 dez. 2009.

contaram com autores como Marx (2008), Saviani (2007, 2008), Arroyo (1999), Diegues (1983, 1998, 2002, 2004), Munarim (2008), Souza (2006, 2009), pela contribuição teórica que oportunizaram análise e reflexão consistentes sobre o objeto de estudo em foco.

O texto está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo há um aprofundamento dos aspectos metodológicos da pesquisa considerados essenciais para a compreensão do tema proposto. No segundo capítulo, intitulado "Um 'sítio' no mar: a Ilha Rasa", abordamos aspectos relativos à comunidade de Ilha Rasa, caracterizando a Ilha Rasa para, com isso, localizar o leitor neste local “distante” de baleeiras, mar, anzóis, redes, escola, crianças, ensino e trabalho. Iniciamos o capítulo com uma breve retrospectiva histórica do povoamento da região, descrevendo o cenário da vida desta população de ilhéus, para, por fim, trazer elementos para se pensar sobre a comunidade em questão.

O terceiro capítulo, intitulado "Prática social dos povos de Ilha Rasa", adentramos o mundo teórico imaginado por nós como sendo um mundo onde predominam o Trabalho, a Cultura e a Educação. Apresentamos esses três eixos teóricos centrais da pesquisa, analisando-os separadamente, os quais expressam a prática social dos povos da Ilha Rasa.

O quarto capítulo, "Educação escolar na Ilha Rasa" analisa historicamente a educação rural no Paraná e nas ilhas do litoral paranaense, assim como aspectos relativos à escola Gabriel Ramos da Silva, da Ilha Rasa. Pontuamos as modalidades de ensino ofertadas na Ilha, o universo das classes multisseriadas, a prática pedagógica e cadernos escolares dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Tratamos, neste capítulo, da análise dos dados obtidos na pesquisa

de campo e documental, a fim de obter um quadro geral da educação escolar na localidade escolhida.

No quinto capítulo, "Comunidade x Escola: uma vínculo possível?", são abordadas questões relativas à importância da escola para os moradores, buscando com as análises das entrevistas o papel que representa a escola para a comunidade de pescadores artesanais de Ilha Rasa e questões relativas a este papel..

2 METODOLOGIA

Este capítulo descreve a metodologia da pesquisa marcada pelo contato direto e prolongado da pesquisadora com os sujeitos e local de pesquisa.

Iniciamos nossa explicitação pelo grupo populacional que integrou a caminhada, os sujeitos desta pesquisa. Nesse sentido, primeiramente abrimos o leque com os sujeitos e são muitos os aspectos a serem mencionados para caracterizá-los: o dia-a-dia da escola, da cultura, do trabalho, da educação, dos cadernos escolares, da prática pedagógica, enfim, das múltiplas dimensões que envolvem a instituição escolar. Todos os dados são considerados importantes. Optamos, portanto, por uma pesquisa do tipo etnográfico, que é definida por André (2007, p. 27):

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente, etnografia significa “descrição cultural”. [...] Se o foco dos etnógrafos é a descrição da cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados) de um grupo social, a preocupação central dos estudiosos da educação é com o processo educativo.

Os fatos apresentados neste estudo foram analisados a partir de um enfoque qualitativo das técnicas de análise. Procuramos, durante todo o processo da pesquisa, situar as várias descobertas dentro de um contexto único, pois estes constituem a explicação da realidade vista pelos olhos da pesquisadora. Houve o cuidado de aprofundar as análises, com vistas a ir além da categorização e ultrapassar a simples descrição. As autoras Lüdke e André (2007, p. 49) salientam para o fato de que

É preciso que o pesquisador vá além, ultrapasse a mera descrição, buscando realmente acrescentar algo à discussão já existente sobre o assunto focalizado. Para isso ele terá que fazer um esforço de abstração, ultrapassando os dados, tentando estabelecer conexões e relações que

possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações. É preciso dar o “salto”, como se diz vulgarmente, acrescentar algo ao já conhecido.

2.1 OS SUJEITOS

Os sujeitos desta pesquisa são os moradores da Ilha Rasa, pais, professores e alunos da escola da Ilha Rasa. Essas pessoas se prontificaram a auxiliar no processo da pesquisa desde o início, principalmente participando das caminhadas pela vila, entrevistas, depoimentos, visitas à escola e conversas informais. Inúmeras vezes os questionamos sobre todos os aspectos que envolvem a Ilha, a comunidade e a escola. As crianças participaram prontamente, sempre com entusiasmo e alegria. Os pais se mostraram prontos a responder o que perguntávamos, assim como outros moradores da localidade. Os professores mostraram-se entusiasmados com a pesquisa e sempre se dispunham a conversar mais. Em nenhum momento percebemos alguma resistência por parte dos mesmos.

É importante ressaltar que tivemos o auxílio de sujeitos informantes nesta pesquisa. Contamos com a colaboração de Liomar, Armando e Marcos, que, além de nos acompanhar nas andanças, entrevistas e observações, nos ajudavam a decifrar o espaço e o modo de vida dos pescadores. Outras pessoas foram também imprescindíveis neste processo, mostrando-se sempre dispostas a conversar e auxiliar. Com o passar do tempo, estabelecemos uma relação de confiança e respeito mútuo, sempre procurando retratar o que a realidade concreta dos povos ilhéus nos falava.

A intenção da pesquisa foi a de compreender como o vínculo entre a escola e a comunidade se faz presente nas falas dos diferentes sujeitos ilhéus. André (2007, p. 48) afirma que é fundamental a utilização de um leque variado de sujeitos,

assim como uma variada fonte de informações. Por esta razão, a ênfase não foi atribuída à quantidade de entrevistados, mas à variedade de situações vividas pelos sujeitos pesquisados. Assim, selecionamos para a realização das entrevistas:

- coordenador da escola pelo município, professor da escola no Ensino Fundamental e Ensino Médio, Ministro da Eucaristia e pai de duas alunas da escola. Este professor, além de trabalhar diretamente com alunos de diferentes idades e atuar nas funções acima citadas coordena reunião de professores e pais de alunos. É filho dos primeiros moradores da vila de Ilha Rasa;
- professor do Ensino Fundamental e EJA. Este docente é muito estimado pelos alunos, além de já ter lecionado para diversas idades e estar sempre próximo dos alunos, moradores e professores. Seu pai foi um dos primeiros alunos da escola da Ilha Rasa;
- professora do Ensino Fundamental e EJA, mãe de aluno da escola. Esta professora, moradora da Ilha há muitos anos, começou a lecionar na escola da Ilha no ano de 2009, após ter concluído sua escolarização na própria escola onde trabalha, na modalidade EJA;
- dois professores da escola e nativos da Ilha Rasa. Estes professores lecionam na escola há mais de 10 anos. A professora Diva foi aluna da escola nos anos 1960.
- quatro mães de alunos da escola, para compreendermos melhor o que se passa na escola a partir daquilo que os alunos relatam em casa. Procuramos, também, saber mais dessas pescadoras e esposas de pescadores sobre o modo de vida na Ilha seus costumes e crenças.

- dois pais de alunos da escola, para procurar saber como o ofício de pescador é passado de pai para filho, a visão que estes moradores têm da escola, da vida na Ilha e, conseqüentemente, da importância que estabelecem para a escola;
- dois alunos da modalidade EJA. Alunos moradores nativos e pescadores, os quais tiveram seu processo de escolarização interrompido devido à ausência de Ensino Fundamental e Médio na Ilha. São sujeitos de vontade, criticidade e opiniões que precisam ser consideradas pelos conhecimentos que detêm.
- sete alunos do Ensino Fundamental, para saber o que pensam da escola, da vida na Ilha, do futuro, e também para observar seus cadernos escolares.
- dois moradores nativos da Ilha, a fim de saber mais sobre os pescadores nativos da localidade, sobre o início da escola na Ilha, sobre o trabalho do pescador e o que envolve o modo de vida dessa população.
- coordenadora da EJA – Secretaria Municipal de Educação, por já ter ocupado o cargo de diretoria na escola Marcílio Dias, que até o ano de 2009 foi sede da escola da Ilha.
- vice-diretor da Escola Marcílio Dias, Guaraqueçaba, para obter informações sobre a formação dos professores da Ilha Rasa e documentos referentes à escola.
- coordenação Educação do Campo/SEED, Curitiba – Paraná, a fim de discutir questões referentes à Educação do Campo nas ilhas do litoral

do Paraná, formação de professores e o processo de independência das escolas das ilhas.

Além das entrevistas sistematizadas, realizadas mediante roteiro, foram também realizadas conversas informais com os profissionais da escola, moradores, pescadores, mães e alunos, pesquisados e não entrevistados, tendo em vista a coleta de dados e informações necessárias para a construção da pesquisa. Essa ampliação se justifica por ser necessário, numa pesquisa do tipo etnográfico, pensar a educação “dentro de um contexto cultural amplo”. (LÜDKE e ANDRÉ, 2007, p.14) e para compreender o que se passa dentro e fora da escola, ou seja, os vínculos estabelecidos além de seus muros.

2.2 ESTUDO DO TIPO ETNOGRÁFICO

A pesquisa etnográfica começou a ser utilizada no final do século XIX e início do século XX por antropólogos que queriam estudar grupos humanos organizados, duradouros, que pudessem ser chamados de comunidades ou sociedades. O próprio significado da palavra etnografia que dizer, literalmente, a descrição de um povo. Assim, o método etnográfico procura caracterizar um grupo e sua cultura, analisando seus comportamentos, costumes e crenças (ANGROSINO, 2009, p. 16).

Os métodos de pesquisa etnográfica de campo começaram a ser utilizados a partir de 1920, com fins de estudo sobre comunidades “modernas”, por sociólogos da Universidade de Chicago, influenciando outras áreas, a saber: educação,

negócios, saúde pública, enfermagem e comunicação. (BOGDAN e BIKLEN, 2003, *apud* ANGROSINO, 2009, p. 17). Pesquisadores da área da Educação começaram a utilizar as técnicas etnográficas, que até então eram de uso praticamente exclusivo de antropólogos e sociólogos, com o objetivo de estudar “o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo”. A etnografia adaptada à área educacional relaciona-se ao processo educacional, à descrição do que é aprendido dentro e fora da escola (LUDKE e ANDRÉ, 2007, p. 13-14). São estudos, portanto, do tipo etnográfico os que se utilizam de técnicas tradicionalmente “associadas à etnografia, ou seja, a observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos”.

Segundo André (2007, p. 19), a pesquisa do tipo etnográfico é “a tentativa de descrição da cultura” e abrange o que as pessoas fazem, o que sabem e as coisas que constroem e usam. Permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar, e que se compreenda o cotidiano escolar, como se fosse possível colocar uma lente de aumento e chegar bem perto da escola, para tentar compreender sua dinâmica de relações e interações.

Neste tipo de pesquisa, é possível que se compreenda como são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e sentir a realidade e o mundo (ANDRÉ, 2007, p. 41). Dessa forma, o presente trabalho, de cunho etnográfico, pretende estabelecer um diálogo com o sujeito que está sendo pesquisado, de forma que este se situe como sujeito e não simplesmente como um objeto a ser estudado.

O significado, as ações e os eventos são grandes preocupações da etnografia, para as pessoas e os grupos estudados. De acordo com Souza, Ens e Pinto (2004, p. 7), “essa teia de significados que tece o complexo social é que dá

sentido à vida das pessoas, é o que as faz entender a si própria e dar sentido a seu mundo, é o que constitui sua cultura.”

Nessa perspectiva, a pesquisa realizada na comunidade de pescadores descreve o que acontece dentro das paredes da escola, assim como o que ocorre ao seu redor, ou seja, o universo cultural permeado pela escola. Assim com salienta André (2007, p. 37),

Os dados são considerados inacabados. O observador não pretende comprovar teorias nem fazer “grandes” generalizações. O que busca, sim, é descrever a situação, compreendê-la, revelar os seus múltiplos significados, deixando que o leitor decida se as interpretações podem ou não ser generalizáveis, com base em sua sustentação teórica e sua plausibilidade.

Dessa forma, a preocupação durante o trabalho foi com o processo educacional e sua relação com a comunidade, em que se procurou “documentar o não-documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia-a-dia da prática escolar”. (ANDRÉ, 2007, p. 41).

2.3 ABORDAGEM QUALITATIVA DE PESQUISA

A abordagem desta pesquisa integra o debate da pesquisa qualitativa, que se caracteriza, na ótica de Oliveira (2007, p. 37),

[...] como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva.

De acordo com Lüdke e André (2007), a pesquisa qualitativa implica em ter o ambiente natural como sua fonte de dados e o pesquisador como seu principal

instrumento. Este tipo de pesquisa pressupõe um contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, pois os problemas são estudados no ambiente em que eles ocorrem naturalmente. Estes mesmos autores afirmam que o contato direto com a situação estudada é essencial porque as pessoas, os gestos e as palavras devem ser retratados no contexto onde ocorrem.

A pesquisa qualitativa também compreende que os dados coletados devem ser ricos de descrições de pessoas, situações, acontecimentos, transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. É necessário que haja uma preocupação com o processo maior do que com o produto, e o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador (LÜDKE E ANDRE, 2007, p. 12).

2.4 AS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Para responder à questão "como ocorre a educação escolar na Ilha Rasa e qual a relação existente entre o mundo da vida e a prática pedagógica nos anos iniciais", foram estabelecidos os seguintes procedimentos metodológicos: a) Observação participante; b) Entrevista semiestruturada; ; c) Análise documental, e d) Registro fotográfico.

a) Observação participante

O papel do observador é de extrema importância nas pesquisas do tipo etnográfico, pois, como afirmam Lüdke e André, (2007, p. 17), as tarefas de um observador são desafiantes. Algumas das características do bom etnógrafo são a

autodisciplina, sensibilidade e maturidade. Para as autoras, esse profissional também deve inspirar confiança, ser capaz de tolerar ambiguidades e ser comprometido suficientemente para trabalhar sob sua própria responsabilidade.

Além disso, o pesquisador deve primeiramente ser aceito pelo grupo pesquisado, para então garantir a obtenção das informações necessárias para a pesquisa. A necessidade de restringir o horizonte observado em seus aspectos mais relevantes, de acordo com os objetivos da pesquisa, é também essencial (LÜDKE E ANDRÉ, 2007, p. 17).

Os primeiros contatos e aproximações com os sujeitos da pesquisa foram estabelecidos em maio de 2008, ainda na fase exploratória do estudo. Neste período, as idas e vindas eram constantes, uma ou até duas vezes por mês no primeiro ano, principalmente nos finais de semana. Procurávamos iniciar a leitura daquele mundo de pescadores artesanais.

A partir do início da pesquisa, as observações e conversas não eram mais como uma visitante do local e sim como uma pesquisadora, com outro olhar para a população e para a escola. O local era visto com os olhos de uma pesquisadora. A primeira observação, realizada em duas aulas de ciências e uma de biologia, ocorreu no mês de maio de 2008 e abrangeu um período de quatro horas. Iniciamos, a partir de então, uma compreensão do que acontecia em sala de aula: a interação aluno-professor, aluno-aluno e como eles situavam-se em uma sala de aula multisseriada.

Subsequentes observações da escola e da vila de Ilha Rasa foram realizadas durante todo o período da pesquisa, com frequência de uma vez por mês, durante os anos de 2008 e 2009.

No primeiro contato realizado com o professor Oromar Barbosa, em junho de 2008, na escola da Ilha Rasa, foi esclarecido o teor e os objetivos da pesquisa. Nas outras observações do modo de vida do grupo de moradores da vila de Ilha Rasa e nas conversas realizadas na ilha, o objetivo da análise foi sempre revelado. De acordo com Lüdke e André (2007, p.29), a observação participante é aquela em que o observador revela sua identidade de pesquisador e os objetivos do estudo logo no início do processo de pesquisa.

Nas observações realizadas na escola, notamos, entre outras coisas: 1) alunos interagindo com os professores em sala de aula; 2) alunos que, por estarem entusiasmados com a presença da pesquisadora em sala, mostravam seus cadernos e falavam todos ao mesmo tempo, mostravam caixas de ossos encontrados nos sambaquis da região, contavam histórias de fantasmas ocorridas na ilha; 3) um professor debruçado na janela da sala de aula durante a aula para conversar com a pesquisadora; 4) professor buscando apresentar uma aula interessante, mostrando o vínculo entre o conhecimento escolar e o modo de vida dos ilhéus; 5) cantineira sorrindo e preparando sagu de leite para o lanche; 6) quatro alunos sentados à mesa de refeições, copiando e desenhando um material a partir de um livro didático; 7) alunos "matando" aula no cemitério próximo da escola; 8) aula de educação física realizada em terreno próximo das salas de aula (alunos estavam jogando voleibol); 9) alguns adolescentes fumando, encostados na parede externa da escola.

Nas andanças pela vila, conversamos com os moradores e observamos, entre outras coisas: 1) crianças brincando com seus barquinhos de madeira; 2) crianças fazendo buracos grandes o suficiente para poderem entrar dentro, nas areias próximas de suas casas; 3) crianças pegando caranguejinhos, pescando de

brincadeira; 4) crianças andando de bicicleta pela recém-construída passarela que ladeia as casas da vila; 5) crianças desenhando nas varandas de suas casas; 6) crianças correndo, gritando e brincando; 7) mulheres limpando os peixes, ou arcadas e de cócoras limpando os mariscos bacucus⁶; 8) pescadores lixando e pintando suas embarcações; 9) pescadores arrumando suas redes de pesca; 10) vizinhas conversando; 11) adolescentes sentados nos bancos embaixo das árvores, conversando; 12) homens bebendo cachaça e jogando sinuca nos dois bares da vila de Ilha Rasa.

Essas observações estão em conformidade com o pensamento de André (2007, p. 28-45), ao salientar o fato de que a observação participante pressupõe um alto grau de interação com a situação estudada, possibilitando, dessa forma, a descrição dos sistemas de significados culturais do grupo, sempre com base em sua ótica e referencial teórico. Ainda segundo André (2007, p. 45), a observação participante permite maior aproximação “dos sistemas de representação, classificação e organização do universo pesquisado.

Diante desse quadro, vale ressaltar a opinião de Oliveira (2007, p.81), ao relatar que, na observação participante, é importante a interação entre o pesquisador e o contexto pesquisado, ou seja, o estabelecimento de uma relação direta com o grupo pesquisado em situações informais ou formais.

As observações foram essenciais para o desenvolvimento do trabalho, pois possibilitou que conhecêssemos o “chão” da pesquisa e estabelecêssemos laços entre a população e a pesquisadora. Serviu de ponto de partida e chegada para os

⁶ O marisco Bacucu é bastante consumido pela população ribeirinha que vive próxima às áreas de manguezais. Tem carne amarela e tamanho pequeno.

procedimentos metodológicos, referencial teórico e compreensão da importância que o cultural, o trabalho e o educacional exercem na vida desta comunidade.

b) Entrevista semiestruturada (Apêndices A, B, C e D)

As entrevistas, que têm por objetivo aprofundar as questões e esclarecer os problemas que eventualmente podem ocorrer no campo de investigação (ANDRÉ, 2007, p. 28), começaram no ano de 2008, com professores, direção da escola Marcílio Dias de Guaraqueçaba, pais, alunos da escola da Ilha e moradores da comunidade, e tiveram como intenção indagar sobre a relação dessas pessoas com a escola; estabelecer vínculos entre os sujeitos da pesquisa e a pesquisadora; perceber a comunidade como um todo; lançar um olhar "macro", que alcance a compreensão das relações e interações do lugar a ser pesquisado. Os entrevistados assinaram declarações de consentimento, vide Apêndice E. Conversamos primeiramente com o professor e coordenador da escola da Ilha, com um aluno da EJA e com um morador pescador.

Subsequentes conversas foram realizadas, no mesmo semestre de 2008, no Colégio Estadual Marcílio Dias, extensão da escola da Ilha Rasa, em Guaraqueçaba, e na Secretaria Municipal de Educação de Guaraqueçaba, sempre na busca de informações referentes à escola e que pudessem servir de ponto de partida para as investigações. Os sujeitos mostraram-se bastante receptivos e colocaram-se à disposição para conversar sobre o trabalho da escola, contribuindo em que fosse necessário para a realização do estudo. Para tanto, foi importante a explicitação dos objetivos da pesquisa desde o início.

Ainda nesta fase, conversamos informalmente com dois dos nove professores da escola, com o vice-diretor do Colégio Marcílio Dias e com um pedagogo da Secretaria Municipal de Educação de Guaraqueçaba. Paralelamente,

foram realizadas também conversas informais com pais e alunos da escola da Ilha Rasa, com o intuito de conhecer mais sobre a realidade dos ilhéus e a relação que estes moradores têm com a escola. A intenção foi também selecionar questões que pudessem fazer parte do roteiro de entrevistas a ser realizado a partir de julho de 2009.

No mês de março de 2009, durante dois dias, foram colhidos depoimentos de oito moradores, pais dos alunos da Ilha Rasa, com a intenção de selecionar os sujeitos que fariam parte das entrevistas semiestruturadas. Nessa fase, os ilhéus foram questionados quanto à percepção da ilha em que moram, como veem à escola, se esta contribui em sua vida diária, se acreditam na escola e por que não voltam para a escola. Nesse período, estava agendada uma conversa com a professora Diva, na vila Almeida. Um dos professores da escola da Ilha Rasa se ofereceu para nos levar até lá, perfazendo um trecho do caminho a pé e o outro de baleeira. No entanto, como na manhã da visita choveu muito e a maré estava baixa, nosso trabalho de campo ficou impossibilitado.

No mês de julho de 2009, iniciaram-se as entrevistas semiestruturadas, acompanhadas de roteiro, com a intenção de indagarmos esta população sobre a relação entre a comunidade e a escola, entre outras questões. Desta forma, a elaboração das questões para as entrevistas tiveram como preocupação: a) estruturar perguntas mais diretivas sobre o tema a ser pesquisado; b) formular questões mais abertas sobre as quais o entrevistado pudesse refletir; c) contemplar uma variedade de questões quanto a situação vivida pelos sujeitos no contexto cultural, educacional e de trabalho da Ilha Rasa.

Nesta oportunidade, foram entrevistados cinco pais e moradores da vila de Ilha Rasa, três professores da escola da Ilha, sete alunos do Ensino Fundamental e

dois alunos da EJA. Também fizeram parte desta fase da pesquisa a coordenadora da EJA e pedagoga da Secretaria Municipal de Educação e o vice-diretor do Colégio Marcílio Dias, em Guaraqueçaba.

As entrevistas com os professores aconteceram nas suas casas. O professor Oromar Barbosa sempre se dispôs a conversar, assim como sua esposa Andréia e filhas. Conversávamos sempre à varanda, de onde avistávamos os moradores que passavam e as crianças brincando. As conversas eram extremamente produtivas, aprendemos muito sobre a vida na escola, a vida na comunidade, costumes, professores, sonhos e aspirações futuras. A entrevista com o professor Ezequias França também aconteceu em sua casa, na cozinha, onde, rodeados por livros e papéis da escola, tomamos café preparado por sua mãe. .

A entrevista com a professora Eliane ocorreu em sua casa. Na ocasião, chegamos ao local praticamente no momento que ela iria sair para pescar com o marido e filho; no entanto, se dispôs a conversar e a participar da entrevista.

c) Análise documental

A pesquisa documental vem ao encontro dos objetivos deste estudo, na medida em que contribui para desvelar uma realidade mais ampla na qual a escola escolhida se encontra. André (2007, p. 28) esclarece que a utilização de documentos possibilita contextualizar o fenômeno, “explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes”.

O projeto político pedagógico do Colégio Marcílio Dias foi enviado para o e-mail da pesquisadora em julho de 2009, após a efetivação de entrevista semiestruturada com o vice-diretor do Colégio, no mesmo mês. Outros documentos essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, tais como documentação da

regulamentação da escola com autorização de funcionamento pelo MEC, primeiros registros oficiais da existência de escolas nas ilhas nos meados de 1966, assim como outras leis que fazem parte da história das escolas das ilhas, foram repassados à pesquisadora, no primeiro semestre de 2009, pela Secretaria Municipal de Educação de Guaraqueçaba. O projeto político pedagógico do Colégio Marcílio Dias vem sendo utilizado por todas as 30 escolas rurais da região de Guaraqueçaba. No entanto, um novo projeto começará a ser utilizado no ano de 2010, com vistas a inserir a Educação do Campo no contexto das ilhas e adaptar o projeto à realidade dos habitantes da região.

No IBAMA, foi possível a aquisição e livretos contendo leis de proteção ambiental, decretos que fazem parte desta área e lei para crimes ambientais.

- *.Estudo dos cadernos escolares*

Os cadernos escolares estão sendo compreendidos nesta pesquisa como documentos, pois como salienta Mignot (2008, p. 7), a noção de documento vem se ampliando, permitindo que os cadernos escolares passem a ser mais valorizados. Profissionais da área da educação, historiadores, especialistas em currículo e formação de professores, psicólogos, entre outros, preocupados em examinar o cotidiano das salas de aula, vêm enfatizando a importância desse suporte da escrita escolar como fonte de pesquisa.

Estamos tão acostumados aos cadernos escolares que não nos damos conta de que esses documentos nos permitem desvelar os alunos, os professores, os pais, os projetos pedagógicos, as práticas avaliativas, os valores disseminados em palavras e imagens,

[...] bem como das prescrições e interdições que confrontam sua produção, sua circulação e seus usos. Repletos de letras trêmulas, borrões de tintas,

traços vermelhos, decalques, exercícios, frases edificantes, bilhetes, elogios e reprimendas – marcas da aprendizagem e do exercício da escrita. (MIGNOT, 2008, p. 7).

Estudamos os cadernos escolares cientes de sua relevância como artefato material da escola, em que se revela o vínculo existente entre a escola e o modo de vida da população de ilhéus de Ilha Rasa. A análise serviu de indício e forneceu pistas do "real", do que efetivamente acontece em sala de aula. Procuramos ler sinais, captar em alguns desenhos e textos elementos que expressassem o vínculo por nós procurado .

Trazemos para esse texto algumas coisas que pudemos aprender ao observarmos seis cadernos escolares utilizados no ano de 2009, por alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental da escola da Ilha Rasa. As observações foram feitas no mês de julho de 2009, com o intuito de verificar se os desenhos, textos e exercícios estavam relacionados com a sua realidade. Optamos por fotografar as páginas dos cadernos que nos iam sendo mostrados pelas crianças, atitude que despertou nas demais certa ansiedade para que seus cadernos também fossem fotografados. Após algumas fotos serem tiradas, as crianças sempre pediam para vê-las e sorriam ao se depararem com suas produções.



FIGURA 1 – CAPA DE CADERNO ESCOLAR DE ALUNOS DA ESCOLA DA ILHA RASA
FONTE: Mariangela Cunha, 2009



FIGURA 2 – CAPA DE CADERNO ESCOLAR DE ALUNOS DA ESCOLA DA ILHA RASA
FONTE: Mariangela Cunha, 2009.

d) Registro fotográfico

No segundo semestre de 2008, observamos os desenhos realizados pelos alunos, colocados nas paredes da escola, dos cadernos escolares, da hora do lanche e da saída dos alunos. O objetivo foi verificar se o que se aprende na escola está vinculado com a vida na comunidade, ou seja, se a escola na Ilha reproduz o que os livros didáticos trazem *do* e *no* mundo urbano, ou se estabelece um vínculo entre esses dois mundos. Todas essas experiências foram registradas em um diário de campo e em fotografias.

A técnica fotográfica foi utilizada para auxiliar na difusão de imagens e de construções narrativas, pois segundo Souza, Enz e Pinto (2004, p.9), a fotografia é importante:

[...] para apresentar personagens, auxiliar na caracterização das práticas culturais, visualização de detalhes e seqüências de acontecimentos, enquanto possibilidade de diálogo que decorre desde a seleção do foco, da profundidade e luminosidade que contribuem para a qualidade da narrativa

requerida por uma descrição etnográfica capaz de oferecer uma leitura mais clara possível de uma determinada realidade.

A utilização da fotografia permite confrontar a veracidade dos fatos e compreender melhor o texto etnográfico. As fotos complementam as descrições dos aspectos culturais e das relações e inter-relações da situação cultural que está sendo estudada, auxiliando o leitor a outro e novo olhar para a realidade em questão (SOUZA, ENS e PINTO, 2004).

Com a técnica fotográfica, segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 189), “as fotografias tiradas pelos investigadores no campo fornecem-nos imagens para uma inspeção intensa posterior, que procura pistas sobre relações e actividades.” Para os autores, as fotografias são tidas “como parte da técnica de coleta de dados” e “para facilitar a condução de um inventário cultural” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 189).

Nesses dois anos de pesquisa, 2008 e 2009, foi essencial a permanência prolongada no campo de investigação, culminando em muitos dias de observações e de conversas com moradores e alunos. Cabe lembrar que, embora já os conhecesse havia alguns anos, até então eu era uma pessoa vinda de fora apenas para passar finais de semana na Ilha.

É fundamental salientar a dificuldade encontrada no início da pesquisa em se estabelecer conversas com os moradores. Eles falavam pouco e vagamente sobre suas vidas e a escola. Passaram-se alguns meses até que as conversas se tornassem mais produtivas e expressassem uma relação de confiança mútua entre pesquisadora e ilhéus e eles se acostumassem com a presença da moradora-investigadora. Entretanto, a necessidade de se aprender sobre esses grupos populacionais, de compreendê-los em suas falas e comportamentos, como a timidez, a sinceridade, a cumplicidade foi latente. Há muito para ser estudado na região, o que constituiu esta pesquisa como um pequeno passo de uma longa caminhada.

3 UM “SÍTIO” NO MAR: A ILHA RASA

O propósito deste capítulo é apresentar uma descrição minuciosa do local onde se desenvolveu a pesquisa, com a intenção de oferecer um panorama da região e de seus sujeitos.

Trazemos, primeiramente, uma breve retrospectiva histórica da região – o ontem –, baseada no que já foi extensamente pesquisado por Eliana do Pilar Rocha (2005), em documento produzido pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) intitulado “Zoneamento da APA de Guaraqueçaba”, cujo texto foi produzido pelos alunos, em conjunto com os professores da escola da Ilha Rasa, intitulado “A História de Ilha Rasa”, e outros documentos pertinentes ao tema.

No texto produzido pelos alunos, foram coletados relatos orais dos moradores mais antigos da Ilha, em conjunto com os professores do Ensino Fundamental, procurando descrever a Ilha em que moram, seus hábitos, crenças e parte de sua história e, enfim, a colonização da Ilha Rasa. O trabalho, escrito e desenhado pelos alunos, encontra-se fixado em uma das paredes da escola.

Em segunda instância, descrevemos a região e a comunidade onde habitam os sujeitos da pesquisa e onde se situa a escola objeto de análise. Este é o “hoje”, o que caracteriza os pescadores artesanais, o cenário de suas vidas. O amanhã é descrito com base nas entrevistas com os ilhéus e documentos analisados. Num outro momento, relatamos elementos que caracterizam a comunidade e a educação escolar na escola da Ilha Rasa.

3.1 OS ILHÉUS E O CENÁRIO DE SUAS VIDAS

O litoral paranaense estende-se por uma área de aproximadamente 150 km, considerando as baías e os terrenos recortados da costa. Este cenário é marcado pela dinâmica da natureza que integra o formato do relevo, o movimento das marés, a força dos ventos e das chuvas. Esses elementos naturais orientam as diferentes formas de utilização do solo, de ocupação do território, movimento populacional entre as ilhas e o continente, atividades econômicas e sociais, assim como a relação dessas com a diversidade populacional. Dentre os grupos populacionais que habitam esta região, com modos de vidas tradicionais e estratégias de sobrevivência diferenciadas, estão pescadores artesanais, os caiçaras⁷. (PARANÁ, 2009, p. 5).

Diegues (2004, p. 255) afirma que ainda não existem estudos precisos sobre a origem dos caiçaras, portanto há indícios de que esses grupos sejam mestiços, descendentes de índios e portugueses, com uma pequena mistura, ainda, de escravos africanos.

Carvalho menciona a semelhança entre o caiçara e o caboclo do interior.

O pescador tem estatura mediana, tendendo para baixa, magro, pele escura curtida pelo sol e pelo vento do mar. [...] Até os meados dos anos 60, muitas comunidades caiçaras localizavam-se nos cantos das praias onde, ao abrigo dos ventos, o mar calmo permitia a saída das embarcações para a pesca, e a presença de fontes garantia-lhes água para beber (CARVALHO, 1948 apud Diegues 2004, p. 256).

O complexo estuário da baía de Paranaguá é um dos mais vastos do Brasil, subdividindo-se em baías menores e várias ilhas que fazem parte dessa imensidão de águas: Mel, Peças, Cotinga, Rasa de Cotinga, Cobras, Teixeira, Gererê, Lamim,

⁷ As comunidades espalhadas pelo litoral dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná são denominadas caiçaras.

Guaramiranga, Guararema, Guará, Rasa, Gamela, Superagui e outras. Segundo a APA de Guaraqueçaba, este estuário,

[...] pode ser subdividido em duas partes principais o sistema Paranaguá-Antonina e o sistema Laranjeiras. O primeiro é um corpo d'água de orientação aproximadamente leste-oeste e com cerca de 56 km de comprimento, que corresponde as baías de Paranaguá e Antonina. O segundo corpo é a baía das Laranjeiras, de orientação norte-sul, cujo comprimento é de aproximadamente 30 km e sua largura máxima, em torno de 13 km. Nas proximidades da foz dos rios principais que deságuam nesta baía, formam-se estuários menores, denominados baía de Guaraqueçaba, enseadas do Benito e Itaquá e rio dos Medeiros (IPARDES, 2001, p. 19).

A Ilha Rasa é rodeada por manguezais⁸ e, portanto, não possui praias, locais específicos para banho, nem os habituais turistas. É uma ilha de pescadores que vivem estreitas relações de parentesco e denominam o local onde moram “sítio”. A Figura 3 ilustra a região da baía de Paranaguá, destacando as ilhas do Mel, Peças e Rasa e as cidades de Guaraqueçaba e Paranaguá.



FIGURA 3 – IMAGEM DA BAÍA DE PARANAGUÁ
FONTE: Disponível em: <http://earth.google.com/intl/pt/> (2010)

⁸ Por manguezal entendem-se as áreas de vegetação pioneira com influência flúvio-marinha, localizadas em áreas protegidas das baías. (IPARDES, 2001).

A Ilha Rasa possui uma área de 10,5 km² e altitude máxima de 40 metros. Localiza-se a aproximadamente seis milhas náuticas (11 km) de Guaraqueçaba e 18 milhas náuticas (24 km) de Paranaguá. É constituída pelas vilas: Almeida, Mariana, Ilha Rasa, Gamelas e Ponta do Lanço. A pequena vila das Gamelas fica em uma ilha próxima à Ilha Rasa, dividida somente por um estreito braço de mar, o que justifica ser considerada parte do sistema comunitário da Ilha Rasa. As vilas Almeida e Rasa, que são as maiores, permitem comunicação entre si por terra. A vila Mariana está mais isolada das outras vilas desta ilha por apresentar acesso restrito por terra. A vila Ponta do Lanço é composta por poucas casas e a escola da Ilha Rasa.

Na Figura 4, é possível visualizar a Ilha Rasa, a Ilha das Gamelas e as cinco vilas do local.

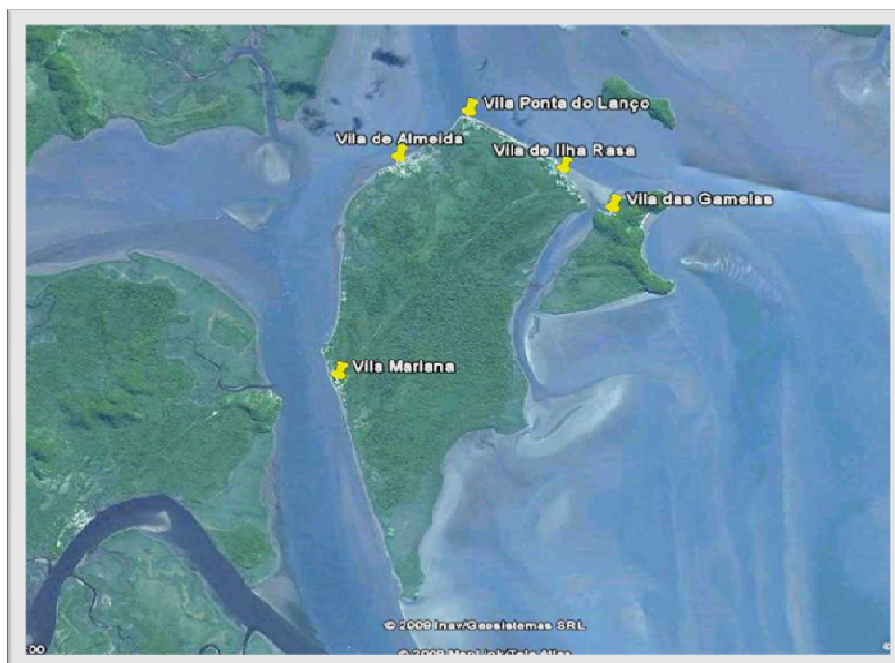


FIGURA 4 – IMAGEM DA ILHA RASA COM A LOCALIZAÇÃO DAS VILAS
FONTE: Disponível em: <http://earth.google.com/intl/pt/> (2010)

3.1.1 O ontem

A colonização das ilhas do litoral norte do Paraná se deu primeiramente na baía dos Pinheiros, localizada entre Guaraqueçaba e Superagui, por volta de 1500. O crescente interesse pelo ouro atraiu expedições portuguesas que passavam por essas terras e moradores de São Vicente e Cananéia, São Paulo. Mesmo após o declínio do ouro, estes povos permanecem dando origem ao processo de ocupação e miscigenação da região. A população que permaneceu desenvolveu atividades de pesca e/ou agricultura como modo de subsistência (ROCHA, 2005, p. 17- 22).

Relata-se que já nessa época embarcações do tipo canoas eram utilizadas para costear as praias da região, com o intuito de descobrir novas baías dentro de uma grande baía, a baía de Paranaguá (MOREIRA, 1975, apud ROCHA, 2005, p. 17).

O Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) esclarece que

Guaraqueçaba foi habitada por grupos indígenas até a colonização européia. A partir de então, seguiu-se o ciclo da mineração, quando os europeus se estabeleceram precariamente na região, principalmente à procura do ouro, mas já praticando alguma agricultura de subsistência (2001, p.85).

Rocha menciona, em sua dissertação, o autor Saint-Hilaire, que em 1820 escreve o seguinte:

[...] há na cidade de Paranaguá um grande número de indivíduos que parecem brancos à primeira vista, mas que devem sua origem a uma mistura de sangue indígena e português. É de supor que a origem dos mestiços de Paranaguá remonte a época em que os paulistas chegaram pela primeira vez até essa parte do litoral. Esses aventureiros não traziam mulheres em seus bandos, e confraternizavam livremente com os índios do litoral (SAINT-HILAIRE, 1978 apud ROCHA, 2005, p. 21).

Relatos orais coletados pelos alunos da escola da Ilha Rasa em 2007 descrevem também a chegada de portugueses em busca de ouro e a colonização destas ilhas, começando pela região de Guaraqueçaba. Apesar da ausência de datas, o documento elaborado pelos alunos vai ao encontro do que foi mencionado por Rocha e pelo IPARDES. Herança de pai para filho, os relatos sobre os primeiros moradores da vila falam de povos que, por não encontrarem o tão procurado ouro, acabaram fazendo amizade com os índios Carijós que lá moravam. Uns dizem que os portugueses ficaram e aprenderam com os índios a plantar, pescar e caçar, para a sobrevivência. Assim como os índios que, por sofrerem perseguições dos “homens brancos”, acabam sumindo da ilha, os portugueses também deixam esta localidade de paisagem e superfície plana e rasa. O nome de Ilha Rasa e os sambaquis permaneceram desde a época dos índios e dos portugueses.

O mapa populacional dessa região é redesenhado com o fim da economia com base no trabalho escravo e com a viabilização do transporte terrestre, fazendo a ligação com o planalto, em substituição ao fluvial. Com isso, a situação das famílias agricultoras se modifica, pois sem mais o fluxo do transporte marítimo e com as vias de acesso terrestres, os moradores do litoral norte do Paraná passam a produzir basicamente para a subsistência familiar, conjugando a atividade agrícola com a pesca, para consumo imediato (IPARDES, 2001, p. 86).

A pesca torna-se, dessa forma, a principal fonte de renda para os caiçaras no início do século XX. Houve, posteriormente, um período de decadência econômica, em meados do século XX. Na região de Guaraqueçaba, produtores foram excluídos do acesso à terra por grandes grupos econômicos, em um intenso processo de apropriação de terras. Agricultores locais foram retirados de suas terras ou obrigados a vendê-las, migrando para fora da região e para as regiões estuárias

próximas. Esses grupos familiares procuraram reproduzir seu modelo agrícola de atividades, conjugando a agricultura com a pesca, mas é à pesca que vão, progressivamente, se dedicando, transformando-a em atividade principal.

Esse fato foi comentado por um morador local, no momento de entrevista,

Antigamente todos esses morros eram cheios de lavoura, arroz, mandioca, cana, inhame. A gente plantava de tudo. Agora não se planta nada por causa da lei de proteção ambiental. Não pode nem cortar um pau para fazer remo, multam. Se você mata alguém pega um advogado e ponto. Se alguém pega um tatu, tá morto, tá preso. A gente mata bicho para sobrevivência⁹.

As leis de Proteção Ambiental, criadas no final do século XX, procuram preservar a biodiversidade e estão associadas ao uso sustentável dos recursos, numa tentativa de conservação de importante patrimônio cultural, representado por pescadores artesanais e agricultores familiares que vivem na região há mais de um século. De acordo com o IPARDES,

[...] o debate conservacionista, em que a relação homem/natureza, populações locais/unidades de conservação, no transcorrer das décadas de setenta e oitenta, tornou-se acirrada, ressaltando a necessidade de se discutir e encontrar medidas aplicáveis que estabelecessem ou restabelecessem a relação entre as populações locais e as unidades de conservação. (IPARDES, 2001, p. 84).

O documento produzido pelos alunos, mediante a coleta de relatos orais dos antigos moradores, relata a chegada de novos moradores, como a numerosa família Alves. Com eles, contam que outras famílias vieram e tomaram posse de propriedades, as quais chamavam de sítios ou chácaras. Lá cultivavam arroz, feijão, milho, mandioca, café, banana, laranja, cará de espinho e cará do santo, e fabricavam a própria farinha em fornalhas feitas de varas e barro dos sambaquis. As famílias trabalhavam em mutirões, criando galinhas, porcos, fabricando vassouras e

⁹ LEITE, Celso Barbosa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 08 de julho de 2009.

cestos durante o dia, e à noite dançando o fandango, como diversão (IPARDES, 2001).

Um morador afirma não plantar, em respeito às leis de proteção ambiental.

Não plantamos por causa da lei de proteção ambiental. Antigamente tinha limites para se plantar. Se plantava cará, inhame¹⁰.

Os relatos informam que, naquela época, a pesca era abundante e que as técnicas de pesca, atualmente, continuam as mesmas. Os pescadores ainda utilizam-se da tarrafa para pescar camarão e da pesca chamada “cerco”. As famílias fixaram raízes e muitos de seus descendentes permanecem até os dias de hoje nos locais, não mais dedicando-se à agricultura, mas a caça e a pesca para sobreviver.

3.1.2 O hoje

A Ilha Rasa conta com uma população de aproximadamente 700 habitantes, em sua maioria pescadores artesanais que habitam a região há muitos anos. Esses trabalhadores utilizam a mão de obra familiar, canoas a motor e a remo e outros apetrechos de pesca simplificados para prover o seu sustento. A pesca artesanal, independentemente dos ciclos econômicos, figura como principal fonte de renda e um dos principais elementos fixadores do homem na Ilha. Seus produtos principais são o camarão, o peixe, a extração de ostras e a captura de caranguejos, subsídios para suprir o seu cotidiano de tentativa de sobrevivência (IPARDES, 2001, p. 85).

¹⁰ LEITE, Celso Barbosa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 08 de julho de 2009.

A pesca no litoral paranaense é exclusivamente artesanal. Esta atividade conta com recursos naturais enormes [...] As baías da borda litorânea constituem-se ótimos criadouros naturais, destacando-se a baía das Laranjeiras pela possibilidade de criação de ostras, manjubas e camarões (DIEGUES, 2002, p. 545).

As Figuras 5 e 6 mostram um pescador utilizando seus apetrechos de pesca.



FIGURA 5 – PESCADOR DA ILHA RASA
FONTE: Mariangela Cunha, 2009



FIGURA 6 – PESCADOR UTILIZANDO A
TARRAFA
Fonte: Mariangela Cunha, 2009.

Compreendemos que a pesca artesanal que Diegues menciona é a pesca realizada dentro das baías, uma vez que a pesca realizada em mar aberto, ou seja, fora das baías, é industrial.

A Ilha Rasa esconde-se numa imensidão de águas e entre as densas árvores da Mata Atlântica. Faz parte do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC)¹¹ e da Área de Proteção Ambiental (APA)¹² de

¹¹ Sistema instituído com a promulgação da Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000 (BRASIL, 2004, p. 7).

¹² A APA de Guaraqueçaba foi criada como unidade de conservação, pelo Decreto nº 90.883/85. Localiza-se no litoral norte do Paraná, com uma extensão de 3.134 km e população de 7.777 habitantes, configurando-se uma das três unidades ambientais federais selecionadas para fazer parte do Programa Nacional do Meio Ambiente (PNMA) (IPARDES, 2001, p.iii).

Áreas de Proteção Ambiental inserem-se no Grupo das Unidades de Uso Sustentável. Segundo a Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, art. 15, “A área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos,

Guaraqueçaba. Esta região abriga um dos mais ricos patrimônios naturais do país, de alta diversidade biológica e cultura peculiar. Fazer parte de áreas de proteção ambiental implica restrições quanto ao uso do solo e dos recursos pesqueiros, pois as unidades de conservação têm como finalidades: 1) conservar a diversidade de ambientes, de espécies, de processos naturais, e 2) conservar o patrimônio cultural. (IPARDES, 2001, p. 83).

Em consequência, cresce o debate conservacionista com fortes pressões por parte do Estado, que criou, no ano de 1980, as Unidades de Conservação. Ressalta-se, dessa forma, a necessidade de discussão em torno do modelo de desenvolvimento adotado pelo Estado brasileiro para reconhecer os diferentes grupos sociais que habitam esse local e medidas para restabelecer a relação entre as populações locais e as unidades de conservação (IPARDES, 2001, p. 84-85).

As escolas localizadas nas ilhas do litoral norte do Paraná encontram-se dentro de Unidades de Conservação e atendem a uma população tradicional, a qual tem sido discriminada, tratada como atrasada e estacionária pela sociedade urbano-industrial. Essa população tem sido vista como verdadeira responsável pela degradação da natureza e impedida de reproduzir seu modo de vida (PARANÁ, 2009, p. 6). No entanto, de acordo com as entrevistas coletadas durante o trabalho de campo, os ilhéus da Ilha Rasa reconhecem que os recursos naturais são esgotáveis e que a relação com o meio ambiente deve ser cuidadoso, visando à preservação em prol das gerações futuras.

bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais" (BRASIL, 2004, p. 18).

Nesse contexto, a escola teria o papel de estabelecer um vínculo entre os conhecimentos escolares e tradicionais, visando à sobrevivência e permanência dos sujeitos nos territórios em que vivem.

As vilas da Ilha Rasa contam com casas de madeira, de frente para a baía, dispersas em espaços não delimitados de terra. Algumas são separadas por cercas vivas, com vários espaços por entre elas, possibilitando o trânsito livre pelos caminhos estreitos entre as casas. De acordo com esta ótica, ressaltamos o que diz Diegues (1998),

[...] as construções frequentemente coladas umas às outras, ruas em forma de labirinto, facilitam as relações sociais de vizinhança, de solidariedade e entre-ajuda, desaparecidas em outros lugares. (DIEGUES, 1998, p.100).

As vilas desta ilha são diferentes das cidades do interior do Paraná, por não terem uma igreja como centro, praça, numeração e nomes das ruas. “É comum encontrar nos arredores da moradia dos mais velhos ou dos pais, as casas dos filhos casados, com base num único terreno matriz.” (IPARDES, 2001, p. 89). Existe uma trama de laços familiares unindo as famílias que moram próximas umas das outras, as quais se ajudam mutuamente. As relações familiares são essenciais para a reprodução dos costumes e para a sobrevivência. É com a família que se aprende a ser pescador e que se aprende como acontece a organização social entre a terra e o mar.

A família – tanto a nuclear como a extensa – é a unidade básica da organização da vida desta população. Desde o regime de trabalho (pesca, lavoura, artesanato, pequenos serviços temporários) até o fazer religioso, manutenção de filhos em escolas urbanas, tentativas de trabalho fora, saídas a passeio, tratamento de saúde, celebrações religiosas, tudo é pensado em família e em família experimentado. A casa dos tios, padrinhos, parentes, enfim, é uma instituição facilitadora presente na realidade da população tradicional. (IPARDES, 2001, p. 88).

Na vila de Ilha Rasa, uma passarela feita de cimento (Figura 7), recentemente construída em frente das casas que ladeiam o mar com vegetação de mangue, serve de ponto de encontro entre os moradores, que caminham, andam de bicicleta ou sentam embaixo das árvores para conversar. É ao lado da igreja católica, em um espaço gramado de frente para o mar que acontecem os eventos e festas da Ilha. Os barcos dos pescadores ancorados no mangue enfeitam e caracterizam a paisagem desta localidade (Figura 8).



FIGURA 7 – PASSARELA EM FRENTE À VILA
FONTE: Mariangela Cunha, 2008



FIGURA 8 – VILA DE ILHA RASA
FONTE: Mariangela Cunha, 2008

3.1.2.1 Elementos para pensar a comunidade de Ilha Rasa

A vida na Ilha apresenta várias facetas. Pode ser calma e tranquila e ao mesmo tempo lugar onde faltam remédios e oportunidades de emprego. Desde a fase inicial da pesquisa, os moradores da comunidade foram questionados quanto à vida na Ilha, sendo essa uma questão recorrente nas rodas de conversas. As respostas foram similares, tanto dos pais e moradores mais velhos, quanto dos

alunos. Os pais e outros moradores da comunidade sinalizam para um local prazeroso de se morar, em que nasceram e pretendem ficar.

*A ilha muito maravilhosa, calma, tranquila, uma benção isso aqui. Sem poluição, sossegado, não tem assalto*¹³.

*Lugar bom, nasci aqui, calmo, vive a vontade, estou acostumada*¹⁴.

*Essa Ilha é tudo, gosto de morar aqui, não tem como não gostar daqui, muita tranquilidade, paz. Convivência com meus amigos, tranquilidade, conviver com quem eu amo, minha família*¹⁵.

Os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental da escola da Ilha comentaram gostar muito do lugar onde moram. Eles valorizam a pesca, as brincadeiras e os banhos de mar, que na Ilha são chamados de 'banhos na maré'.

*É legal morar aqui. Aqui é legal porque não tem carro e a mãe não se preocupa quando saio por aí*¹⁶.

*Gosto das frutas, das árvores. Gosto de pescar, mas não pesco. Gosto de tomar banho na maré*¹⁷.

*Gosto de brincar, é calmo, não tem carro, tem que tomar cuidado para não pisar em nada, para não ficar doente, andar de chinelo para não pegar nada. Não tem nada na Ilha que eu não goste*¹⁸.

*Gosto de brincar de bonecas, andar de bicicleta, mãe pega, mãe esconde, pique esconde, só*¹⁹.

*Brincar de mãe esconde, vôlei, andar de bicicleta, correr, brincar com as amigas, gosto de ficar na Ilha. Não gosto quando tenho que sair por aí, gosto de ficar na Ilha*²⁰.

Compreendemos, a partir dos relatos, que os moradores apreciam a tranquilidade e a convivência com os amigos e familiares. Em contraposição, os pais e moradores mais velhos fazem sobressair nas entrevistas que, para se habitar na

¹³ RAMOS, Armando Florindo. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - novembro, 2008.

¹⁴ RIBEIRO, Liomar. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - novembro, 2008.

¹⁵ LARA, Ana. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - dezembro de 2009.

¹⁶ LOBO GUARÁ. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - junho de 2009.

¹⁷ COBRA CORAL. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - junho de 2009.

¹⁸ CUTIA. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - julho de 2009.

¹⁹ PAPAGAIO-DA-CARA-ROXA. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - julho de 2009.

²⁰ TANGARÄ. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - julho de 2009.

Ilha, 'só os nativos', querendo dizer que a vida na Ilha poderá ser difícil para pessoas que não nasceram em comunidades de ilhéus e que somente se habituariam ao modo de vida local as pessoas providas de comunidades similares. Essa questão é justificada pelos ilhéus em função da falta de estrutura nas comunidades,

[...] não tem supermercado, posto de saúde, falta luz sempre, o transporte é precário²¹.

Segundo os moradores do local e o professor da escola, as principais necessidades da Ilha são: 1) padaria (que poderia ser fundada por intermédio de uma cooperativa de moradores); 2) saúde (atualmente agentes comunitários trabalham na Ilha e são pagos pelo Município); 3) médicos (não vêm à Ilha desde março de 2008. Esse serviço acontecia somente uma vez por semana; 4) dentista (os ilhéus necessitam ir à Guaraqueçaba para submeterem-se ao serviço; 5) mudas de árvores, granja, pomar, horta; 6) mercado; 7) criação de peixes; 8) reciclagem do lixo; 9) quadra de esportes, e 10) máquina de xérox.

Um dos aspectos que chamou a atenção nas entrevistas e conversas com os moradores foi relacionado à saúde. O posto de saúde, localizado na vila Ponta do Lanço, encontra-se em construção e os ilhéus sofrem com a ausência de medicamentos, médicos e dentistas. O atendimento médico, que acontecia uma vez por semana até o ano de 2008, atualmente ocorre esporadicamente.

O posto de saúde, como mencionado anteriormente, encontrava-se em processo de desabamento, sendo necessário a sua derrubada para a construção de um novo. Essa construção tem demorado mais do que previam os moradores, que relatam a falta que sentem do local. Um dos entrevistados ressalta que,

²¹ RIBEIRO, Liomar. Mãe de alunos da escola e esposa de pescador. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha – setembro de 2008.

*O que mais necessita é mais recurso para a saúde. Se acorda com dor de barriga, está fuzilado*²².

Com base nessas colocações, salientamos o que afirmam Karam e Toledo, (1996, p. 89) no documento realizado em parceria com o instituto IPARDES para caracterização sócio-econômica-cultural para a APA de Guaraqueçaba. Eles escreveram que, na área de saúde e em especial nas comunidades rurais da região, a “ausência de meios de atendimento em situações de emergência, insuficiência de medicamentos e a não periodicidade de visita médica” prejudicam a população local, que migra de canoa para outros pólos, pela necessidade de atendimento ou aquisição de medicamentos.

A comunidade tem apontado que as questões de higiene e saneamento precisam de cuidados, garantindo que não venham a prejudicar os recursos naturais, a atividade pesqueira e a saúde da população.

A água chega até a Ilha por dutos submersos provindos do continente, partindo de uma comunidade chamada Morro da Caçada. O tratamento da água é pago pelos ilhéus, via associação de moradores. Uma pessoa indicada pela associação é responsável por fazer a limpeza da mina d'água e colocar cloro na caixa feita na nascente, uma vez por mês. A associação cobra R\$ 4 (quatro reais) de cada morador para efetuar o trabalho. A prefeitura de Guaraqueçaba repassa o equivalente a um salário mínimo, mensalmente, para a Associação.

O tratamento de esgoto é realizado pelo sistema de fossas artesanais, diretamente no solo. No início da fossa, é feito um caixote de cimento ou madeira e

²² LIMA, Marcos Roberto Ribeiro de. Aluno da escola da Ilha Rasa. Entrevista concedida a Mariangela Hoog Cunha – março de 2009.

o restante vai diretamente para o solo. Quando esta fossa fica cheia, abrem-se outras. A esse respeito, pontuamos o que relata o IPARDES,

[...] com relação aos demais serviços relativos ao saneamento básico, como esgoto e coleta de lixo, as condições permanecem no mesmo nível de precariedade. É fundamental ressaltar que estes serviços são os que têm maiores conseqüências sobre as condições de qualidade de vida da população, resultando em quadros crônicos de deficiência de saúde, como as diarréias, as verminoses e parasitas em geral, afetando sensivelmente a população infantil. (IPARDES, 2001, p. 92).

Na década de 1990, o programa Baía Limpa²³, iniciativa do Governo do Estado, procurava promover a conscientização da população litorânea no que respeita à preservação das baías do litoral do Paraná e a responsabilização pelo lixo local em troca de cestas básicas. Infelizmente, o projeto não teve continuidade e foi interrompido em 2002, e a coleta passou a ser realizada somente de forma pontual. Os moradores consultados sobre o assunto sentem-se ressentidos, pois acreditam que 'seria bom se continuasse' [o projeto].

Atualmente, existem dificuldades em relação à coleta e o destino do lixo, constituídos principalmente por matéria inorgânica (plásticos, latas, papel). De vez em quando, os moradores conseguem vender sucata, principalmente latas, 'quando aparece alguém para comprar'. O restante é queimado na própria Ilha, em qualquer lugar e em condições desfavoráveis ao meio ambiente, ou acumulado nas encostas. Os moradores da localidade acreditam que esta questão 'deveria ser mais cuidada'.

As vilas contam com instalações comerciais onde se encontram produtos básicos de mercearia, mesas de bilhar e bar. Os ilhéus recorrem aos serviços oferecidos por Guaraqueçaba e Paranaguá, tais como bancos e comércio em geral, aproximadamente uma vez ao mês.

²³ Informações coletadas junto aos moradores da comunidade da Ilha Rasa e do site: <http://www.spvs.org.br/principal/index.php>. Acesso em: 25 jul. 2009.

Os moradores afirmam que há a necessidade de transporte público marítimo, o qual facilitaria em muito suas vidas. Para se deslocarem da ilha para o continente, os ilhéus que não possuem barcos a motor pegam carona com outros moradores que os possuem. Constatase, desta forma, o grau de abandono por parte das entidades governamentais em relação aos povos ilhéus do Paraná.

E o transporte dos ilhéus?

Os habitantes dessa região do país utilizam baleeiras e botes para pescar e para se locomover. O barco é o bem maior do pescador e o som alto²⁴ dos seus motores, indo e vindo, faz parte do cenário das ilhas do Paraná. É comum ouvir também os cantos dos pescadores até mesmo antes de se visualizar o próprio barco. Quando estão em terra, os cuidados com essas embarcações são constantes: estão sempre sendo lixadas e pintadas. Desenhos como anjos e santos aparecem com frequência nos cascos, assim como os dizeres "AMIGO DA FÉ, DEUS É FIEL", juntamente com símbolos da marca *Nike*.

Em uma das baleeiras da Ilha Rasa observamos também o emblema do carro "Jaguar" instalado no bico frontal do barco. Esse tipo de transporte pode oferecer riscos às crianças, tendo em vista que o barco é pequeno e coletes salvavidas não são habituais na região. Essa é, na verdade, uma questão que faz parte do dia-a-dia dessa população. Não há registros de acidentes com crianças por utilizar esse tipo de transporte. Nos dias em que a neblina está muito baixa, o transporte é cancelado. Em diversas ocasiões, os alunos, juntamente com o piloto

²⁴ O som alto dos barcos dos pescadores se deve a não utilização de escapamentos.

do barco, chegaram a se perder e encalhar na serração, acarretando com isso atrasos e perda de aulas.

A maré baixa acaba sendo outro fator preocupante para os moradores das ilhas, os quais afirmaram que, quando há muita neblina ou vento forte, o trajeto torna-se difícil e perigoso, a passagem fica impraticável e, muitas vezes, os alunos e ou moradores precisam esperar dentro do barco e no meio da baía até a maré subir.

Tem lugar que é baixo e seco tudo, faltava uns 30 metros para pegar a beira do fundo²⁵.

Na Figura 9 podemos observar os barcos que são utilizados pelos habitantes dessa região do Paraná. Este tipo de embarcação é utilizado também por alunos que habitam regiões próximas à Ilha Rasa e que frequentam a escola Gabriel Ramos da Silva.



FIGURA 9 – BALEEIRAS E CANOAS
FONTE: Mariângela Cunha, 2009.

²⁵ LIMA, Marcos Ribeiro de. Aluno da escola da Ilha Rasa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha. Março, 2009.

A atuação do Estado com políticas públicas e a presença de diversas entidades governamentais contribuem pouco para a vida dos moradores locais. A Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Proteção Ambiental (SPVS), em parceria com órgãos governamentais, fundações, outras ONG, diversas empresas e com a colaboração de voluntários, desenvolve vários projetos²⁶ na região de Guaraqueçaba.

Um dos principais líderes da comunidade da Ilha Rasa é ministro da Eucaristia, coordenador da escola pelo Estado e professor das séries iniciais pelo município, que é também o responsável pela missa na igreja católica, uma vez que, regularmente, não há padre na Ilha Rasa. Há, na vila de Ilha Rasa, uma igreja católica e outra evangélica, que conta com um pastor residente. Percebe-se que os moradores desta comunidade são tementes a Deus, participam ativamente das festas e reuniões proporcionadas pela igreja. A igreja evangélica não tem tantos adeptos, pois os obriga a viver em contraposição com a vida de um pescador artesanal, proibindo-os de usar bermudas, manga curta, jogar futebol, dançar, ouvir música, entre outras demandas. Segundo os moradores²⁷, poucos suportam a situação imposta pelos religiosos, pois além do clima úmido e com temperaturas elevadas na maior parte do ano, os ilhéus têm poucas oportunidades de diversão.

As fotos a seguir demonstram construções religiosas situadas nas Vilas de Ilha Rasa: a Figura 10 traz a igreja evangélica, a Figura 11 apresenta a mesma igreja, vista ao fundo, por outro ângulo, e a Figura 12 traz a igreja católica.

²⁶ Projetos desenvolvidos na região de Guaraqueçaba: – Projeto de conservação do papagaio-da-cara-roxa; – Projeto Sequestro do Carbono, Conservação e Desenvolvimento, incluindo projetos de educação ambiental com comunidades locais; – Projeto Reservas Naturais da Floresta Atlântica. Disponível em: <http://www.spvs.org.br/principal/index.php>. Acesso em: 25 jul. 2009.

²⁷ RIBEIRO, Liomar; RAMOS, Armando Florindo. Entrevistas concedidas a Mariangela Cunha. 2008.



FIGURA 10 – IGREJA EVANGÉLICA
FONTE: Mariangela Cunha, 2008



FIGURA 11 – VILA DE ILHA RASA
FONTE: Mariangela Cunha, 2008



FIGURA 12 – IGREJA CATÓLICA
FONTE: Mariangela Cunha, 2008.

3.1.3 O amanhã

No decorrer das últimas décadas, a população que vive nas ilhas e nas regiões ribeirinhas do litoral norte do Paraná vem sendo atingida por processos de transformações econômicas, sociais e culturais. A desestruturação econômica das mais importantes atividades desenvolvidas na região (pesca e lavoura) reflete um processo global de mudanças regionais. As restrições impostas pela redefinição da estrutura fundiária e da legislação ambiental em vigor são apontadas como fatos preponderantes na decomposição da estrutura social da região. O esgotamento dos recursos naturais também colabora para as dificuldades atuais e futuras. (IPARDES, 2001, p. 94).

As atividades produtivas tradicionais encontram-se praticamente sem perspectivas futuras, desestimulando os mais jovens a aprender os conhecimentos acumulados por seus ancestrais. Este fato vem ocasionando um crescente número de homens e jovens que encontram nas drogas e no álcool o amortecimento de seus problemas, levando muitos a migrarem para pólos urbanos mais próximos. (IPARDES, 2001, p. 94).

Vale ressaltar que, com a implantação das leis de proteção ambiental da década de 1980, as áreas reservadas para fazer parte das Unidades de Conservação foram tidas como desabitadas, o que não correspondia à realidade. A população de ilhéus e ribeirinhos que habitava essas regiões foi desconsiderada. Juntamente com esses povos, foram também desconsiderados seus hábitos, costumes e sua história. (PARANÁ, 2009, p.23).

Com o intuito de conservar o ambiente natural, a sobrevivência dos moradores das ilhas e a manutenção de seu modo de vida foi inviabilizado. Desse

modo, a segurança alimentar dos ilhéus torna-se limitada, contribuindo para o esfacelamento dessas comunidades. (PARANÁ, 2009, p.24).

Por outro lado, torna-se cada vez mais urgente a busca de alternativas econômicas que tornem possível a permanência desses moradores nas suas comunidades, o que contribui para a manutenção do patrimônio cultural que representam e armazenam. (IPARDES, 2001, p. 95).

[...] as informações disponíveis sobre a pesca artesanal do litoral do Paraná apontam para o esgotamento dos recursos, principalmente dos peixes e camarões, e por sua vez para o agravamento do quadro sócio-econômico das comunidades pesqueiras tradicionais (IPARDES, 2001, p. 51).

3.2 HISTÓRIA DAS ESCOLAS DAS ILHAS

Com o propósito de compreender as escolas rurais nas ilhas do litoral norte do Paraná, torna-se indispensável descrever alguns fatos que perfazem a história da escolarização na Ilha Rasa. Para tanto, foram utilizados os resultados do trabalho de campo, entrevistas com moradores da localidade e análise de documentos²⁸.

Por volta da década de 1930, ao mesmo tempo em que havia um esforço por parte do governo do Estado para oferecer escolas rurais para uma população que necessitava ser instruída, a educação escolar era negada aos povos ilhéus da baía de Paranaguá. Essa negação existia no sentido de que esse grupo populacional não contou com uma escola pública até a década de 1960, existindo então iniciativas próprias de escolarização. Os ilhéus que habitavam essa região, na

²⁸ Para desenvolver este tópico, foram utilizados os seguintes documentos: 1) Primeiro registro oficial da Escola da Ilha Rasa, Escola Gabriel Ramos da Silva; 2) Primeiro registro oficial da escola da vila Almeida, Escola Santa Terezinha; 3) Posição Cadastral da vida do estabelecimento Gabriel Ramos da Silva, de 21/03/2007; 4) Posição Cadastral da vida legal do estabelecimento Escola Santa Terezinha, 21/03/2007; 5) Resolução nº 3806/82; 6) Resolução nº 3763/84; 7) Resolução nº 3764/84; 8) Resolução nº 4241/93; 9) Resolução nº 2157/96; 10) Resolução nº 3635/07. Esses documentos foram coletados junto à Secretaria Municipal de Guaraqueçaba no momento do trabalho de campo, em julho de 2009 (Anexos).

época de 1930, eram instruídos em salas de aulas improvisadas na casa dos professores.

Consta que, nesse período, poucas pessoas viviam na Ilha Rasa. Moradores da Ilha falam que havia mais ou menos dez casas no local e que a maioria das pessoas habitava a ilha vizinha, Ilha das Gamelas, em uma das poucas praias de areias brancas da região. Hoje esta praia encontra-se desabitada e os seus antigos moradores habitam o outro lado da mesma ilha. Esses residentes fazem parte da vila das Gamelas, que pertence à comunidade de Ilha Rasa. Um morador da vila das Gamelas chamado Celso conta que a água encanada só chegou à Ilha há 12 anos.

Era só poço. Não tinha nada na Ilha Rasa, umas 10 casas, por causa da água²⁹.

Morador da Ilha Rasa desde o seu nascimento, em 1936, Moricy Barbosa conta sobre uma escola na Ilha das Gamelas para crianças de 8 a 9 anos. Esta escola, da primeira metade do séc. XX, possuía uma sala de aula dentro da casa da Dona Eulália, primeira professora do local. Há indícios de que esta era uma professora leiga, pois segundo entrevista com os ilhéus,

Nasci e vivo aqui até hoje no mesmo lugar, não arredei o pé ainda. Meu pai já morava aqui nesta casa e agora eu moro aqui. Tenho 10 filhos. Tenho a impressão que a professora só sabia um pouquinho e já ensinava. Tinha uma sala de aula dentro de casa com mais ou menos 10 a 20 alunos. Era 1ª a 4ª série numa sala só. Era cartilha e quadro³⁰.

Depois da Dona Eulália, outra professora parece ter assumido o local: Dona Zelinda, que era financiada pelo município e também lecionava em casa. Sabe-se que dona Zelinda lecionava até a 3ª série do Ensino Fundamental, não havendo,

²⁹ LEITE, Celso Barbosa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha. 08 de Julho de 2009.

³⁰ BARBOSA, Moricy. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 29 de julho de 2009.

entretanto, registros escritos desse ensino, nem de sua formação. Por volta do ano de 1950 a família da professora Zelinda deixou a Ilha para morar em Paranaguá.

Estabelece-se, então, na Ilha, uma escola Adventista, com sede própria, contendo duas salas de aula e três professores: Samuel, Pedro e Fontora, vistos como professores que

[...] botavam a turma para marchar, jogar bola, tudo que o exército fazia era bom para as crianças³¹.

Os primeiros registros³² na Secretaria Municipal de Educação de Guaraqueçaba datam de meados da década de 1960. As escolas da Ilha Rasa, Escola Santa Terezinha e Escola Gabriel Ramos da Silva iniciaram suas atividades nos anos de 1969 e 1966, respectivamente. Nesta época os professores das escolas das ilhas e comunidades ribeirinhas dirigiam-se a Guaraqueçaba para registrar os alunos matriculados, a série em que se encontravam, nota final e se estavam aprovados ou reprovados. O Ensino Fundamental para os anos iniciais era ofertado em classes multisseriadas, fato que se perpetua até os dias de hoje.

Estes registros foram mostrados a alguns dos professores e outros moradores da vila de Ilha Rasa como curiosidade. Constatamos que muitos dos sobrenomes presentes nos primeiros documentos das escolas da Ilha são os mesmos sobrenomes das famílias que ainda moram lá. Um dos alunos da época de 1966 é pai de um professor da escola. A professora Diva Pinto de Oliveira foi aluna da escola da vila de Almeida, em 1969, e é atualmente professora das duas escolas da Ilha Rasa, desde 1978.

³¹ BARBOSA, Moricy. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 29 de julho de 2009.

³² Fotocópias desses registros, cedidos pela Secretaria Municipal de Educação de Guaraqueçaba, encontram-se nos Anexos dessa pesquisa.

Nos primeiros anos de funcionamento, as escolas das ilhas funcionaram como escolas isoladas³³ até a implantação do Movimento das Escolas Consolidadas, a partir de 1979. Em 1980, com a Lei nº 5692/71, essas escolas passam a escolas consolidadas e, assim, permaneceram até a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96.

Em 1984, com a Resolução nº 3763/84, nove escolas rurais localizadas no município de Guaraqueçaba, entre elas a escola de Ilha Rasa, passam para a vigência Estadual e começam a denominar-se Escolas Rurais Estaduais. Neste mesmo período, a Escola Rural Estadual de Ilha Rasa recebe a autorização de funcionamento por cinco anos, com efeito retroativo ao ano de 1980, para as séries iniciais do ensino de 1º grau, com classes multisseriadas. Com a Resolução 3763/84, a Escola Rural de Ilha Rasa passa a denominar-se Escola Rural Estadual de Ilha Rasa.

Em 1993, a Resolução nº 4241/93 estabelece que algumas escolas estaduais do município de Guaraqueçaba, que até então eram mantidas pelo Governo do Estado do Paraná, passam a ter a Prefeitura Municipal de Guaraqueçaba como Entidade Mantenedora, passando então de Escola Rural Estadual de Ilha Rasa a Escola Rural Municipal Gabriel Ramos da Silva. A escola mantém este nome até os dias de hoje. Nesse ano, a Resolução nº 2157/96 a Escola Rural Municipal Gabriel Ramos da Silva estabelece a prorrogação de funcionamento por tempo indeterminado.

A Escola da Vila de Almeida, ou Escola Rural Santa Terezinha, denominava-se Escola Rural Municipal Santa Terezinha em 1984, com a Resolução nº 3764/84. Em 1996, a Escola Rural Municipal Santa Terezinha recebe também a autorização

³³ Segundo o Decreto-lei nº 8 529/46, uma escola isolada constitui-se quando houver uma só turma e um só professor. (LEI nº 8 529/46, apud GRITTI, 2003, p. 24).

de funcionamento por tempo indeterminado, por meio do Decreto nº 2157/96. A escola, que iniciou suas atividades oficialmente no ano de 1969, teve a sua primeira autorização de funcionamento em 1982, com a Resolução nº 3806/82, quando passa a denominar-se Escola Rural Santa Terezinha. Nessa época, a escola da vila de Almeida era mantida pela Prefeitura Municipal do município de Guaraqueçaba. A Escola Santa Terezinha oferece Educação Infantil desde 2001, quando recebeu autorização para o funcionamento da mesma.

As escolas das ilhas do Paraná foram escolas consolidadas até o ano de 1979. Nessa época, a preocupação com os problemas da educação da zona rural do Estado do Paraná tendia para a implantação de uma proposta já inicialmente testada nos Estados Unidos, o Movimento de Consolidação de Escolas Unidocentes, que serviu de inspiração parcial para que esse modelo de educação fosse também adotado e adaptado no Brasil, sempre se levando em consideração as diferenças entre os dois países. Segundo Pereira (2002),

[...] o Movimento de Escolas consolidadas reorganiza as escolas isoladas de uma ou duas salas localizadas na zona rural dos municípios em um prédio maior, comumente chamado Escola Consolidada. Pelo menos na proposta, cada Escola Consolidada deveria ser equipada com espaço adequado para o funcionamento de uma boa escola; com o número suficiente de salas de aula para acomodar alunos de diferentes séries em salas separadas; biblioteca, salas específicas para oficinas, espaço para educação física e para administração escolar e transporte escolar. Além da vantagem da centralização, a Escola Consolidada deveria ter um corpo docente qualificado, supervisores, orientadores educacionais pedagógicos, consultores e um corpo administrativo em cada prédio. (PEREIRA, 2002, p. 16).

Procurava-se, com essas escolas, notadamente solucionar um “problema educacional: melhorar a oferta de educação rural”, e também fazer cumprir a Lei 5692/71, que previa escolas para crianças de 7 a 14 anos. Nesta época, a maior parte das escolas isoladas localizadas na zona rural oferecia somente as quatro

primeiras séries do Ensino Fundamental, ocasionando forte desequilíbrio entre a educação urbana e a rural (PEREIRA, 2002, p.16).

As escolas das ilhas da baía de Paranaguá funcionaram como sub-sede do Colégio Marcílio Dias até o final do ano de 2009. Para o ano de 2010, está sendo projetada uma alteração nessa forma de organização, passando a escola da Ilha Rasa a ter autonomia pedagógica e administrativa. A escola da Ilha Rasa atende, atualmente, 176 alunos, divididos nas modalidades Ensino Fundamental, Médio e EJA.

Os alunos da escola da Ilha Rasa influenciam e são influenciados pelo modo de vida da comunidade em que vivem, valorizam o aprendizado que adquirem na escola e fazem a ligação deste com o trabalho e com o mundo da produção. As influências, mencionadas anteriormente, são decorrentes do trabalho exercido nas comunidades: pesca artesanal em sua maioria, da cultura e da educação.

Essas observações indicam a necessidade de discutirmos os eixos teóricos, trabalho, cultura e educação, neste trabalho, para traçarmos uma melhor compreensão desse grupo populacional.

4 PRÁTICA SOCIAL DOS POVOS ILHÉUS DE ILHA RASA

Os três conceitos-chaves desta dissertação, Trabalho, Cultura e Educação, encontram-se entrelaçados na vida dos ilhéus de Ilha Rasa, inseridos numa realidade em que o cultural envolve a escola, o trabalho e as realizações futuras.

Nas ilhas das baías do litoral norte do Paraná, as crianças, filhos de pescadores, começam a pescar desde muito cedo. Os pais as levam em suas canoas para ensinar-lhes o ofício de seus antepassados – esse é o aspecto cultural. Nesse contexto, “a organização social tende predominantemente à conservação da situação dominante” (SAVIANI, 2007, p. 164).

Os pais, ao mesmo tempo em que acreditam que a educação escolar não lhes trará grandes benefícios, reconhecem a necessidade da escola para seus filhos – a educação. Quando a criança alcança 10 ou 11 anos, começa a pescar sozinha e acaba por exercer frequentemente esse trabalho, para auxiliar no sustento da família – o trabalho. O trabalho de pescador acaba se tornando um prazer, meio de subsistência e parte cultural de suas vidas.

A exposição separada de cada um desses temas neste capítulo é relevante para a compreensão do processo educacional dessa população; de como os indivíduos percebem o ambiente em que vivem; dos dilemas enfrentados na dualidade entre a educação e o trabalho, bem como as dificuldades encontradas pelos professores para a manutenção e continuidade da educação.

O intuito é dar visibilidade ao entrelaçamento dos três conceitos que expressam a prática social dos povos da Ilha Rasa, para, posteriormente, compreender que relações existem entre a prática cotidiana e o processo de escolarização.

4.1 TRABALHO

O trabalho, na presente pesquisa, está sendo compreendido como o processo no qual o homem age em sociedade, utilizando as próprias forças naturais do seu corpo, a fim de produzir condições materiais de existência. O trabalho cria novas forças ou propriedades não possuídas naturalmente pelo corpo humano, graças à produção de novas funções e novos recursos.

Ao potencializar suas forças, o homem desenvolve-se ao longo da história. E esse desenvolvimento é, portanto, fruto de sua própria produção, fruto de seu trabalho. O homem torna-se dessa forma, não apenas produto do seu meio, mas agente ativo no processo de criação deste meio.

Os processos educativos integram as experiências e as vivências que o ser humano tem no decorrer de sua vida. A experiência do trabalho, da produção, o ato produtivo que nos produz como pessoas deixam marcas em todos. Com efeito, o ser humano se produz na medida em que produz, constituindo-se em sujeito cultural. (ARROYO, 1999, p. 26).

Procurando ver esta população na sua totalidade, os ilhéus que habitam a Ilha Rasa integram uma cultura maior, uma cultura universal que, no decorrer da história, não teve acesso ao material concreto disponível na sociedade. Saviani (2007) compreende o fenômeno em pauta com propriedade, ao afirmar que as diferenças entre os diferentes grupos sociais

[...] consiste no grau de participação, no usufruto dos bens culturais. As conquistas culturais resultam de toda a sociedade, mas grande parte não participa dessas conquistas, o que significa dizer: grande parte participa da produção da cultura, mas não participa de sua fruição. É esse o verdadeiro sentido da “desintegração cultural brasileira” que a idéia de “arquipélago cultural” só faz mascarar. (SAVIANI, 2007, p.162).

Diante do exposto, procurando compreender a situação cultural dos ilhéus de Ilha Rasa, recorro a Marx, que afirma:

O trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. (MARX, 2008, p. 211).

Os ilhéus retiram seu sustento diretamente da natureza, sobrevivendo, em sua grande maioria, do extrativismo³⁴: camarão, caranguejos, ostras e várias espécies de peixes.

*Solto lanço, pesco para sobreviver, do mar pra casa e da casa pro mar*³⁵.

*Aqui tudo o que você precisa é só soltar a rede que você vai ter*³⁶.

Diante dessa questão, Marx afirma que a natureza fornece os “[...] meios de subsistência prontos para utilização imediata, existe independentemente da ação [...]. Assim, os peixes que se pescam, que são tirados do seu elemento, a água [...]”. (MARX, 2008, p. 212).

Do ponto de vista organizacional, os pescadores artesanais de Ilha Rasa trabalham, em sua grande maioria, individualmente. O indivíduo independente caracteriza as relações sociais e materiais dessa sociedade, onde se pesca e se trabalha para as próprias necessidades. O trabalho significa, ao mesmo tempo, sua sustentabilidade e seu prazer.

³⁴ Segundo a Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, art. 2º, inciso XII, extrativismo é o sistema de exploração baseado na coleta e extração, de modo sustentável, de recursos naturais renováveis.

³⁵ VIDAL, Juliano Nunes. Entrevista concedida a Mariangela Cunha – junho, 2009.

³⁶ LIMA, Marcos Roberto Ribeiro. Entrevista concedida a Mariangela Cunha – junho, 2009.

*Chama os amigos e os convida para soltar uma rede amanhã*³⁷.

O ofício do pescador acontece quase instintivamente: os homens pescam desde muito cedo, habitam-se ao ofício e acabam por exercê-lo ao longo de toda a vida. As crianças começam a pescar sozinhas sempre perto da costa. Mas antes de exercerem a atividade pesqueira sozinhas, as crianças pescam à tarde com os pais, dedicando as manhãs ao estudo. Segundo relatos, 'quando se é pequeno, se começa a pescar pensando em ajudar os pais'.

No contexto da Ilha Rasa, a pesca, a pequena lavoura, a prestação de serviços temporários locais (para pedreiro, servente, canoeiro e afins), os poucos empregos públicos na área da saúde (duas pessoas) e da educação (professores), e o exercício do pequeno comércio³⁸ são as principais atividades econômicas desenvolvidas por essa população. (KARAM, TOLEDO, 1996, p. 30). Há escassez de outras fontes de renda. A pesca é, conseqüentemente, a principal atividade desenvolvida.

A presença das mulheres é ativa no mundo do trabalho dos pescadores da Ilha Rasa. Segundo o que demonstra o IPARDES;

Para além das atividades do espaço da casa (lavar, cozinhar, limpar a casa, costurar, etc.) e de seu entorno (criação, horta, corte de lenha e outras tarefas consideradas domésticas) as mulheres trabalham na roça tanto quanto os homens, muitas são companheiras de pesca diretamente, ou são as responsáveis por muitos dos procedimentos antes de serem vendidos. (2001, p. 90).

Elas trabalham na limpeza de mariscos, camarões, ostras e siris, como agentes comunitárias e atendentes de enfermagem no Posto de Saúde. Nas escolas da Ilha, são professoras, serventes ou cantineiras. Exercem a pesca juntamente com

³⁷ LIMA, Marcos Roberto Ribeiro de. Aluno da escola da Ilha Rasa. Entrevista concedida à Mariangela Hoog Cunha – junho de 2009.

³⁸ Estes estabelecimentos são as mercearias de dois moradores da Ilha Rasa.

seus maridos e são, ocasionalmente, vistas dentro de canoas, pescando. Desde crianças, as mulheres aprendem as técnicas da pesca, envolvendo-se na produção de redes, tarrafas e na colocação de chumbadas, muitas delas sustentando ou colaborando decisivamente no sustento da vida familiar. Consequentemente, desempenham um papel de extrema importância para a manutenção do modo de vida dos pescadores artesanais (KARAM E TOLEDO, 1996, p. 41-42).

A necessidade de subsistência dos moradores obriga-os a escolher entre as diversas formas de trabalho de acordo com as suas necessidades, tempo disponível, clima e marés. “Apesar da diversidade de suas funções produtivas, sabe que não passam de formas diversas de sua própria atividade, portanto, de formas diferentes de trabalho humano.” (MARX, 2008, p. 98).

O produto do trabalho dos ilhéus é utilizado para a subsistência e para a venda, dependendo da quantidade pescada. O que chega a ser classificado como mercadoria é somente a quantidade excedente da pesca, que é vendida. Torna-se, portanto, um produto de consumo e de venda quando é repassado aos atravessadores.

Marx atesta que,

Uma coisa pode ser útil e produto do trabalho humano sem ser mercadoria. Quem, com seu produto, satisfaz a própria necessidade, gera valor-de-uso, mas não mercadoria. Para criar mercadoria, é mister não só produzir valor-de-uso, mas produzi-lo para outros, dar origem a valor-de-uso social. (MARX, 2008, p. 62-63).

O principal intermediário dos pescadores tem 73 anos e dez filhos, dos quais sete moram na Ilha e três na cidade de Paranaguá. Um dos filhos que mora na Ilha é professor-coordenador da escola e ministro da eucaristia. A parte da família que mora em Paranaguá possui duas bancas de venda de pescados no mercado municipal. É uma empresa familiar, que pesca, compra o produto dos outros

pescadores e revende na Ilha Rasa e em bancas do mercado municipal de Paranaguá. A esse respeito, destacamos o que afirma o IPARDES,

A comercialização é intermediada principalmente por um morador mais abonado, normalmente comerciante local, proprietário de barcos a motor e muitas redes. Muitos pescadores trabalham para este comerciante [...]. (2001, p.87).

No final de cada dia, os pescadores vendem o pescado capturado a este comerciante, o qual define o preço do produto, que sofre variações de acordo com o tipo do peixe. Alguns produtos são beneficiados na própria Ilha, tais como as espécies baiacu e bagre, dos quais se 'corta a espora e limpa a barriga'³⁹. Produtos como camarão, tainha, saguá, pescadinha e robalo são transportados para Paranaguá sem beneficiamento. A decisão sobre o tipo de pesca a ser utilizado depende também do local de pesca. Quando se está perto da costa, local de pedras e caliças, ou seja, corais,

*Fica onde o peixe se alimenta, se bate o lanço e os peixes vão pra rede, pois não tem para onde ir*⁴⁰.

Eis algumas formas de exercer o trabalho – técnica e instrumentos – dos pescadores na Ilha Rasa, segundo os moradores⁴¹:

- 1) Lanço: utilizada para a pescadinha. Quando a maré está parada, solta-se o "lanço", ou seja, solta-se a rede, pois este é um momento propício para a pesca.
- 2) Espera: utilizada para pescar Bejereba, Bagre e Corvina. Coloca-se a rede pela manhã e a retira no dia seguinte. Essa técnica é tida como a

³⁹ LIMA, Marcos Roberto Ribeiro de. Aluno da escola da Ilha Rasa. Entrevista concedida à Mariangela Cunha – junho de 2009.

⁴⁰ LIMA, Marcos Roberto Ribeiro de. Aluno da escola da Ilha Rasa. Entrevista concedida à Mariangela Cunha – junho de 2009.

⁴¹ BARBOSA, Odirlei; RAMOS, Armando Florindo; LIMA, Marcos Roberto Ribeiro de. Entrevistas concedidas a Mariângela Cunha -maio, 2009.

ideal; no entanto, segundo Rocha (2005, p.79), este tipo de pesca requer mais de um pescador para sua instalação.

3) Bate lanço: utilizada para pescar todo tipo de peixe, pois “o que cai na rede é peixe.” A rede é lançada com a maré parada e utiliza-se o remo para bater na água, com o intuito de assustar os peixes, que caem na rede com mais facilidade. Esse tipo de pesca é realizado “rápido, bateu, puxou a rede e traz embora”. Atualmente, a prática está proibida pelo IBAMA, que apreende a rede e multa o pescador.

4) Caceia o lanço: a rede é lançada quando a maré está atingindo seu término, quase parada. Espera-se a maré cheia ou vazante iniciar e puxa-se a rede, sem bater na água.

5) Tarrafa: utilizada pelo pescador lançando a rede “sobre o cardume de peixes na corrente da maré e puxada em seguida, trazendo muitos peixes com as barbatanas e guelras presas nela, como o robalo, o bagre, além de siris e camarões”. (ROCHA, 2005, p. 79). Consiste em uma rede em forma de cone, maior embaixo e suspensa por uma corda, que, quando lançada, forma um círculo na água.

Segundo Rocha, a rede afunda

[...] à medida que o pescador solta a corda ligada ao centro da rede, que mede, do centro à extremidade, cerca de dois metros e meio. Essa prática, no mar, necessita de pelo menos dois pescadores em cada canoa, pois enquanto um lança e puxa a tarrafa, o outro controla a canoa e os remos. Esta é a rede mais comum de ser vista na região, uma vez que é com essa rede que os meninos aprendem a pescar, atirando-as da beira da praia. No entanto, a tarrafinha utilizada pelos meninos para aprendizagem mede, no máximo, do centro à extremidade, de oitenta centímetros a um metro. (ROCHA, 2005, p.79).

6) Tarrafinha: tipo de rede, similar à tarrafa, utilizada especificamente para a pesca do camarão. O lado mais largo do cone encosta no chão e

possui chumbinhos presos numa das extremidades e uma vara de três a quatro metros de comprimento na outra. O meio se afunila até chegar à carapuça, onde ficam presos os camarões. A tarrafa é jogada e levada pela maré, enchendo tudo. Na ponta da vara, colocam-se chumbadas, que são pesos maiores para controlar o peso da tarrafa para que não levante. “É como um vestido de noiva, na frente mais curto e atrás mais longo e arrastando no chão”.

Quando a pesca do camarão está liberada, do mês de janeiro até março, esse produto é pescado com o intuito de venda; no entanto, o processo é o mesmo do peixe. Precisa ser limpo, acondicionado e repassado a um atravessador, para que possa adquirir valor de compra. Durante o ano, enquanto aguardam a liberação da pesca ao camarão, recebem auxílio anual do governo, no valor de dois salários. Nos últimos anos, a quantidade de camarões diminuiu e somente os pescadores cadastrados são habilitados a receber ajuda governamental.

Por outro lado, muitos moradores, homens, mulheres e crianças apostam sua sobrevivência na “cata do Bacucu⁴²”, em épocas de escassez ou,

[...] sempre no tempo frio, quando o ganho fica pouco e não tem peixe⁴³.

Quando a maré está baixa, os moradores se dirigem à lama dos baixios que circundam a Ilha para catar os Bacucus. Levantam bem cedo para ir para a “lida”. Chegam até lá descalços, pisando na lama grossa e fofa, carregando uma caixa tipo

⁴² Cabe lembrar que o marisco Bacucu é bastante consumido pela população ribeirinha que vive próxima às áreas de manguezais. Tem carne amarela e tamanho pequeno. As informações referentes à cata do Bacucu foram colhidas no trabalho de campo e observações do local e com as moradoras LARA, Ana e RIBEIRO, Liomar, durante o ano de 2009.

⁴³ LARA, Ana. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - janeiro de 2009.

engradado ou saco de rede de malha. Já nos baixios, pegam o marisco que se acumula na lama com as mãos, colocam-os em uma caixa e, com uma enxada, lavam tudo ali mesmo. É um trabalho bem pesado em que, segundo Ana Lara,

[...] a lama come tudo a unha e fica em carne viva, dá um trabalho danado, é bem trabalhoso, mas ajuda⁴⁴.

Segundo esta moradora, as caixas cheias dos pequenos mariscos são levadas para casa, onde eles são lavados novamente com água doce, um por um, aferventados, retirados de dentro da concha com a mão ou com uma pinça, e levados para pesar, no bar. Cada morador recolhe, em média, de 5 a 6 caixas por dia, o equivalente a 30 quilos de marisco e lama. Uma caixa comporta de 4 a 5 quilos de marisco. O quilo é vendido a R\$ 2,50 para um atravessador e morador da ilha, o qual repassa tudo para os mercados em Paranaguá, ao valor de R\$ 4,00 o quilo.

Esse tipo de trabalho leva a uma instabilidade e à irregularidade dos rendimentos da atividade exercida, à ausência de garantias que dizem respeito ao futuro, mesmo o mais próximo, à consciência da absoluta falta de todos os meios indispensáveis para poder se apartar da incoerência e do acidente. (BOURDIEU, 1979, p. 80). Encontram-se atados a uma condição particular, desprovidos da qualificação e da instrução. A pesca é um ofício incerto. Vive-se o hoje, mas não se sabe do amanhã, não se sabe se o peixe estará disponível nos dias seguintes. Vivem, portanto, [...] encerrados na existência do dia-a-dia e na inquietação crônica do amanhã” (BOURDIEU, 1979, p. 97).

O que acontece, normalmente, é o ilhéu vender o peixe para comprar carne vermelha, que é vendida na ilha em pequenas quantidades e condições duvidosas.

⁴⁴ LARA, Ana. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - janeiro de 2009.

De acordo com o IPARDES (2001, p. 54), “a dependência do peixe como alimentação parece estar relacionada principalmente com o isolamento comercial das localidades”. Embora a preferência esteja na captura do camarão e do peixe, por serem produtos mais rentáveis, os pescadores da Ilha Rasa vem se especializando em outro produto: caranguejo, na vila Almeida, e manjuba, na vila de Ilha Rasa (IPARDES, 2001, p. 87).

A baía de Paranaguá é relativamente pequena e não oferece grandes possibilidades de se obter uma grande quantidade de pescados. Os barcos são canoas, a maioria somente a remo, limitando a quantidade do produto. Consequentemente, a população tradicional tem enfrentado dificuldades na manutenção de seu modo de vida.

Moradores afirmam que não há mais tanto peixe na região e que o número de pescadores tem aumentado consideravelmente. É comum ouvir essa queixa nas conversas com os pescadores, que se fundamenta no fato de que tem havido um aumento de barcos a motor e a melhoria das redes de pesca. Houve épocas em que os pescadores possuíam somente barcos a remo e a quantidade parecia ser maior. De acordo com essa ótica, ressaltamos o que menciona o IPARDES ao se referir à diminuição do produto de pesca do ilhéus,

[...] a informação corrente (há mais de uma década) entre a maioria dos pescadores locais refere-se à diminuição do volume capturado de pescado, e, por conseguinte, à intensificação na exploração de outros recursos pesqueiros, como caranguejos, siris, ostras. Sabe-se também de um aumento expressivo no número de pescadores que usufruem da região; entretanto, sabe-se que a maioria deste contingente não é moradora da área estuária e sim da área urbana de Paranaguá, explorando sistematicamente a área. (CORREIA, 1993, apud IPARDES, 2001, p. 91).

A quantidade de pescados tem diminuído dentro das baías também devido aos sofisticados instrumentos de pesca utilizados em alto mar, em que se utilizam barcos maiores e os produtos são retirados em toneladas.

Só entra uma mixaria para os ilhéus⁴⁵.

Como consequência, algumas mudanças vêm ocorrendo nas comunidades de pescadores artesanais. Não há muitas oportunidades de trabalho e os moradores asseguram que ‘antigamente dava mais peixe’. Este aspecto chamou nossa atenção por ser repetidamente mencionado pelos ilhéus. Segundo dois entrevistados,

Devia ter mais coisas para gerar emprego. Antigamente dava mais peixe. Se tivesse mais trabalho... Aqui são mais os homens. Maioria das mulheres fica em casa. Devia ser bom para ajudar na família, mas não tem como⁴⁶.

A pescaria tá fraca, não é como antigamente, muito escasso, muito pescador⁴⁷.

Falta trabalho. Deveria ter mais oportunidades para o serviço. A pesca está se acabando⁴⁸.

Em tom de brincadeira, alguns se dizem dispostos a exercer a profissão de bombeiro ou cantor de música sertaneja. Fica evidente que, como menciona Bourdieu, (1979, p. 80), existe uma “[...] distância entre as aspirações e a realidade tende para o infinito”. Na inexistência de outras possíveis expectativas, a opção de seus antepassados torna-se inevitável.

Para que o produto adquirisse maior valor, os pescadores teriam que ir para mar aberto, possuir barcos maiores e passar mais tempo no mar. Mas não é o que estão habituados a fazer. Além disso, o produto do seu trabalho precisa ser transportado para uma cidade, ser limpo, refrigerado e, por fim, posto à venda, para que adquira valor. Na ilha, perde valor. O produto da pesca precisa satisfazer uma necessidade particular.

⁴⁵ RAMOS, Armando Florindo. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 08 de Julho de 2009.

⁴⁶ RIBEIRO, Liomar. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 08 de Julho de 2009.

⁴⁷ LEITE, Celso Barbosa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 08 de Julho de 2009.

⁴⁸ RAMOS, Armando Florindo. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 08 de Julho de 2009.

Em síntese, é por meio do trabalho que os moradores da Ilha produzem a cultura e modificam o seu ambiente, de acordo com as necessidades da vida.

4.2 CULTURA

Abordar questões que envolvem o tema cultura é tarefa bastante complexa. A existência ou não de uma cultura brasileira já foi pauta de discussões que acabaram culminando em respostas negativas. Fragmentar diferentes grupos de pessoas, detendo-se nas aparências, mostrou-se irrelevante, pois é como se houvesse uma cultura caipara, nordestina, caipira etc. (SAVIANI, 2007, p. 158-160).

Portanto, cultura está sendo compreendida neste texto como sendo,

[...] o processo pelo qual o homem transforma a natureza, bem como os resultados dessa transformação. No processo de autoproduzir-se, o homem produz simultaneamente e em ação recíproca, a cultura. Isso significa que não existe cultura sem homem, da mesma forma que não existe homem sem cultura. A cultura objetiva-se em instrumentos e idéias mediatizados pela técnica (SAVIANI, 2007, p.160).

É necessário, pois, a união dessas diferentes facetas, o “processo de produção, a conservação e reprodução de instrumentos, idéias e técnicas”, para se chegar ao que compreendemos como sendo a essência da cultura. Consequentemente, o direcionamento que caminha o processo cultural seria o que diferencia uma cultura da outra, ou seja, “as características de que se revestem os instrumentos, idéias e técnicas” (SAVIANI, 2007, p.162).

Nessa perspectiva, a população da Ilha Rasa está envolta no contexto social por meio do qual se desenvolveu e está inserida, com trabalho e valores sociais diferenciados, com significações que evidenciam sua atividade e necessidades, as quais servem de meio para a continuidade de suas percepções sobre os objetos e o

mundo. Assim, a percepção sobre o mundo e os objetos é baseada em sua atividade prática.

Saviani (2007) salienta para o fato de que este mundo diversificado de técnicas, instrumentos, objetos e ideias consiste em

[...] produtos de existir do homem, esses elementos fundamentais entrelaçam-se constituindo uma rede de relações, de significações, de valores que determinam ao mesmo tempo em que são determinados pelos modos de agir e pensar dos homens. Vê-se, pois, que, entre os índios, para citar apenas um exemplo, nós encontramos instrumentos, idéias e técnicas. Todavia, as características de que se revestem esses elementos entre eles não são as mesmas que detectamos entre nós. Em outros termos: eles não valorizam as mesmas coisas que nós valorizamos; e quando as valorizam, não o fazem da mesma maneira (SAVIANI, 2007, p.162).

Os sujeitos ilhéus possuem costumes e maneiras próprias de manifestação em sociedade, ou seja, destacam-se pelo processo que marca a sua existência e vida em coletividade. Participam sempre de atividades desenvolvidas pela escola e igreja. São sujeitos do campo, cuja marca expressiva é dada pelas relações de trabalho, que produz vida, consciência e cultura. Ao se refletir sobre os povos do campo, percebe-se que eles se identificam pelo seu jeito peculiar de se relacionarem com a natureza, através da mão de obra dos membros da família, cultura e valores que reforçam as relações familiares e de vizinhança (PARANÁ, 2006, p.22).

Autores como Munarim consideram os pescadores como povos do campo:

[...] são considerados povos do campo as populações que pertencem a grupos identitários, cuja produção da existência se dá fundamentalmente a partir da relação com a natureza, direta ou indiretamente, vivam essas populações nas sedes de pequenos municípios ou nas florestas, ou nas **ribanceiras ou nas comunidades pesqueiras**, ou nas propriedades de agricultura familiar [...] (MUNARIM, 2008, p. 2, grifos nossos).

Cabe ressaltar o que afirma Caldart (2004) quando define os povos do campo:

O campo tem diferentes sujeitos. São pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, **pescadores**, camponeses, assentados, reassentados, **ribeirinhos**, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros [...] são diferentes jeitos de produzir e de viver; diferentes modos de olhar o mundo, de conhecer a realidade e de resolver os problemas [...] (CALDART, 2004, p.153, grifos do autor).

Por sobreviver da pesca artesanal, a população local transmite aos seus descendentes – por meio da oralidade e da atividade prática –, o ritual diário da profissão. O cotidiano os conduz para a vida de anzóis e mar. A pesca é, para os habitantes da Ilha Rasa, quase uma consequência da vida na Ilha.

Não tem escolha, é pesca e ponto. A necessidade te faz estar todos os dias no mar. Você quer ser alguma coisa mais não pode. Aqui é a única coisa que te oferece⁴⁹.

Nesse panorama, em cujo universo social se resume a Ilha, prevalece a continuidade de uma tradição, uma vez que é inevitável que os mais jovens aprendam esse ofício. Desde pequenas, as crianças são conduzidas por seus pais a realizarem tarefas que compreendem esse trabalho. Aprendem a pescar quando conseguem remar e manejar uma canoa, limpar os peixes, fazer redes e conservar o seu bem maior, que é a embarcação.

Culturalmente, desde cedo os sujeitos ilhéus ajudam no orçamento da família, mal saídos da escola, reduzindo com isso as chances de migrar para outros pólos: “[...] quanto mais cedo se deixa de frequentar a escola, mais restrita é a variedade das escolhas.” (BOURDIEU, 1979, p. 56). Quando completam nove ou dez anos vão pescar muitas vezes sozinhos e, segundo os moradores, todos aprendem a gostar desse ofício.

⁴⁹ LIMA, Marcos Roberto Ribeiro de. Entrevista concedida à Mariangela Cunha – junho de 2009.

Vai pescar nem que seja para não pescar nada, só para se acostumar com a canoa, pois é o meio de vivência, já vem no sangue dos pais e avós. Os que não gostam da pesca são aqueles que ficam dormindo até mais tarde⁵⁰.

Este tipo de aprendizado é comum entre os moradores do campo, “[...] faz parte da educação da criança e do jovem o acompanhamento das atividades que os pais realizam, [...] desde que não sejam prejudiciais à sua saúde, e nem se caracterizem como exploração de mão-de-obra infantil”. (PARANÁ - SEED, 2006, p. 38).

Na Figura 13, uma mãe leva seus filhos para pescar e passear. As crianças têm de 3 a 4 anos. Na Figura 14, dois meninos, de 11 e 12 anos, pescam por diversão⁵¹. Esse era um dia de domingo e os meninos, ao pescar, conversavam e riam alto.



FIGURA 13 – MÃE PESCADORA
FONTE: Mariangela Cunha, maio 2009



FIGURA 14 – MENINOS PESCADORES
FONTE: Mariangela Cunha, maio 2009

Os moradores destacam a pesca como um ensinamento que começa cedo, ainda na infância:

⁵⁰ LIMA, Marcus Roberto de. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - novembro, 2008.

⁵¹ Estes são relatos dos próprios moradores. Trabalho de campo – maio, 2009.

[...] pesco desde pequeno, 13 ou 14 anos, sempre coletivo, artesanal, sempre com outras pessoas. Aprendi com meus avós⁵².

[...] pescando se aprende a ser mais astuto, ser parceiro da natureza, pois conhece o tempo, este conhecimento vem porque quando se trabalha assim você já tem uma noção de quando se vai chover, sobre luas, marés⁵³.

Quando tem um barulho na água os peixes ficam apavorados⁵⁴.

Nesta comunidade de ilhéus, os adultos conhecedores atuam como tutores de todas as relações entre a criança e a natureza, estabelecendo, assim, situações de aprendizagem. Brandão (2007) destaca que,

A sabedoria acumulada do grupo social não “dá aulas” e os alunos, que são todos os que aprendem, “não aprendem na escola”. Tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de trocas entre pessoas [...]. As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende. (2007, p. 18).

Na Ilha Rasa era tido como tradicional e habitual preparar os jovens para o trabalho no mar, considerando-se que as meninas deixavam de frequentar a escola para casar e os meninos precisavam desde cedo aprender as técnicas da pesca, para trazer a contribuição financeira de que a renda familiar necessita. Essa era uma época em que a escola oferecia somente as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental e os jovens não tinham muitas escolhas, que se resumiam em ficar na ilha e trabalhar no mar ou migrar para os centros urbanos para estudar e trabalhar, morando na casa de parentes.

Vale relembrar o início tardio da escolarização completa, 1ª a 8ª série do Ensino Fundamental e Médio, na escola da Ilha Rasa, 2004, e a difícil tarefa que cabe aos professores da localidade para procurar modificar o pensamento de que para ser pescador não se precisa de estudo.

⁵² LEITE, Celso Barbosa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - julho, 2009.

⁵³ LIMA, Marcus Roberto de. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - novembro, 2008.

⁵⁴ LIMA, Marcus Roberto de. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - novembro, 2008.

Hoje, após seis anos da implantação da escolarização completa na escola da Ilha, os mais jovens já sonham com outras profissões e os pais também as visualizam para os filhos. Existe a consciência entre a população desta ilha de que a pesca está cada vez mais precária e que, para sobreviver, precisarão engendrar outros horizontes. Assim como dizem os professores da escola da Ilha,

A escola é a janela de toda a comunidade⁵⁵.

Basta correr atrás de nossos sonhos⁵⁶.

4.3 EDUCAÇÃO

O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza de seus sonhos.
Eleanor Roosevelt

A educação está sendo compreendida, neste trabalho, como uma prática educativa que pode ocorrer tanto em espaços e tempos escolares, como nos espaços de socialização, nos quais florescem as experiências e trocas de conhecimentos que ocorrem além dos muros da escola, portanto com intencionalidades de aprendizagem. Nessa perspectiva, compartilhamos da concepção que revela que a educação não ocorre somente na escola, mas também o que acontece ao entorno dela, ou seja, a educação “vinculada ao mundo do trabalho, da cultura, ao mundo da produção [...]” (ARROYO, 1999, p. 26). Recuperar os vínculos entre a educação e a terra, o trabalho, a vida, o cotidiano de existência são imperativos para o processo educativo, segundo Arroyo.

⁵⁵ BARBOSA, Oromar. Entrevista concedida a Mariangela Cunha - julho de 2009.

⁵⁶ FRANÇA, Ezequias e BARBOSA, Oromar. Professores da escola da Ilha Rasa. Entrevista concedida a Mariangela Cunha - julho de 2009.

Esse pensamento está em conformidade com o 1º artigo da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 9394/96), no qual consta:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. [...] Toda educação escolar terá que vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

A escola torna-se, dessa forma, um lugar a mais onde nos educamos. Arroyo (1999, p. 27) aponta como sendo o papel da escola interpretar esses processos educativos que acontecem fora dos muros da escola, sintetizá-los, organizá-los – assim como o conhecimento socialmente e historicamente produzido –, fornecer meios científico-técnicos para utilizá-los na realidade, na produção e na sociedade. Faz-se necessário, portanto, uma escola que seja deles e não para eles.

Os pescadores artesanais de Ilha Rasa são portadores de uma identidade construída na base de suas relações sociais. A pesca, para eles, é uma atividade rotineira, natural, um hábito comum a todos e constituidor de sua existência. Sentem-se, portanto, acostumados à vida que levam.

*O que eu mais gosto é de pescar, é claro. Eu vou pescar siri, as vezes vou sozinho. Solto lanço, pesco para sobreviver. Pesco desde os 7 anos. O meu pai, meu tio e minha tia me ensinaram a pescar. Não tem nada que eu não gosto na Ilha, gosto de tudo, já estou acostumado*⁵⁷.

Nesse sentido, a educação necessita cumprir seu papel especialmente emancipador numa sociedade em que a maioria da população vive em condições muito semelhantes àsquelas de seus ancestrais – a pesca artesanal, que, independente dos ciclos econômicos, figura como principal fonte de renda e um dos principais elementos fixadores do homem na ilha.

⁵⁷ ONÇA PARDA. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - julho de 2009.

Percebemos que a educação apresenta-se nesta Ilha como se tivesse duas facetas. Por um lado, existe o reconhecimento, por parte dos ilhéus, da possibilidade de melhorar a qualidade de vida por meio da educação. Por outro lado, a tendência entre os adultos em desvalorizar o ensino oferecido na escola, fazendo prevalecer o trabalho, provedor de sua existência, em detrimento do processo educacional.

Na Ilha, a média de escolarização se restringe à 3^a ou 4^a série dos anos iniciais. Ainda existe o pensamento, por parte dos moradores (adultos e analfabetos), de que a escola não trará mudanças significativas em suas vidas, não transformará a realidade que os cerca, pois as oportunidades de trabalho comportadas pelo espaço social da Ilha são reduzidas e não requerem conhecimentos adquiridos na escola, principalmente para a execução das atividades diárias. No entanto, começam a reconhecer a importância da educação para os seus filhos.

Muitas dificuldades encontradas ocorrem em função da organização escolar recente, baseada essencialmente em conteúdos escolares que fazem prevalecer o espaço e a vida urbana. Podem estar também relacionadas à recente implantação do Ensino Fundamental completo na escola local, que começa a fecundar suas sementes e, conseqüentemente, ainda não possibilitou a percepção de novos horizontes.

Ao mesmo tempo constata-se que existe o esforço do grupo docente em proporcionar novas significações, procurando-se enfatizar a necessidade da educação para que os sujeitos possam fazer escolhas e vislumbrar outras perspectivas de melhoria na qualidade de vida. Os professores também procuram estimular os alunos à reflexão crítica, instigando-os ao debate e à opinião. Essa tentativa, por parte dos professores, está de acordo com Gramsci, ao dizer que a

escola conduz “[...] o jovem até os umbrais da escolha profissional, formando-os entrementes como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige.” (GRAMSCI, 1995, p. 136).

Nessa linha de pensamento, recorro a Suchodolski (2002, p. 101), que discute uma educação virada para o futuro. Este autor defende a ideia de que a realidade do hoje não é a única a ser considerada, e o critério para o processo educativo deve ser a realidade futura. De acordo com essa ótica, o presente deve ser submetido à crítica, transformando a realidade social de acordo com as exigências humanas. O que fazemos no presente é o alicerce para o futuro.

Suchodolski (2002, p. 102) ainda ressalta que os jovens devem ser educados a trabalhar para o futuro, para compreender que o futuro é condicionado pelo esforço do nosso trabalho presente, pela observação dos erros e lacunas do presente. Os ilhéus, em função de estarem passando por momentos de diminuição do produto a ser retirado da natureza, e enfrentando dificuldades quanto à manutenção de seu modo de vida tradicional, têm na educação escolar a oportunidade de vislumbrar outras maneiras de sobrevivência e de fazer escolhas.

Dessa forma, a educação corresponde a um processo de socialização, emancipação cultural e de formação de novas gerações, exercendo sua responsabilidade na formação de sujeitos capazes de engendrar transformações na estrutura da sociedade em que estão inseridos.

A tríade teórica utilizada neste capítulo – Trabalho, Cultura e Educação – ultrapassa um sistema de valores dotados de códigos, símbolos e ideias. Apresenta como acontece a organização social, o ensino e sua manifestação no contexto cultural deste sítio chamado Ilha Rasa. Trabalho, educação e cultura – um prazer, meio de subsistência e parte cultural de suas vidas.

Frente a essas questões, faz-se necessário uma discussão que resgate um pouco a trajetória das populações do campo, assim como da educação voltada às classes populares no Brasil. Nessa direção, propomos um debate envolvendo a educação rural e a educação do campo, assim como a questão da necessidade de uma escola que articule a educação escolar ao modo de vida dos povos ilhéus.

5 EDUCAÇÃO ESCOLAR NA ILHA RASA

Este capítulo tem o propósito de descrever e discutir a educação escolar na Ilha Rasa, assim como a trajetória da educação rural e do campo no Estado do Paraná e nas ilhas do litoral norte deste Estado.

Para discutirmos a educação escolar na Ilha Rasa, enfocamos a escola da Ilha Rasa e suas características, as modalidades de ensino ofertadas na escola, as classes multisseriadas, os cadernos escolares dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, a prática pedagógica e as análises das entrevistas. Estas são uma constante na pesquisa e principalmente nos dois últimos capítulos deste estudo.

Cabe ressaltar a presença do aluno de EJA, Marcos Lima, que auxiliou enormemente para com a pesquisa, desde o seu início, com informações pertinentes ao tema. Marcos, assim como sua mãe Liomar e o amigo Armando foram nossos informantes, estando sempre dispostos a apresentar pessoas e acompanhar na caminhada pela vila.

5.1 TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO RURAL E DO CAMPO

Faz-se necessário, nesse momento histórico, discutir a educação rural e a educação do campo, haja vista a atual trajetória do movimento por uma educação *do* e *no* campo. Cabe mencionar que há muitas marcas da educação rural nas escolas brasileiras localizadas no campo.

Um dos traços fundamentais que vem desenhando a identidade deste movimento por uma educação do campo é a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação e a uma educação que seja no e do campo. *No*: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive. *Do*: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. (CALDART, 2004, p.149-150).

Somos herdeiros e continuadores da luta histórica pela constituição da educação como um direito universal, portanto é fundamental lembrarmos, numa breve retomada, a trajetória da educação rural e do campo no Brasil.

As terras brasileiras foram, na época de seu descobrimento, invadidas, tomadas e tratadas como terras de ninguém, não se levando em conta os povos, com suas culturas próprias, que a habitavam. A corte portuguesa explorou, durante 30 anos, somente o pau-brasil, acreditando que no Brasil as terras eram pobres e que não havia o que comercializar. Assim, perderam o interesse pela descoberta e somente decidiram pela colonização, percebendo o interesse de outros povos, principalmente os holandeses, os quais mantinham um tráfico intenso ao longo da costa.

Consequentemente, a colonização teve tanto o intuito de evitar invasões como o de expansão comercial, com o sistema de capitanias hereditárias e a monocultura da cana-de-açúcar. As capitanias, doadas a doze representantes do rei de Portugal, garantiam a posse futura das terras e amplos poderes a seus herdeiros. Foi-lhes também concedida a posse das cartas de sesmarias, o primeiro instrumento de legitimação de propriedade territorial no Brasil. As pessoas beneficiadas com a posse de terra foram aquelas que detinham privilégios políticos e econômicos, o que favoreceu as condições de existência dos latifúndios e da mão de obra abundante e miserável, que persiste até hoje em nossa sociedade.

Em 1850, o sistema de sesmarias deixa de vigorar e o processo para a aquisição de terras fica sem uma legislação própria, vigorando, assim, o sistema de posses. As pessoas que conseguissem um pedaço de terra poderiam ocupá-la, ocasionando uma insatisfação da elite dominante brasileira, que procura frear a posse de terras com a Lei de Terras em 1850. Esta lei “impediu o acesso aos brancos pobres, aos negros e aos imigrantes europeus que começavam a chegar. (FURTADO, 2002 [?], p. 47).

As terras ficaram, dessa forma, acessíveis somente àqueles que poderiam comprá-las, dificultando a sua aquisição para a grande maioria da população. Inicia-se assim o problema agrário no Brasil, com um número grande de pessoas sem terra para plantar. Compreende-se, a partir do exposto, que uma sequência de fatos ocorridos no decorrer da história do país corroboraram para gerar desigualdades em nosso território.

Diante deste quadro, compreende-se que a concentração da terra acarretou a exclusão dos trabalhadores rurais do acesso às condições mínimas de sobrevivência, mesmo depois do término formal da escravidão.

A educação, por sua vez, não constituía meta prioritária, uma vez que o desempenho de funções na agricultura não exigia formação especial. A população rural sempre se encontrou em situação de desigualdade, injustiça e desumanização, uma realidade que necessitou e ainda necessita de muitas transformações sociais, estruturais e urgentes.

Cardoso sinaliza para o fato de que na época do Brasil colônia,

[...] o ensino destinava-se primordialmente aos filhos da classe dominante, representada pelos donos de terras em geral, [...] servia para encaminhar os alunos a Universidade de Coimbra. Excluídos da educação estavam os escravos, a população desprovida de posses e as mulheres. (2004, p. 179).

Esta situação começa a se modificar com a crise do sistema colonial e com a expansão das ideias iluministas que enfatizam mais atenção à educação.

No final do 2º Império, cresce a necessidade de pessoal com qualificação para o setor agrário e, com isso, começam a surgir as escolas rurais, para sanar a demanda decorrente da estrutura socioagrária no país por meio do ensino escolar. A sociedade clamava por uma educação de sentido prático e utilitário, e insistia-se na necessidade de escolas adaptadas à vida rural (CALAZANS, 1993, p. 15-17). Até então, o ensino ministrado era desvinculado da realidade e permanecia vinculado à tradição colonial, longe das exigências econômicas do momento.

A grande contradição está no fato de que o Brasil, mesmo sendo um país essencialmente agrário naquela época, não teve a educação rural mencionada nas duas primeiras constituições (1824 e 1891). Cabe ressaltar trecho significativo que consta das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (2002),

No Brasil, todas as constituições contemplaram a educação escolar, merecendo especial destaque a abrangência do tratamento que foi dado ao tema a partir de 1943. Até então, em que pese o Brasil ter sido considerado um país de origem eminentemente agrária, a educação rural não foi sequer mencionada nos textos constitucionais de 1824 e 1891, evidenciando-se, de um lado, o descaso dos dirigentes com a educação do campo e, do outro, os resquícios de matrizes culturais vinculadas a uma economia agrária apoiada no latifúndio e no trabalho escravo. (BRASIL, 2002, p.7).

No ano de 1920, o pensamento reformador e modernizador de um grupo de pioneiros resultou num movimento chamado “ruralismo pedagógico”, no qual predominavam ideias de uma escola rural típica, voltada aos interesses e necessidades da região a que fosse destinada, uma escola que impregnasse o espírito do brasileiro, de alto e profundo sentido ruralista.

Esse movimento procurou sanar o problema da questão social do momento, provocada pelo inchaço das cidades e incapacidades de trabalho urbano. A essa

ameaça permanente, sentida pelos grupos dominantes, políticos e educadores tentavam responder com uma educação que levasse o homem do campo a compreender o sentido rural da civilização brasileira. Pretendia-se substituir uma escola desintegradora que favorecia o êxodo rural por uma escola que desenvolvesse o meio rural por meio da valorização do campesinato (CALAZANS, 1993, p. 25-26).

Segundo Leite,

A sociedade brasileira somente despertou para a educação rural por ocasião do forte movimento migratório dos anos 1910/20, quando um grande número de rurículas deixou o campo em busca das áreas onde se iniciava um processo de industrialização mais amplo. (2002, p. 28).

É importante notar a ideia de que a escola rural vem ocupando espaço na problemática educacional, desde a década de 1920, como propulsora do desenvolvimento social. Em síntese, seu objetivo era conter a migração e fixar o homem no campo, na crença de que a educação pudesse apontar soluções para a problemática social. Tais iniciativas, no entanto, acentuaram mais o isolamento das populações rurais, por meio da proposta de educação regionalizada (VENDRAMINI, 2000, p. 165-166).

Saviani (2008, p.41) salienta para o fato de que a educação era pensada como um instrumento político e que, eliminando as tensões existentes nos anos 1920, esse período histórico foi extremamente rico em “movimentos populares que reivindicavam uma maior participação na sociedade e faziam reivindicações também do ponto de vista escolar”.

O movimento do ruralismo pedagógico refletiu nas décadas seguintes, em ações governamentais e em políticas implementadas pelos pioneiros da educação, dentre eles Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Sampaio Doía. As ideias foram

inovadoras; no entanto, a escola rural tradicional não tinha ainda obtido sucesso devido à grande massa de analfabetos na roça. Pouco do que havia sido pregado até o momento se vivenciava em salas de aula (CALAZANS, 1993, p. 26).

Vale ressaltar que o descaso pela educação primária (educação do povo) foi muito combatido nesse tempo devido à grande massa de analfabetos. Os professores da escola rural eram, em sua maioria, leigos, numa média de 50% nos diferentes estados, podendo atingir até 90%. Assim, surgem os primeiros programas de escolarização relevantes para as populações do campo, mais precisamente a partir de 1930 (LEITE, 2002, p. 29; CALAZANS, 1993, p. 17-20).

No início do governo Getúlio Vargas, procurou-se garantir a obrigatoriedade e a gratuidade da escolaridade com um conjunto de políticas públicas; isso, no entanto, voltou-se para o ensino vocacional urbano, destinado especialmente às classes populares. Em conformidade com o que afirma Gritti (2003, p.24), essa era uma “escola pensada para o homem rural e não pelo homem rural”.

A escola rural recebeu atenção somente mais tarde, em 1937, com a criação da Sociedade Brasileira de Educação Rural, que tinha por objetivo expandir o ensino e preservar a arte e folclore rurais (SOUZA, 2006, p.54, LEITE, 2002, p. 30).

Na década de 1940, a educação no meio rural reflete uma tomada de consciência educacional, com o surgimento de programas de destaque, tanto sob responsabilidade do Ministério da Agricultura como do Ministério da Educação e Saúde. Entretanto, segundo Calazans (1993, p. 27), percebe-se que os pacotes que visavam a desenvolver o homem do campo chegavam ao Brasil prontos, acabados e moldados por uma realidade que nada tinha a ver com o pensamento social brasileiro.

A educação rural, no enfoque de Calazans, tomou grande impulso sob o patrocínio de programas norte-americanos, a partir do funcionamento da Comissão Brasileiro-Americana de Educação das Populações Rurais (CBAR). “O progresso na nossa agricultura depende, em grande parte, da educação do homem do campo” (CALAZANS, 1993, p. 21). Em consequência, foram organizados encontros, palestras e debates que objetivavam repensar as condições em que a população carente estava vivendo, especialmente as do meio rural (LEITE, 2002, p. 32).

No governo de Manoel Ribas (1932-1945), do Paraná, e em âmbito nacional sob o governo de Getúlio Vargas, durante o período histórico chamado “Estado Novo”, a população encontrava-se concentrada na área rural e a política favorecia a produção industrial em detrimento da produção agrícola (GRITTI, 2003, p. 21). Havia, nessa época, um esforço por parte do governo para ampliar a produção da lavoura cafeeira no norte e a pecuária no oeste do Estado, por meio de políticas incentivadoras. As terras do Paraná estavam sendo intensamente ocupadas e com isso crescia a necessidade de atendimento à demanda, com a criação de escolas rurais adequadas para preparar o homem para o trabalho com a terra no interior do Estado (MIGUEL, 2007, p. 79).

Miguel, quando se refere à evolução das escolas rurais no Paraná, afirma:

A organização dessas escolas deu-se em um contexto caracterizado por políticas de nacionalização do ensino, incentivo ao desenvolvimento da produção nacional e surgimento do mercado interno, além do aparecimento na sociedade brasileira, de novas classes sociais, como o proletariado e a chamada burguesia industrial (2007, p. 79).

Nesse contexto, o período Estado Novo chega ao fim e com ele a modernização da agricultura, o aumento da concentração da propriedade de terra e o restabelecimento no país de direitos sociais, dentre os quais a educação pública. Gustavo Capanema, então ministro da Educação, cria a Lei Orgânica, que tinha por

finalidade nacionalizar o ensino, “definindo programas mínimos e as diretrizes que deveriam nortear o desenvolvimento do ensino primário no país” (GRITTI, 2003, p. 22).

A lei nº 8 529/46 tinha características homogeneizadoras, unificando as escolas nacionais. Os diferentes estabelecimentos de ensino eram, segundo Gritti (2003, p. 24), denominados:

- a – Escola Isolada (E.I.) – quando possuir uma só turma e um só professor;
- b – Escolas Reunidas (E.R.) – quando houver de duas a quatro turmas de alunos, e igual número de professores;
- c – Grupo Escolar (G.E.) – com cinco ou mais turmas, e igual ou superior número de professores;
- d – Escola Supletiva (E.S.) – quando oferecer ensino supletivo (Lei nº 8 529/46).

A escola isolada, para a autora (GRITTI, 2003, p. 24), tem sido historicamente a escola do/para o meio rural. Percebemos, nessa época, uma preocupação para com o ensino rural, pois a lei menciona a obrigatoriedade da matrícula e frequência escolar.

Na década de 1960, a realidade das escolas no Brasil estava sob a vigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4 024/61, a qual se centrava no urbano em todas as suas dimensões, em detrimento do mundo rural. Esta lei, que já nasceu obsoleta, pois levou treze anos para ser aprovada, não garantiu a democratização do ensino nem resolveu a demanda do modelo econômico. Na verdade, não trouxe inovações no setor educacional com relação às legislações anteriores. Não previu a universalização do ensino, marcando assim um descompromisso dos poderes públicos para com uma população sem escolas. O mundo rural representava importante papel na produção de gêneros alimentícios, entretanto a prioridade da lei eram os grandes centros (GRITTI, 2003, p. 28-30).

A marginalidade, conceito atrelado aos povos do campo, ficou evidente, especialmente porque a estruturação da escola fundamental rural foi delegada aos municípios. Essa era uma época em que praticamente 50% da população brasileira encontrava-se no campo (SOUZA, 2006, p. 54).

Nas décadas de 1970 e 1980, o analfabetismo recebe novamente atenção, com a Lei 5.692/71 e a implantação de projetos como o Edurural. No entanto, as tentativas não surtiram efeito, uma vez que o problema do analfabetismo não foi solucionado (SOUZA, 2006, p. 55). Nessa época, houve uma grande migração rural por conta da modernização por que passou o campo em alguns setores da agricultura. Como consequência, afloraram o desemprego, a violência e a concentração urbana. A agricultura capitalista foi privilegiada em detrimento da agricultura familiar, a qual foi banida do modelo econômico, relegada a um segundo plano pelos governos militares. Infelizmente, essa situação perdura até os dias de hoje (FERNANDES, 1999, p. 55).

Não obstante a modernização da agricultura capitalista, que aumentou a produtividade e o número de desempregados, os trabalhadores sem-terra resistiram, continuando a lutar com dignidade pela valorização da vida no campo, com infraestrutura necessária para o bem estar social. Aumentaram, dessa forma, os conflitos por terras e surgiram os movimentos sociais, recolocando a questão da reforma agrária na pauta de discussões do cenário político. (FERNANDES, 1999, p. 56-57).

Com a modernização da agricultura, o campo acaba subordinado à cidade, ficando o camponês com o estigma de fraco e atrasado. A criação de tecnologias que enfatizem a agricultura familiar é ainda um processo em construção e “carece de uma educação de qualidade no meio rural” (FERNANDES, 1999, p. 59-60).

Um projeto de educação que contribua para com a realidade camponesa é fundamental para a modernização da agricultura brasileira. A agricultura familiar camponesa é reconhecida pela sua produtividade e por sua resistência histórica na sociedade moderna. Hoje é defendida por organismos internacionais: FAO, Banco Mundial, etc., como modelo de agricultura sustentável, em harmonia com o meio ambiente. [...]. O primeiro passo é reconhecermos a necessidade da escola do campo. Valorizar essa condição é o ponto de partida (FERNANDES, 1999, p. 60).

Essa citação nos faz refletir acerca da necessidade de valorização da escola do campo. Uma escola que defenda “os interesses, a política, a cultura e a economia da agricultura camponesa” (FERNANDES, 1999, p. 65).

A Lei 9.394/96 LDB permite adequações às peculiaridades tanto da escola rural quanto da escola urbana, com destaque ao art. 28, que estabelece:

Art. 28. Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I- conteúdos e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II- organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e condições climáticas;
- III- adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Compreendemos ser importante a legislação considerar adaptação à adequação, reconhecendo uma nova política educacional que não é mais somente a adaptação. Com esta lei, a diversidade sociocultural, o direito à igualdade e à diferença são fatores levados em conta. Propõe-se assim, as diretrizes operacionais para a educação básica do campo para discutir a “identificação de um modo próprio de vida social e utilização do espaço, delimitando o que é rural e urbano sem perder de vista o nacional” (BRASIL – SECAD, 2002, p.28-29).

A década de 1990 pode ser simbolizada por um acontecimento histórico que marcou o nascimento do Movimento de Educação do Campo. Foi o “Iº Encontro Nacional da Reforma Agrária”, (Iº ENERA), realizado em julho de 1997. A demarcação desse período para a Educação do Campo se justifica por ser um

movimento de teor sócio-político e, ao mesmo tempo, de renovação pedagógica. Assim, o Iº ENERA se caracteriza como ponto de partida e processo já trilhado, salientando a própria experiência do Movimento Sem Terra (MST) com as escolas em acampamentos e a luta pela reforma agrária, que constituem a materialidade histórica, o berço do movimento (MUNARIM, 2008, p. 3).

O processo de construção desse ainda inconcluso conceito de “Educação do Campo”, que, na essência, quer valorizar os sujeitos educandos como sujeitos constituídos de identidades próprias e senhores de direitos, tanto de direito à diferença, quanto de direito à igualdade, sujeitos capazes de construir a própria história e, portanto, de definir a educação de que necessitam (MUNARIM, 2008, p. 4).

Para o autor, a questão da Educação do Campo, processo em construção no Brasil que tem sido pensado por sujeitos como organizações e movimentos sociais do campo, universidades e intelectuais (MUNARIM, 2008, p. 1), revela preocupações com questões que derivam de uma visão urbanocêntrica, predominante na sociedade desenvolvimentista, fazendo com que os povos do campo recebam pouca atenção dos órgãos públicos. Este descaso é comentado por um aluno da EJA da escola da Ilha Rasa:

Eu não gosto dessa incapacidade de fazer algo porque é difícil o acesso, essa burocracia, o IBAMA, prefeitura não liga para a Ilha. Deixa muito a desejar com o povo da Ilha. Eles não olham para necessidade dos povos ilhéus⁵⁸.

Na verdade, em muitos estados brasileiros, a escola rural encontra-se em estado de abandono. Crianças, moradoras de áreas rurais, são levadas para estudar em escolas nas cidades pelas prefeituras locais, numa concepção de que a escola urbana é melhor do que a escola do campo. O determinismo geográfico é colocado como regulador da qualidade do ensino. (FERNANDES, 1999, p. 65).

⁵⁸ LIMA, Marcos Roberto Ribeiro de. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - julho de 2009.

Um fator agravante na concepção da escola do campo como sendo subordinada à escola da cidade é a predominância de conteúdos urbanos nas escolas localizadas no campo. Reforçando esse pensamento, cito Fernandes (1999, p. 66), quando este autor defende a escola do campo vinculada à realidade local,

O que defendemos é a construção da escola que queremos. Não é de nosso interesse a cópia de modelos, importados, de escolas que não contribuem para a compreensão de nossas realidades. Precisamos construir um projeto que vincule a educação às questões sociais inerentes à sua realidade.

O Movimento da Educação do Campo, que começa a ganhar atenção nacional, objetiva as políticas públicas e parte do princípio de que há a necessidade de uma “renovação da qualidade pedagógica e política da até aqui chamada Educação Rural” (MUNARIM, 2008, p.1). É nesse sentido que a Educação Rural se refere à política educacional do início e decorrer do século XX, cuja preocupação era com ações que pudessem superar o “atraso” presente entre os trabalhadores e moradores do espaço rural (SOUZA, 2006, p. 51). O termo “atraso” era um discurso da época.

No entanto, segundo a mesma autora, a Educação do Campo emerge nos movimentos sociais, desenvolve e intensifica com as parcerias em desenvolvimento na última década, com propostas educacionais que valorizam e que são dos trabalhadores que moram e trabalham no campo, salientando suas identidades e seus aspectos culturais (SOUZA, 2006, p. 51).

Embora a diferença possa não ser tão visível, ela será focalizada em função de que o sujeito central no desenvolvimento da educação rural foi o Estado, expresso nas ações dos governos estaduais e municipais, enquanto os sujeitos centrais na reflexão da Educação do Campo são os movimentos sociais, mudando assim a configuração da concepção de educação e dos objetivos da educação da classe trabalhadora pensados por ela (SOUZA, 2006, p. 51-52).

Consequentemente, esses são conceitos opostos do ponto de vista pedagógico, político e teórico. São sujeitos diferenciados e as propostas educacionais são diferentes. Enquanto a Educação Rural compreende o campo como lugar de atraso e os sujeitos do campo como trabalhadores que precisam de uma escola de caráter urbano, a Educação do Campo traz um caráter emancipatório e uma educação voltada para o futuro (SOUZA, 2009, p. 48).

Arroyo (1999, p. 22) discorre sobre a recorrente questão dos direitos, que continua perdurando na mente de muitos, a questão do valor da educação e a razão de educar o trabalhador do campo, pois, para muitos, quem trabalha no campo não precisa estudar. Essa questão é colocada mediante o avanço da consciência dos direitos.

O movimento social do campo representa uma nova consciência dos direitos, à terra, ao trabalho, à justiça, ao conhecimento, à cultura, à saúde e à educação. O conjunto social no campo representa uma nova consciência dos direitos à terra, ao trabalho, à justiça, ao conhecimento, à cultura, à saúde e à educação. (ARROYO, 1999, p. 22).

Para o autor, a intenção da escola é fazer com que esses direitos aconteçam, é tratar a todos – homens, mulheres, crianças do campo – como sujeitos de direitos, com direito ao saber, ao conhecimento, à cultura produzida socialmente. A Educação do Campo incorpora uma visão digna do campo, do conhecimento e da cultura, reconhecendo a diversidade dos povos, do coletivo. Para tanto, concebe-se a educação como direito e os sujeitos do campo como sujeitos de direitos. (ARROYO, 1999, p. 20-32).

Uma questão importante a ser levantada é: quem são esses sujeitos do campo? Ao retomarmos como referência o texto de Munarim (2008, p. 2), constatamos:

[...] são considerados povos do campo as populações que pertencem a grupos identitários, cuja produção da existência se dá fundamentalmente a partir da relação com a natureza, direta ou indiretamente, vivem essas populações nas sedes de pequenos municípios ou nas florestas, ou nas ribanceiras ou nas comunidades pesqueiras, ou nas propriedades de agricultura familiar [...] (MUNARIM, 2008, p. 2).

A educação escolar dos **ilhéus** integra o debate da educação do campo no Brasil, pois, de acordo com as Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná, para a Educação do Campo, os povos do campo se caracterizam pelo seu jeito peculiar de se relacionarem com a natureza, da mão de obra dos membros da família, cultura e valores que reforçam as relações familiares e de vizinhança, o vínculo com a rotina de trabalho, que segue uma marcação do tempo que não a do relógio mecânico (PARANÁ – SEED, 2006, p. 22).

Segundo as Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná para a Educação do Campo,

A identidade dos povos do campo comporta categorias sociais como posseiros, bóias-frias, **ribeirinhos**, **ilhéus**, atingidos por barragens, assentados, acampados, arrendatários, pequenos proprietários ou colonos ou sitiantes – dependendo da região do Brasil em que estejam – caboclos dos faxinais, comunidades negras rurais, quilombolas e, também, as etnias indígenas. (PARANÁ/SEED, 2006, p. 22, grifos do autor).

Contradições permeiam o processo de Educação rural no Brasil, que deveria ser oferecida para todos e, no entanto, segundo autores, teve seu direito negado às classes mais pobres da população brasileira, resultando na situação de precariedade em que se encontra a escola do campo.

Faz-se importante a busca de mudanças paradigmáticas, de uma educação pensada pelas instâncias governamentais para os povos do campo a uma educação pensada e construída dos povos do campo.

5.1.1 E as escolas dos povos ilhéus do Paraná?

As escolas rurais da região da baía de Guaraqueçaba, baía das Laranjeiras e comunidades ribeirinhas são sub-sede da escola polo Marcílio Dias, em Guaraqueçaba, numa dualidade administrativa entre o Estado e o Município, no mesmo prédio escolar.

No final de ano de 2009, foi aprovada a desvinculação da Escola Pólo em Guaraqueçaba, com a criação de três novos Colégios Estaduais e a autorização para seu funcionamento. A partir do ano de 2010, as escolas da Ilha Rasa, Ilha de Superagui e Ilha das Peças terão autonomia pedagógica e administrativa. A proposta pedagógica das escolas das ilhas do litoral paranaense já é uma realidade e a implantação no ano de 2010, tem como objetivo orientar e subsidiar a organização do trabalho pedagógico escolar. Esta proposta pedagógica é inédita para o contexto vivido pelos ilhéus e ribeirinhos do litoral paranaense (PARANÁ, 2009, p. 5).

A Coordenação da Educação do Campo iniciou, em 2005, uma série de visitas e reuniões técnicas com o intuito de diagnosticar as condições pedagógicas e estruturais das escolas localizadas nas ilhas do litoral paranaense. Essas visitas apontaram para a necessidade de fortalecimento da formação continuada dos professores e a construção de uma proposta pedagógica específica que sustente a autonomia escolar e administrativa das escolas, e, ainda, que contribua para garantir o respeito às especificidades dos povos e comunidades tradicionais. O público-alvo da formação continuada oferecida pela Coordenação da Educação do Campo compreende tanto os professores atuantes nas escolas das ilhas quanto os docentes que recebem alunos provindos dessas localidades (PARANÁ, 2009, p.7).

A proposta pedagógica para as escolas das ilhas compreende a escola como uma instituição capaz de auxiliar na construção da autonomia intelectual dos sujeitos.

Deve servir para que compreendam o mundo a partir do lugar onde vivem, a fim de poderem intervir ativamente na melhoria de sua qualidade de vida. Isso também significa tornar as comunidades tradicionais menos refratárias por meio da institucionalização de escolas e proposta pedagógica que dialoguem com os saberes dos quais são portadoras. (PARANÁ, 2009, p.14).

As escolas das ilhas são consideradas pequenas, pois atendem menos de 100 alunos cada uma, possuem uma ou duas salas de aula, e a maioria conta com apenas um professor. Das 30 escolas da região, 26 trabalham com o sistema de classes multisseriadas e três oferecem o Ensino Fundamental completo. São elas: escola da Ilha Rasa, escola da Ilha de Superagui e escola da Ilha das Peças.

Estas escolas⁵⁹ listadas no Quadro 1 atendem 634 alunos, distribuídos nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. A Ilha Rasa possui duas destas escolas, uma localizada na vila de Ilha Rasa, local da pesquisa, e outra na vila de Almeida.

QUADRO 1 – ESCOLAS RURAIS DO MUNICÍPIO DE GUARAQUEÇABA

Escola	Nº de professores	Nº de alunos	Séries
Esc. Rural Mun. Tromomô (Tromomô)	1	15	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. Mário Ferreira Lopes (Sede Costão)	4	14	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. de Bertioga (Bertioga)	1	13	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. Barra da Arapira (Barra de Arapira)	1	17	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Municipal Massarapoã (Massarapoã)	1	10	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)

continua

⁵⁹ As escolas assinaladas em amarelo localizam-se em ilhas.

Escola	Nº de professores	Nº de alunos	Séries
Esc. Rural Mun. Padre Mário de Maria (Rio Verde)	2	36	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Municipal Gabriel Ramos da Silva (Ilha Rasa)	2	18	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. Santa Terezinha (Almeida – Ilha Rasa)	3	34	Pré, 1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. Canal do Varadouro (Canal do Varadouro)	1	14	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. Alice da Silva Sobrinho (Ilha das Peças)	5	44	Pré, 1ª, 2ª, 3ª, e 4ª
Esc. Rural Mun. Barbado (Barbado)	1	17	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. De Sebuí (Sebuí)	1	8	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. João Luiz da Silva Júnior (Superagui)	7	84	1ª(x2), 2ª, 3ª, e 4ª
Esc. Rural Mun. Venceslau Araújo (Tibicanga)	2	25	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. Medeiros (Medeiros)	1	10	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. de Ipanema (Ipanema)	2	10	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. Taquanduva (Taquanduva)	1	8	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. Brasilina Gomes da Costa (Itaqui)	3	21	Pré, 1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. Vila Fátima (Vila Fátima)	1	7	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. Juvenal Xavier (Batuva)	2	32	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. Morato (Morato)	1	16	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. de Tagaçaba Capivari (Tagaçaba Capivari)	3	26	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. Potinga (Potinga)	1	19	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. Serra Negra (Serra Negra)	4	43	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª
Esc. Rural Mun. de Utilinga (Utilinga)	1	11	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural de Tagaçaba de Cima (Tagaçaba de Cima)	1	9	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. Pedra Chata (Pedra Chata)	1	7	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. De Guapecum (Guapecum)	1	5	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)
Esc. Rural Mun. Salim do Carmo	4	34	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª
Esc. Rural Mun. Rio do Cedro	1	27	1ª, 2ª, 3ª, e 4ª (multisseriada)

FONTE: Trabalho de campo. Dados coletados junto à Secretaria Municipal de Educação de Guaraqueçaba, 2009.

Cabe ressaltar o que pesquisadores relatam na APA de Guaraqueçaba em relação à área de Educação da região,

Apesar de o município dispor de uma rede escolar suficiente para o atendimento da população escolar das comunidades, a oferta restringe-se a 1º e 4º séries, na maioria das vezes com classes multisseriadas. A qualidade do serviço é precária quando são avaliados os indicadores escolares de ingresso e permanência na escola, e de tempo necessário de alfabetização dos alunos. Esta precariedade é resultante da capacitação do corpo docente, da disponibilidade e qualidade do material didático, do desestímulo do profissional da educação e das perspectivas dos próprios alunos. (IPARDES, 2001, p. 92).

Verificamos o alcance da rede municipal de ensino nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental nas escolas rurais do município de Guaraqueçaba. Esta é uma rede escolar extensa para o atendimento da população escolar das comunidades; no entanto, a oferta restringe-se de 1ª a 4ª séries. Esses estabelecimentos municipais concentrados na área rural de Guaraqueçaba apresentam como características alunos precocemente integrados ao mundo do trabalho e dificuldades de acesso.

5.2 A ESCOLA DA ILHA RASA

A escola na qual a pesquisa de campo foi realizada compõe o grupo das escolas rurais do município de Guaraqueçaba. Situada na Ilha Rasa, vila Ponta do Lanço, a escola tem ao seu entorno um panorama característico da maioria das ilhas da região: casas de pescadores, árvores de pequeno porte e o mar ladeado por vegetação de mangue.

Essa escola atende atualmente 175 alunos, distribuídos nas modalidades Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA. As turmas de 1ª e 4ª série, com classes multisseriadas, assistem às aulas no período matutino. Por iniciar às 07h30, alunos

vindos de barco de outras comunidades ribeirinhas muitas vezes encontram dificuldades no seu trajeto para a escola. À tarde, são ofertadas as séries de 5ª a 8ª do Ensino Fundamental. No período noturno, que funciona das 18h às 22h, são ofertadas as aulas de EJA, 5ª a 8ª séries e Ensino Médio, regular e EJA. Todas essas turmas ocupam, atualmente, quatro salas de aulas.

Os horários das aulas ofertadas nesta escola estão de acordo com a Lei nº 9394/96, art. 28, que faz constar: “Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região [...]”.

Os alunos dessas escolas provêm de diferentes vilas localizadas na própria Ilha Rasa: vila de Ilha Rasa, Mariana, Almeida, ilhas próximas, Gamelas, Maçarapõã e vilas de ribeirinhos, localizadas no continente, porém sem acesso por terra. Esta escola é, portanto, central para os moradores que habitam as comunidades vizinhas deste denso labirinto de águas.

O acesso à educação escolar é realizado a pé, canoa ou baleeira. Os alunos que habitam as regiões ribeirinhas próximas enfrentam condições climáticas diversas, como neblina ou chuva, que ocasionalmente dificultam o trajeto.

A escola da vila de Ilha Rasa segue as Diretrizes do Estado e do Município. As diretrizes do campo estão em estudo como um diferencial para que o ensino possa ser aplicado de acordo com a realidade presente, com a ciência de que os ilhéus estão inseridos no contexto da educação do campo. Segundo as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (2002, p. 4)

[...] a educação do campo, tratada como educação rural na legislação brasileira, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, e os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas.

A estrutura física da escola da Ilha Rasa revela a pouca atenção dada às escolas localizadas em ilhas. Em entrevista realizada durante o trabalho de campo um aluno da modalidade EJA identificou que a escola apresenta problemas quanto à sua infra-estrutura nos seguintes aspectos,

[...] ninguém merece a escola que temos, tem muito pernilongo e a sala tem poucas lâmpadas, e o que tem está queimada. No verão, faz calor, tem pernilongo e iluminação ruim. Para enxergar o quadro, prejudica a atenção dos alunos, ninguém merece. O ventilador não funciona. Coisas precisam ser melhoradas, a janela está quebrada. O professor coloca um ponto no quadro e os alunos não sabem se é um ponto ou um buraco⁶⁰.

Este morador da Ilha também relatou que as autoridades são questionadas quanto às melhorias para a escola, e que os professores procuram requerer auxílio para a comunidade e para a escola; no entanto, as entidades governamentais não ajudam. Segundo relatório realizado pela Coordenação de Educação do Campo (2008),

A atual estrutura física é precária para o atendimento das crianças, dos jovens e adultos, moradores da Ilha Rasa, entre outras ilhas. [...], instalações elétricas como as que se apresentam, podem colocar em risco a vida de todos que freqüentam estes prédios. Cabe ressaltar que há um esforço coletivo entre professores e comunidade para a manutenção do prédio existente, todos reconhecem a escola como um espaço importante de vida. (PARANÁ, 2008, p.8).

A escola da Ilha Rasa é composta atualmente por quatro salas de aula e uma cantina. Duas delas foram construídas no ano de 2008, num empreendimento conjunto entre o Estado e o município. Anteriormente a essa data, a escola contava com apenas duas salas de aula e outra sala localizada numa casa alugada, pertencente a um pescador local. Com a construção das duas salas, não se utiliza mais a casa do pescador. Entretanto, devido a problemas com a estrutura das duas novas salas de aula no início de 2009, e ao seu quase desabamento, os alunos foram transferidos para as salas antigas, esperando a reconstrução das novas. Na

⁶⁰ BARBOSA, Odirley. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - maio de 2009.

falta de espaço físico para ministrar aulas, alguns professores chegaram a lecionar no espaço coberto, aberto para ser destinado à alimentação. No final do ano de 2009, essas duas salas de aula foram reativadas.

A parte externa do prédio escolar é decorada com desenhos que retratam aspectos geográficos e históricos da Ilha, assim como situações relativas ao seu modo de vida. Nas Figuras 15 e 16, podemos perceber, nos desenhos feitos pelos alunos, elementos presentes em seu dia-a-dia, tais como o mar, as árvores, as montanhas e as flores.



FIGURA 15 – PAREDE EXTERNA DA ESCOLA
FONTE: Mariângela Cunha, 2008



FIGURA 16 – REFEITÓRIO DA ESCOLA
FONTE: Mariângela Cunha, 2008

Os desenhos fixados nas paredes internas das salas de aula refletem muito do universo vivido pelos ilhéus, pois mostram as principais ilhas e rios da região, limites geográficos, elementos naturais e culturais, animais em extinção na Mata Atlântica, aniversários, nomes das crianças, festividades, saúde, higiene e clima. Cartazes e um grande painel confeccionado pelos alunos e professores da escola contam o passado, o presente e o futuro da Ilha Rasa.

Trata-se da história da Ilha Rasa. Percebemos, dessa forma, a importância, para os moradores da ilha, de terem a sua história retratada, de se inserirem no contexto da história e do ensino escolar oferecido aos povos ribeirinhos e ilhéus.

Em contraposição, em alguns dos desenhos encontrados nas portas dos armários dentro das salas figuram personagens do universo da Disney, que demonstram a influência que os meios de comunicação (televisão, revistas, gibis) exercem sobre os ilhéus. Estes desenhos encontram-se também dentro de uma sala de aula de alfabetização, lado a lado com elementos que compõem o universo da Ilha Rasa, demonstrando a valorização do universo estadunidense. Muitas casas da vila de Ilha Rasa e vila Ponta do Lanço possuem antenas parabólicas, e as crianças, em conversas informais, relataram assistir a desenhos do canal “Discovery Kids”.

Na Figura 17, pode-se ver uma das quatro salas de aula da escola da Ilha; na Figura 18, detalhe do armário que se encontra no fundo da sala, com desenhos de personagens da Disney.

A Figura 19 retrata o desenho que se encontra na parede do fundo da sala de aula, mostrando um caranguejo facilmente encontrado na região.

Na Figura 20, vê-se o painel intitulado “A História da Ilha Rasa”, feito pelos alunos e pelos professores da escola, contando a história da Ilha Rasa, pelos moradores do local.

A Figura 21 mostra um índio pescando, remetendo à história aos primórdios da colonização das ilhas do Paraná.

Na Figura 22, outro detalhe do painel, com textos dos alunos.



FIGURA 17 – SALA DE AULA DA ESCOLA DA ILHA
FONTE: Mariangela Cunha, 2008.



FIGURA 18 – DETALHE DAS PORTAS DOS
ARMÁRIOS DA ESCOLA
FONTE: Mariangela Cunha, 2008



FIGURA 19 – DESENHO DE CARANGUEJO
FONTE: Mariângela Cunha, 2008



FIGURA 20 – PAINEL "A HISTÓRIA DE ILHA
RASA" FONTE: Mariângela Cunha, 2008



FIGURA 21 – DETALHE DO PAINEL
FONTE: Mariangela Cunha, 2008

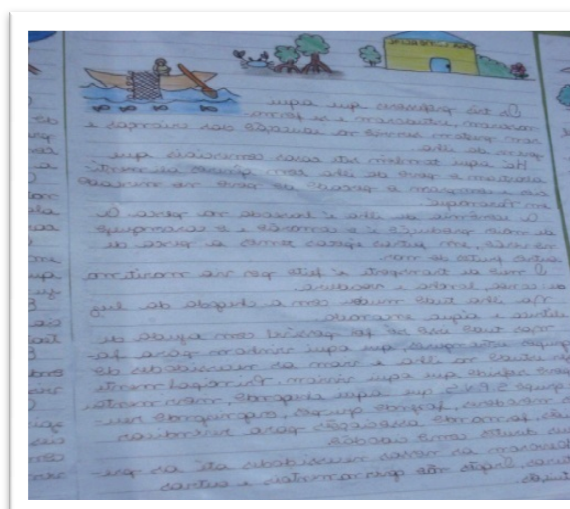


FIGURA 22 – DETALHE DO PAINEL
FONTE: Mariangela Cunha, 2008

5.2.1 Educação Básica na escola da Ilha Rasa

As quatro primeiras séries do Ensino Fundamental são ofertadas nas escolas das ilhas do litoral norte do Paraná desde a década de 1960, em classes multisseriadas para 1ª e 2ª séries, e 3ª e 4ª séries. O Ensino Fundamental regular até a 8ª série iniciou-se na escola da Ilha Rasa em 2004. Esse fato acarretou em um nível "médio" de escolarização entre a 3ª e 4ª séries nessa região, o que corresponde aos níveis de escolarização encontrados no norte e nordeste brasileiros⁶¹. Esse início tardio acarretou numa defasagem entre a idade/série, pois os alunos que tiveram seus estudos interrompidos na 3ª ou 4ª série, antes do Ensino Fundamental completo não conseguiram dar sequência ao processo de escolaridade. Alguns desses alunos frequentam a escola, atualmente, na modalidade EJA. Esta modalidade de ensino se concentra até os dias de hoje em uma única sala de aula e os alunos estudam juntos, em classes multisseriadas, independentemente da idade e do nível em que se encontram. O Ensino Médio regular teve início na escola da Ilha Rasa no ano de 2009. São, ao todo, 22 alunos que frequentam as duas primeiras séries.

Anteriormente à oferta do Ensino Médio na Ilha, a Prefeitura de Guaraqueçaba oferecia transporte público aos alunos que optavam por frequentar esta modalidade no Colégio Marcílio Dias, em Guaraqueçaba. O traslado diário para Guaraqueçaba acarretava em riscos de evasão escolar, pois os alunos sentiam-se cansados por ter de se deslocarem todos os dias de barco para a escola.

⁶¹ Dados coletados em Novembro 2009, UFSC, no I Seminário de Pesquisa em Educação do Campo, em Palestra da Professora Doutora Liliane Nunes Oliveira.

5.2.2 A Educação de Jovens e Adultos (EJA) na escola da Ilha Rasa

A modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA) caracteriza-se principalmente por seu público heterogêneo quanto à faixa etária, com particularidades a serem consideradas no processo ensino-aprendizagem. Na modalidade EJA, o pouco tempo disponível para o ensino, assim como a redução e simplificação dos conteúdos podem ocasionar o empobrecimento do processo ensino-aprendizagem. No entanto, a EJA deve possibilitar a apropriação de conhecimentos que oportunizem a participação na vida política, econômica, social e cultural do meio em que está inserida.

Os alunos que frequentam a EJA para o Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) estudam em uma mesma sala, no sistema de classes multisseriadas. Todos recebem o mesmo conteúdo, não importando a série em que estão. A EJA para o Ensino Médio iniciou há dois anos. A maioria dos alunos é pescador com idade acima de 18 anos. Eles pescam durante o dia e estudam à noite. Assim, esses alunos da EJA frequentam a escola depois de um dia cansativo, requerendo do professor uma grande flexibilidade pedagógica na sua prática.

Atualmente⁶², a EJA possui 15 alunos com idades entre 20 e 37 anos, para as classes multisseriadas de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, e 13 alunos para o Ensino Médio. As aulas têm início às 18h e término às 22h, mas segundo relato de um dos alunos dessa modalidade, em rodas de conversas, as aulas geralmente não ultrapassam o horário das 20h, devido à baixa concentração dos alunos. No período letivo de quatro horas, os alunos têm cinco aulas com o mesmo professor e dez minutos de intervalo, para "tomar um ar", segundo relato de um aluno.

⁶² Trabalho de campo, 2009.

O mesmo aluno supracitado relatou que as aulas acontecem da seguinte forma: 1) os estudantes, após exposição do professor, dividem-se em grupos; 2) elaboram perguntas, debatem, expõem suas ideias e opiniões sobre o conteúdo; 3) fazem trabalhos para apresentar na frente da classe⁶³. As aulas contam com um professor que “ensina de tudo”. Este professor é um morador nativo da Ilha Rasa, com formação em Normal Superior, pelo sistema de Educação à Distância oferecido em Guaraqueçaba, nos finais de semana. Em entrevista, o professor Ezequias falou muito em autores como Marx e Engels, dizendo-se apaixonado pelo marxismo: “me realizo com Marx, Rousseau, Romantismo, Parnasianismo”. Desconhecemos seu referencial teórico, no entanto percebemos o carisma que exerce sobre os alunos, a dedicação e a vontade de obter conhecimento teórico. Esse professor é visto pelos alunos como um dos melhores que “já pegou”.

O recente início do Ensino Fundamental completo na Ilha ocasionou grande disparidade entre a idade e a série dos alunos, e adultos que tiveram seu processo de escolarização interrompido na 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental não se estimulam a retornar aos bancos escolares. Segundo o relato de uma moradora, não existe a intenção de voltar a estudar porque seu marido levanta bem cedo para pescar e ela o ajuda na preparação da alimentação e das redes de pesca. Assim ocorre com outras famílias. E à noite, as mulheres preferem dedicar tempo às suas famílias.

Na Ilha Rasa, há também analfabetos adultos, os quais apresentam resistência para voltar aos bancos escolares. Os professores procuram incentivá-los, ressaltando a importância de estudar.

⁶³ As informações foram obtidas no momento de entrevista com um aluno da EJA, 2009.

Como proporcionar tal compreensão do mundo social, como torná-lo inteligível, se os moradores da Ilha não estão inseridos no circuito de relações e atendimento do Estado, se o mundo no qual habitam está isolado das transformações que ocorrem no mundo contemporâneo? Como a escola cumprirá seu papel na socialização do conhecimento, de ampliar a leitura de mundo, de responder aos desafios impostos pela realidade de seus habitantes, de possibilitar uma sociedade igualitária, se o acesso aos bens construídos socialmente e simbólicos estão distantes de sua esfera de possibilidades?

5.2.3 Classes Multisseriadas: uma realidade nas escolas das ilhas

Discutir essa forma de organização escolar é um grande desafio, e o tema tem ganhado cada vez mais espaço na pauta das discussões oficiais e de pesquisas que contribuem para a compreensão dessa realidade educativa. Um exemplo deste enfoque pôde ser percebido no I Seminário de Educação do Campo, realizado em novembro de 2009, na Universidade Federal de Santa Catarina. No encontro, um número considerável de trabalhos – 4 dos 83 – versavam sobre o tema. Nas 30 escolas das localizadas na zona rural de Guaraqueçaba, 26 são multisseriadas.

No Caderno de Subsídios para a Educação do Campo (PARANÁ, 2002, p. 21) consta que as classes multisseriadas estão presentes em 64% das escolas que oferecem o Ensino Fundamental de 1^a a 4^a séries. São 1.751.201 alunos que enfrentam a precariedade da estrutura física, sobrecarga e alta rotatividade dos professores. Estes dados evidenciam o desafio educacional presente no meio rural brasileiro que, inevitavelmente, interfere no processo de ensino/aprendizagem. Além disso, a baixa remuneração dos professores nas escolas do campo explica a intensa rotatividade e a inadequada formação dos professores.

O Quadro 2 mostra dados referentes às classes multisseriadas em alguns estados do Brasil. É possível constatar que existe um número significativo de escolas com classes multisseriadas na Região Norte e Nordeste do país, com um número significativo dessas classes nos Estados do Pará e da Bahia.

QUADRO 2 – CLASSES MULTISSERIADAS NO BRASIL

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
BR	148.962	133.545	134.581	125.627	117.871	111.653	110.661	106.454	102.905	93.884
AM	3.914	3.916	4.182	4.339	4.301	4.367	4.410	4.535	4.749	5.136
PA	11.504	12.090	12.022	11.843	11.375	11.231	10.983	10.803	10.324	10.026
PI	6.071	6.353	6.706	6.291	5.966	5.777	5.485	5.347	5.184	4.547
CE	7.565	7.781	8.352	7.450	6.609	6.382	7.350	7.108	6.623	6.723
RN	2.237	2.256	2.372	2.398	2.317	2.159	2.146	1.892	2.108	1.837
PB	5.082	5.697	5.904	5.385	5.083	4.867	4.761	4.567	4.637	5.008
PE	8.152	8.507	8.864	8.598	7.889	7.620	7.721	7.583	7.288	6.757
AL	2.321	2.446	2.484	2.427	2.249	2.177	2.098	2.046	2.064	2.029
SE	1.385	1.479	1.423	1.357	1.275	1.356	1.409	1.245	1.212	1.145
BA	24.322	25.851	26.569	25.314	23.868	21.451	20.438	19.172	18.192	16.549
MG	27.588	12.234	11.884	10.732	10.192	9.463	10.584	10.013	9.705	8.285
ES	3.114	2.570	2.514	2.406	2.270	2.173	2.131	2.165	1.968	1.892
SP	2.603	2.422	2.171	2.185	2.364	2.452	2.107	2.032	1.744	255
PR	6.441	4.689	3.594	2.560	2.064	1.755	1.577	1.413	1.234	956
SC	3.653	3.001	2.767	2.544	2.218	1.886	1.624	1.434	1.339	1.149
RS	7.502	6.064	5.718	5.140	4.771	4.346	4.155	3.719	3.391	2.624

Dados colhidos nas Sinopses Estatísticas da Educação Básica de 1997 a 2007. Disponíveis em www.inep.gov.br/censoescolar.

Não obstante as dificuldades encontradas, as escolas com classes multisseriadas são uma das características da educação escolar da grande maioria dos sujeitos no campo. Nessas classes os alunos são divididos em fileiras seriadas ou até mesmo por idade, e geralmente enquanto umas fileiras recebem matéria nova, as outras trabalham sozinhas.

Rabello e Glodenstein (1986 apud ROSA, 2008, p. 227), apontam para algumas dificuldades encontradas na organização destas classes: a) a idealização da classe homogênea por parte do professor, que a considera mais fácil de

trabalhar; b) a dificuldade de se elaborar um planejamento que esteja vinculado às reais condições da classe; c) o atendimento aos diferentes níveis de aprendizagem.

Essas dificuldades estão presentes no dia-a-dia de qualquer escola, seja ela unisseriada ou multisseriada. Entretanto, é importante analisar em que contexto elas estão funcionando, os alunos e a comunidade em que se está trabalhando, para que a prática educativa seja bem sucedida. Devido à distância e ao reduzido número de alunos, é comum encontrar estudantes de diferentes níveis de conhecimento concentrados no mesmo espaço e ao mesmo tempo.

A heterogeneidade das classes multisseriadas ou unidocentes é geralmente apontada como principal culpada pelo baixo rendimento escolar da turma. Entretanto, a homogeneidade já deixou de ser considerada como um fato real. Não há classes com alunos iguais, com os mesmos conhecimentos.

A diversidade é uma constante em qualquer grupo social, mas em escolas rurais ela chama mais a atenção por concentrar alunos de idades e níveis de conhecimento díspares no mesmo espaço e ao mesmo tempo. No discurso dos professores da escola da Ilha Rasa, essa modalidade é tida como prejudicial ao ensino dos menores, pois, nesse contexto, demanda mais atenção e surgem empecilhos para o rendimento escolar e progresso dos maiores.

Por outro lado, Claudia Molinari (2009, p.2), pesquisadora argentina, aponta para o fato de que todos podem aprender em turmas que reúnem estudantes de diversas idades e níveis de conhecimento. Ela afirma que “a interação entre alunos de diferentes níveis, antes considerada um obstáculo, transformou-se em vantagem pedagógica”. Para a pesquisadora, não há problemas em se colocar alunos com diferentes idades e níveis de conhecimento em uma mesma sala, pois todos se

ajudam mutuamente, facilitando a socialização dos conhecimentos. Essa interação, segundo ela, cria um ambiente favorável à aprendizagem.

Este aspecto é apresentado por Cotello (2005 apud ROSA, 2008, p. 234) como sendo um dos princípios importantes em relação à postura do professor de classes multisseriadas, acrescentando que a aprendizagem ocorre mesmo sem a presença constante do professor, uma vez que relações sociais favorecem a interação entre os diferentes grupos.

Nessa perspectiva, Arroyo (1999, p. 45) compreende que a escola multisseriada pode agrupar como uma das opções os alunos por idades e não por séries. Outra opção seria o agrupamento por idades cognitivas e culturais mais amplas. A diferença que os alunos apresentam em relação ao conhecimento da leitura e da escrita não seria um problema para este autor, pois a função da escola ultrapassa esses limites. Segundo Arroyo, nas classes multisseriadas é possível para o professor trabalhar a relação entre “idades diferentes, saberes diferentes e vivências diferentes.” O autor acredita que a escola multisseriada traz riquezas na organização por ciclos de formação (ARROYO, 1999, p. 46).

É importante destacar a necessidade de mudança quanto ao planejamento das aulas para que se possa aproveitar a diversidade presente nestas situações. Como afirma Molinari (2009, p. 2), fazer planejamentos distintos para cada grupo não seria uma estratégia eficiente, pois no decorrer da aula o professor teria que correr de um lado para o outro, procurando atender a todos. Assim, o docente estaria se dedicando mais a determinado grupo, deixando outros com atividades que não demandam muito esforço para serem executadas. Essa forma de organização não proporcionaria a construção do conhecimento.

Molinari (2009) relata ainda que um planejamento que procurasse envolver toda a turma, como um só planejamento, com tarefas individuais, coletivas e em grupos, menores ou maiores alternando-se, surtiria efeitos positivos. Exemplo desse trabalho é descrito pela autora:

A turma toda participava do planejamento, dos registros em cartazes das tarefas e dos compromissos assumidos, das exposições feitas pelo professor, das discussões sobre vídeos e materiais selecionados e das decisões sobre as fontes a serem consultadas e as informações para a edição do texto final. (MOLINARI, 2009, p. 3).

Desta forma, os professores estariam desfrutando das diferentes situações e aproveitando a diversidade dos alunos e das turmas. Com efeito, as classes multisseriadas, por se caracterizarem pela diversidade e heterogeneidade, permitem a construção de relações das diferenças e a possibilidade de cooperação dentro do mesmo espaço escolar, com aprendizagens significativas. A diversidade pode, dessa forma, ser um atributo na prática educativa. (MOLINARI, 2009, p. 4).

5.3 PRÁTICA PEDAGÓGICA

A prática pedagógica está sendo compreendida como uma prática social que visa à formação humana e pode ocorrer tanto em espaços e tempos escolares como ao entorno da escola, com intencionalidades de aprendizagem. Fazem parte da prática pedagógica que analisamos na pesquisa as aulas que acontecem fora do espaço escolar, as atividades escolares desenvolvidas pelos alunos em outras comunidades, os ensinamentos passados de pai para filho, entre outros elementos. A prática pedagógica e a prática educativa estão sendo vistas como sinônimos neste estudo, pois correspondem ao fazer educativo, ao pensar, ao fazer que orienta a prática em sala de aula, à metodologia utilizada e à relação estabelecida entre o

educador, o educando e a comunidade. Consequentemente, atribuímos à compreensão da prática pedagógica a concepção educacional que a orienta. (SOUZA, 2006, p.101).

Supondo-se que a prática pedagógica encontra-se em um momento de transição na Ilha Rasa, observamos momentos em que os professores ora transitam entre a prática tradicional que os orientou em sua trajetória educacional, ora na prática revolucionária, como é denominada por Saviani, (2008, p. 52). Essas práticas foram constatadas em salas de aulas e nos depoimentos cedidos pelos professores.

Na primeira metade do séc. XX, o método tradicional era tido como pré-científico, dogmático e até mesmo medieval. Essa era uma concepção falsa propagada pela Escola Nova, a qual, ao mesmo tempo em que acenava com uma escola para todos, pregava uma escola que correspondia aos interesses da burguesia, da classe dominante da época. Assim, o interesse se voltava para uma ordem democrática consolidada, abarcando os interesses das demais classes, do operariado, do proletariado, pois era imprescindível que participassem do processo político. De um lado, a Escola Nova aprimorou o ensino destinado às elites, e, de outro, rebaixou o nível de ensino destinado às classes populares. (SAVIANI, 2008, 41-43).

Com efeito, o ensino tradicional, presente nas escolas ainda hoje implantou-se nacionalmente num momento em que acionava-se “a escola redentora da humanidade, universal, gratuita e obrigatória como um instrumento de consolidação da ordem democrática”. (SAVIANI, 2008, p. 35).

Saviani afirma que:

[...] o ensino tradicional propunha-se a transmitir os conhecimentos obtidos pela ciência, portanto, já compendiados, sistematizados e incorporados ao acervo cultural da humanidade. Eis porque esse tipo de ensino, o ensino tradicional, centra-se no professor, nos conteúdos e no aspecto lógico, isto

é, centra-se no professor, o adulto, que domina os conteúdos logicamente estruturados, organizados [...] (SAVIANI, 2008, p. 38)

Já os métodos ditos revolucionários mantêm presente a vinculação entre educação e sociedade, onde caberia a problematização para detectar a partir da apropriação de instrumentos teóricos e práticos que questões podem “ser resolvidas no âmbito da prática social e, conseqüentemente, que conhecimento é necessário dominar”. (SAVIANI, 2008, p. 56-57).

Para o autor, a pedagogia revolucionária considera que conteúdos atualizados e vivos são primordiais no processo educacional, uma vez que possibilitam a criticidade e um relacionamento dialético com a sociedade. (SAVIANI, 2008, p. 52-53). A prática utilizada nesta escola está inserida num contexto de mudanças, pois tende a oscilar entre práticas tradicionais e inovadoras, o que acaba sendo um desafio para os professores, o de trabalhar com a diversidade de conhecimentos, que lhes é transmitido pelo processo de formação continuada, oferecida pela Secretaria da Educação do Paraná, coordenação da Educação do Campo, ou continuar com a prática existente instituída há muito tempo (SOUZA, 2006, p.107).

Constatamos essa tendência no momento das entrevistas com os professores, quando foram indagados acerca das seguintes questões: planejamento das aulas, seleção de conteúdos, livros didáticos e conteúdo dos cadernos escolares.

5.3.1 Planejamento das aulas

Quando questionados sobre o planejamento das aulas, os professores responderam predominantemente que o fazem segundo orientação da Secretaria

Municipal e Estadual de Educação. Relataram que há capacitações pedagógicas, em especial no começo do ano. Seguem as matrizes curriculares, selecionando conteúdos por bimestre.

Cada professor tem seu método. Passo para os alunos de acordo com o que está direcionado dentro da matriz curricular. Tento dinamizar ao máximo possível o trabalho, geralmente giz, leitura, DVD, trago textos diferentes de revistas, outros livros didáticos, aulas de campo para não ficar somente em um ambiente. Utilizo resumos no quadro, temas para discutir, debates onde cada um coloca seu ponto de vista. Peço que escrevam⁶⁴.

Uso jogos, dinâmicas de grupo, cartazes, gravuras, os alunos produzem, pintam, não são todos que querem produzir. Levo em conta o esforço do aluno, o que eles produziram. Utilizo a maneira expositiva para preparar as aulas e não deixar os alunos muito atrasados⁶⁵.

Quando perguntados se o planejamento é realizado com antecedência, afirmaram que existe a tentativa de planejamento, embora eles tenham muitos afazeres. O planejamento acontece, segundo relato de um professor, em reuniões com capacitações pedagógicas, ou em casa.

Tento planejar. Mas a vida é corrida. Preparo aula no final de semana, rodo atividades no mimeógrafo em casa. Faço planejamento semestral, bimestral, não consigo vencer⁶⁶.

Quanto à necessidade de replanejamento, os professores foram unânimes em responder que existe realmente esta necessidade:

Sempre é necessário replanear, repensar, vislumbrar uma outra forma de fazer a aula⁶⁷.

Pedimos para citarem um exemplo de aula que precisou ser replanejada:

Na 8ª série trabalhei com química e física. Senti dificuldade que tem que fazer experiência em laboratório. Senti que muitas coisas ficaram

⁶⁴ BARBOSA, Oromar. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 28 de julho de 2009.

⁶⁵ FRANÇA, EZEQUIAS. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 30 de julho de 2009.

⁶⁶ BARBOSA, Oromar. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 28 de julho de 2009.

⁶⁷ FRANÇA, Ezequias. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 30 de julho de 2009.

*no ar, que esse tipo de aula tem que ter concreto. Houve necessidade de replanejamento*⁶⁸.

Constatamos a ausência de laboratórios e bibliotecas na escola, aspectos esses que dificultam a prática pedagógica.

5.3.2 Os sujeitos professores

Nas séries iniciais das escolas da vila de Ilha Rasa e da vila de Almeida há professores moradores e nativos⁶⁹ da Ilha e professores vindos de Paranaguá e Guaraqueçaba. Os professores residentes nestas localidades passam alguns dias da semana, ou até mesmo a semana toda na Ilha, hospedados em pousadas e retornam para suas cidades nos finais de semana. Quanto aos professores nativos da Ilha Rasa que estudaram na própria Ilha, na modalidade EJA, e continuam lá com suas famílias até hoje. Outros moradores terminaram seus estudos numa época em que não era possível fazê-los na Ilha, e retornaram após o término do Ensino Médio.

Todos os professores têm formação em Magistério Superior e/ou Ensino Médio, pela modalidade EJA da Ilha Rasa, ou pelo sistema de Educação à Distância em outras localidades, como Paranaguá e Guaraqueçaba, realizado nos finais de semana. Os professores da escola da Ilha Rasa, com exceção de um, que optaram pela Educação Superior, frequentam as aulas em Guaraqueçaba ou Paranaguá, vinculados às instituições ULBRA e UEPG, cursos à distância, com convênios desenvolvidos pela Universidade Aberta do Brasil (UAB). Essa tem sido uma

⁶⁸ BARBOSA, Oromar. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 28 de julho de 2009.

⁶⁹ “Muitos ilhéus do litoral paranaense se reconhecem como “nativos”, outros, por uma questão de (re)conhecimento e fortalecimento identitário se propõem a resgatar o termo caiçara, deslocando a partir do seu uso as conotações depreciativas que sofreu” (PARANÁ, 2009, p. 20).

maneira de formação inicial de professores para muitas localidades e, em especial, para os professores região da baía de Paranaguá.

QUADRO 3 – FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DA ESCOLA DA ILHA RASA

Professor	Local Moradia	Disciplinas que lecionam	Data contratação	Formação Inicial	Instituição
Oromar Barbosa	Ilha Rasa Vila de Ilha Rasa	1ª e 2ª (todas) 5ª a 8ª (geografia e ciências) E.M.– (sociologia e filosofia)	01/03/1996	Geografia – em curso	UEPG – Paranaguá
Ezequias França	Ilha Rasa Vila Ponta do Lanço	1ª e 2ª todas 3ª e 4ª todas EJA	01/04/2009	História – em curso	UEPG – Paranaguá
Diva Pinto de Oliveira	Ilha Rasa Vila Almeida	5ª a 8ª (português). E.M. (biologia)	01/07/1978	Letras – em curso	ULBRA – Guaraqueçaba
Adauto dos Santos	Ilha Rasa Vila Almeida	5ª a 8ª (matemática) 2. turm. (artes)	01/03/1996	Letras – em curso	ULBRA – Guaraqueçaba
Rosa de Andrade da Costa	Ilha Rasa Vila Ponta do Lanço	5ª a 8ª (matemática e ed. física)	2009	Letras – em curso	ULBRA – Guaraqueçaba
Daisy Correa Oilki	Guaraqueçaba	inglês (todas as turmas) português e geografia	2006	Letras – em curso	Curitiba
Graziele Correa Pinheiro	Paranaguá	5ª a 8ª (ciências) português/artes/geografia/ matemática/ biologia	2009	Artes – completo	Belas Artes
Lauriza Mendes Lucas	Guaraqueçaba	História/ ed. física/artes/ ensino religioso	2007	História – em curso	UEPG – Paranaguá
Eliane do Carmo Nascimento	Ilha Rasa	5ª a 7ª (ciências) 8ª (educação física) 5ª a 8ª (CEBEJA)	2009	Letras – em curso	ULBRA – Guaraqueçaba

Fonte: Trabalho de campo, 2009.

Os professores das escolas das ilhas tem realizado cursos específicos para ilhéus e ribeirinhos do litoral desde 2005, com a presença de aproximadamente 250 professores, ampliando-se, assim, a participação dos professores das escolas das

ilhas nos cursos de formação continuada pela Coordenação da Educação do Campo (PARANÁ, 2009, p.7).

Os cursos de formação continuada têm por objetivo uma escola que possa auxiliar a autonomia intelectual dos sujeitos, a fim de que compreendam o mundo a partir do lugar onde vivem, a fim de poderem intervir ativamente na melhoria de sua qualidade de vida. Isso também significa tornar as comunidades tradicionais menos refratárias, por meio da institucionalização de escolas e proposta pedagógica que dialoguem com os saberes dos quais são portadoras. (PARANÁ, 2009, p.13-14).

Durante entrevista, questionamos os professores quanto ao uso do material didático e sua utilização. Este é escolhido pelos pedagogos que trabalham no município e no Estado. O professor que leciona para os anos iniciais do Ensino Fundamental disse não apreciar os livros enviados pelo município, e que adquire outros que acredita serem mais interessantes. Para ele, os livros didáticos do Município são

[...] maçantes, cansativos e totalmente descontextualizados para a realidade da Ilha. Comprei livros que achei mais interessantes. Um é o “Caderno do Futuro”, da IBPEX, edições pedagógicas. Não gosto dos livros do município. Alguma coisa que acho interessante passa. Procuo mostrar visão do geral, da humanidade. Quero mostrar ilha com qualidade de vida é só através da educação. Basta correr atrás de nossos sonhos...⁷⁰.

Os professores utilizam também, para os anos iniciais, a cartilha “Porta Porta/ Viva Viva”, da Editora FTD, com método silábico e textos complementares, mas acreditam que não esteja de acordo com o que almejam para suas aulas. Os livros didáticos que serão utilizados nas duas escolas da Ilha Rasa no ano de 2010 estão listados no quadro abaixo. Eles foram escolhidos pelos pedagogos da

⁷⁰ FRANÇA, Ezequias. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 30 de julho de 2009.

Secretaria de Educação de Guaraqueçaba por oferecerem conteúdos mais próximos à realidade dos ilhéus das baías de Guaraqueçaba e Laranjeiras⁷¹.

QUADRO 4 – LIVROS DIDÁTICOS DESTINADOS À ANÁLISE DOS PROFESSORES PARA A ESCOLHA DE 2010 / PNLD - 2010

DISCIPLINA	1ª OPÇÃO	2ª OPÇÃO
Letramento e alfabetização Linguística	Coleção Porta Aberta	Coleção Conhecer e Crescer
Alfabetização Matemática	Coleção Porta Aberta	Coleção Novo Bem-Me-Quer
Língua Portuguesa	Coleção L.E.R.	Coleção Conhecer e Crescer
Matemática	Coleção Porta Aberta	Coleção Novo Bem-Me-Quer
Ciências	Projeto Pitangua	Coleção Porta Aberta
Geografia	Projeto Pitangua	Coleção De Olho no Futuro
História	Projeto Conviver	Coleção De Olha no Futuro
Geografia Regional	Geografia do Paraná	Aprendendo a Geografia do Paraná
História Regional	História do Paraná	Aprendendo a história do Paraná

FONTE: Trabalho de Campo, 2009.

5.3.3 Os cadernos escolares dos alunos da escola da Ilha Rasa

A análise dos cadernos escolares foi extremamente reveladora, pois constatamos que este documento nos daria pistas do que acontece dentro das salas de aula da escola estudada. O que procuramos identificar nos cadernos escolares foi: a) textos e imagens elaborados pelos alunos a pedido do professor; b) objetivos e função pedagógica dos desenhos mimeografados e colados nos cadernos; c) sinais de vínculo entre a produção escrita dos alunos e a vida na comunidade (cultura e trabalho); d) atividades propostas, escritas e comentadas pelos professores nos cadernos dos alunos; e) sinais que indicam a força tradicional da

⁷¹ Dados coletados junto à Vânia Regina Luiz, coordenadora da EJA, Secretaria Municipal de Guaraqueçaba, 2009.

instituição escolar e sinais que demonstram aproximação pedagógica com a ideologia da educação do campo.

Os cadernos escolares das crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental da escola da Ilha Rasa foram analisados como relevante artefato material da escola contemporânea.

Os cadernos escolares são objetos indissociáveis das idéias de estudo e educação. São suportes de escrita que assumem grande importância como mediadores materiais de processos cognitivos e afetivos que se dão na escola. (SANTOS, 2008, p.145).

O objetivo desta análise nos possibilitou mais uma forma de compreensão do que está acontecendo dentro da sala de aula da escola. Foi uma das maneiras de nos aproximarmos da prática pedagógica que ocorre na escola, pois são considerados indícios, pistas do real (OLIVEIRA, 2008, p. 129). Na mesma obra a autora afirma que,

Ler sinais, compreender através deles alguns significados daquilo que não podemos dominar de outro modo, captar neles elementos de realidade não compreensíveis pelos meios tradicionais de pesquisa. [...] Pesquisar esses indícios abre as portas para irmos aonde a racionalidade não vai, ajuda a compreender os saberes, idéias e formas de subjetividades que se impregnam nas práticas cotidianas desenvolvidas pelos sujeitos sociais, para além daquilo que eles têm sob controle racional. (OLIVEIRA, 2008, p. 130).

É fundamental perceber que os cadernos materializam uma parcela importante do processo escolar. São utilizados como suportes da escrita nas atividades em sala de aula, mediadores das relações vividas pelo aluno na escola e, principalmente, informantes na compreensão de como acontece o processo ensino aprendizagem, eles documentam a escolarização (SANTOS, 2008, p. 146).

O que trazemos para este estudo é o que aprendemos com uma pequena amostra dos cadernos dos alunos da escola da Ilha Rasa. Optamos por restringir

nossa observação a seis cadernos escolares de alunos entre 6 e 8 anos, que estudam na 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental. Um estudo mais aprofundado permitiria elencar inúmeras pistas sobre outros aspectos que não os estudados nessa dissertação, tais como: pistas sobre as condições de vida dos alunos, afiliações culturais e sociais, relações dos alunos com outros alunos, relações dos alunos com os professores, com a metodologia utilizada na escola, a letra, avaliação, marcas de correção, marcas identitárias, estética e tantos outros. No entanto, não foi esse o nosso objetivo.

Buscamos refletir sobre o uso deste artefato pelos praticantes do cotidiano da escola, sempre focalizando nossa atenção na relação existente entre a escola e a comunidade. Nosso interesse não foi apenas perceber se as atividades propostas eram contextualizadas com a realidade da Ilha ou não, mas, sim, procuramos nos cadernos indícios de um vínculo entre o conhecimento produzido e a vida na Ilha.

Os cadernos são importantes instrumentos e fontes de pesquisa em Educação. A esse respeito, sinalizamos o que afirma Oliveira (2008, p.130),

[...] sobretudo aquelas voltadas ao estudo do cotidiano escolar e daquilo que nele existe de diferente do previsto e normatizado e que pode ser percebido com esse tipo de estudo. Muitas das relações dos alunos com os conteúdos escolares e atividades oficiais da escola se faz presente nesses cadernos.

Com base nessa ideia, descobrimos indícios que auxiliam na compreensão da diversidade e pluralidade de redes tecidas entre alunos, escola e comunidade. Esses cadernos foram analisados em duas ocasiões. Em uma delas, nos dirigimos à casa dos pais, os quais ficaram presentes durante a observação e mostraram-se orgulhosos em mostrá-los. Enquanto analisávamos os cadernos, os pais faziam comentários quanto à caligrafia, desenhos e atividades, salientando por diversas

vezes que a caligrafia não estava boa para a série em que se encontravam as crianças.

É fundamental destacarmos que as crianças da comunidade demonstraram orgulho e prazer em mostrar seus cadernos. Sorriam cada vez que uma página era virada e fotografada. Os encontros com esses alunos na vila de Ilha Rasa propiciaram a reflexão geradora das indagações que se seguem.

Constatamos, em nosso primeiro mergulho nos cadernos, o objeto em si, o qual é, geralmente⁷², um caderno grande, do tipo universitário, com doze matérias, utilizado para as duas primeiras séries do Ensino Fundamental. As crianças neles registram informações referentes às disciplinas ministradas em sala de aula – Português, Matemática, Ciências, Geografia e História. As disciplinas não seguem as divisões do interior do caderno, mas o aluno segue a sequência dos dias letivos. Os cadernos possuem o mesmo padrão, independentemente da série em que se encontra o aluno.

Verificamos que os cadernos são utilizados como suportes de escrita, cópia de textos e realização de exercícios. Mesmo quando os professores propõem atividades realizadas em folhas soltas, estas são coladas nas páginas dos cadernos, passando a fazer parte deste recurso didático.

A frequência de desenhos mimeografados, ocupando, em média, meia folha é uma constante. Estes são entregues aos alunos para serem pintados e/ou servirem de suporte para a produção de textos e frases. Segundo os professores, a intenção de fornecer desenhos prontos para serem pintados é a de distrair os alunos quando estão cansados, para ilustrar um tópico que está sendo trabalhado ou, ainda, para pintarem e depois escreverem um texto sobre o desenho. Após o

⁷² Dos cadernos analisados, quatro foram do tipo universitário e dois pequenos.

término do texto, os alunos muitas vezes apresentam seus desenhos e textos em frente da turma.

Na 1ª e 4ª série dou para os alunos pintarem figuras de animais vertebrados e invertebrados. Por exemplo, uma cegonha, um macaco mimeografado [...] Eles pintam e depois fazem um texto sobre esses animais. Eles fazem o texto para estimular a leitura e a produção de texto⁷³.

Os desenhos sempre entregues prontos e mimeografados aos alunos retratam animais, meios de transporte, frutas e flores. Entre os animais encontrados nos desenhos constam golfinhos, jacaré, coelho, gato, cachorro, anta, joaninha, cegonha, leão, urso, pavão, tartaruga, baleia, coelho, girafa, entre outros. Os meios de transporte são carroça, carro, ônibus, trem, avião; entre as flores retratadas, encontramos principalmente a rosa, e entre as frutas, laranjas, bananas, abacaxi e principalmente a uva.

É importante perceber que a uva, retratada nos desenhos, não se encontra à venda nem em lavouras na Ilha Rasa nem na cidade mais próxima onde os ilhéus fazem suas compras mensais, Guaraqueçaba. Nos desenhos de meios de transporte, não se percebeu a presença de canoas e baleeiras, o transporte local. Os meios de transporte encontrados fazem parte de outros cotidianos, são tipicamente urbanos. Quanto aos animais, houve um equilíbrio entre os animais encontrados na ilha e os da cidade grande.

Os desenhos mimeografados são retirados do livro de um dos professores da escola⁷⁴. Compreendemos que pintar desenhos prontos leva à reprodução do que já foi produzido e também serve, de certa maneira, para possibilitar alguma comodidade ao professor. Observamos uma pequena quantidade de desenhos

⁷³ FRANÇA, Ezequias. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - agosto de 2009.

⁷⁴ Informação colhida no momento de entrevista, 2009.

produzidos pelos próprios alunos, talvez dois ou três, no caderno todo. Não obstante, lembramos que desenhos livres dos alunos nas paredes externas e internas da escola foram observados durante a pesquisa de campo, e demonstram haver um vínculo entre a escola e a comunidade.

A cópia é uma prática recorrente na escola, atividade na qual os alunos ora escrevem várias vezes frases e palavras pré-escritas em seus cadernos pelos professores, ora fazem cópias da lousa. O objetivo dessa atividade é copiar diversas vezes (3, 4, 5 e até 9 vezes), para, segundo os professores, resultar na melhoria da letras. Citamos exemplos de frases e palavras escritas nos cadernos dos alunos, pelos professores:

'Eu gosto de estudar na minha escola', 'O morango é uma fruta deliciosa', 'O biscoito tem sabor de morango', 'No aquário tem vários peixes', 'Eu gosto de comer batata doce', 'A joaninha é um inseto', 'A joaninha é muito bonita', 'domingo', palhaço', Serafim', 'mamadeira', 'pescaria', desanimada', gostinho', mistura', minhoca'.

Há que se questionar, nesse momento, a importância da cópia. Qual seria o objetivo da ação de se copiar frases diversas vezes? Os professores escrevem repetidas vezes a mesma informação no caderno de todos os alunos. Os alunos copiam, no entanto, não sabem nem mesmo a razão da cópia. Quando questionamos os alunos acerca da razão da cópia, primeiramente ficaram surpresos, como se não estivessem esperando esse tipo de pergunta; depois, responderam que é para "aprender". Continuamos perguntando: aprender o que? E ouvimos a resposta: 'Ah! Aprender!'.

Na Figura 23, observamos duas frases que ilustram a referida atividade:

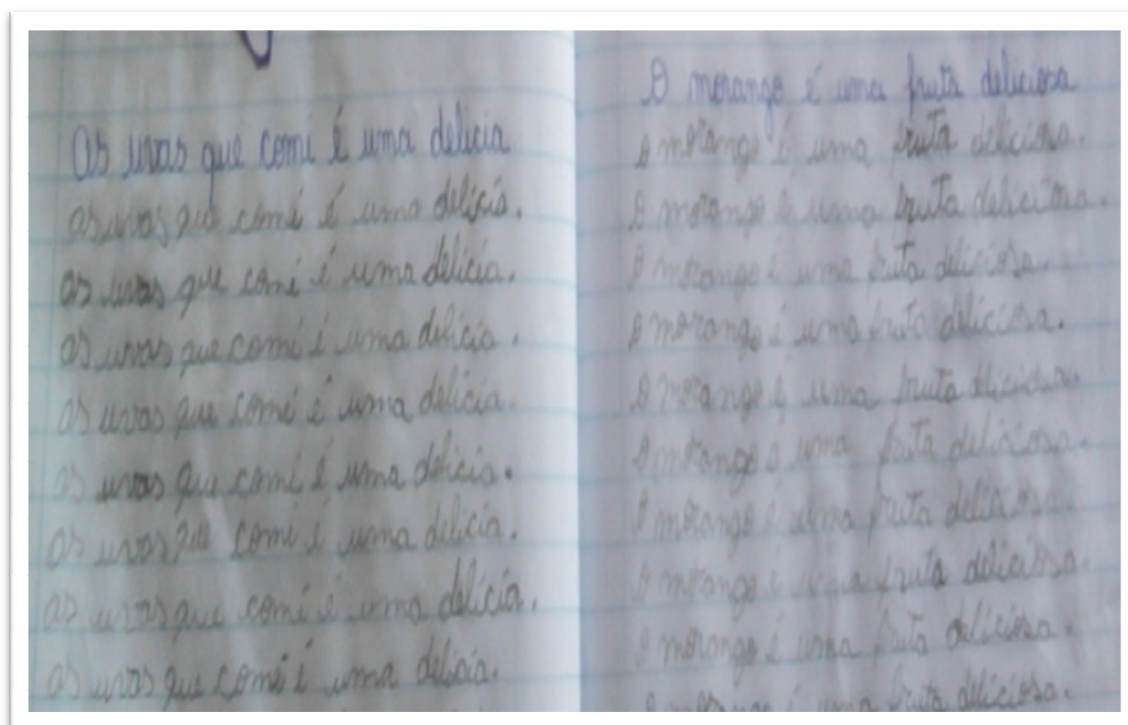


FIGURA 23 – DETALHE DE CADERNO DE ALUNO DA ESCOLA DA ILHA RASA
 FONTE: Mariangela Cunha, 2009.

Pensar em possíveis motivos para essa atividade pode ajudar na compreensão da dinâmica do espaço escolar: copiar para melhorar a letra, copiar para adquirir conteúdo, copiar para quê? Qualquer tipo de resposta seria precipitada; todavia, podemos inferir que os professores, ao escreverem nos cadernos dos alunos e requisitarem a cópia, estão se reportando a uma época em que a cópia era comum nas escolas, muito provavelmente a época em que eram alunos e assim aprenderam.

Não obstante, percebemos que existe a preocupação por parte dos professores em relacionar a vida da comunidade com a vida da escola, o que é demonstrado por meio de textos que procuram retratar a comunidade, o lugar onde vivem as pessoas, os animais presentes em seu dia a dia. Até mesmo muitas frases escritas pelos professores para os alunos copiarem fazem parte do cotidiano da comunidade de ilhéus. Alguns temas de atividades e textos discorrem sobre:

- O planeta Terra
- A tartaruga
- De que é composta nossa Terra
- O cuidado com o lixo
- As plantas e o ar
- O meio ambiente
- Orientação pelo sol
- A Família
- Os animais
- O leão
- Animais invertebrados/animais vertebrados
- As estações do ano
- A raposa e a cegonha
- A abelha é bonita
- Protegendo a natureza
- A comunidade em que vivemos
- O menino pela a fruta
- Julieta mora no sitio⁷⁵.

Essas observações indicam que existe, portanto, o esforço e a tentativa do grupo docente em propiciar conteúdos que levem os alunos a repensar sua prática diária e a se conscientizarem de que a escola poderá lhes trazer benefícios futuros.



FIGURA 24 – CADERNOS DOS ALUNOS
FONTE: Mariângela Cunha, 2009



FIGURA 25 – CADERNOS DOS ALUNOS
FONTE: Mariângela Cunha, 2009

⁷⁵ Informações colhidas em trabalho de campo. Agosto de 2009.



FIGURA 26 – CADERNOS DOS ALUNOS
FONTE: Mariângela Cunha, 2009



FIGURA 27 – CADERNOS DOS ALUNOS
FONTE: Mariângela Cunha, 2009

As Figuras 24, 25, 26 e 27 ilustram o que temos procurado transmitir. Em quase todas as figuras existe a presença de desenhos mimeografados e colados nos cadernos para os alunos pintarem. São elementos presentes e não presentes na ilha, que são trabalhados, conforme relata o professor:

[...] procuramos mostrar como são outros bichos e outras frutas, para os alunos conhecerem⁷⁶.

Na Figura 26, encontramos um elemento muito presente no dia-a-dia dos moradores das ilhas, a garça, símbolo de Guaraqueçaba. Este desenho celebra o aniversário do município. A última figura traz uma produção própria dos alunos. Esses são momentos pouco comuns nos cadernos.

Sobre o ato de verificar os cadernos dos filhos, quatro entrevistados afirmaram que olham e um afirmou não ter paciência. Aqueles que olham destacaram, de um lado, filhos com caligrafia ruim, e de outro cadernos caprichados.

⁷⁶ FRANÇA, Ezequias. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - agosto de 2009.

Após esse rápido olhar sobre os cadernos escolares dos alunos da Ilha Rasa, fica evidente que o caderno é um dos importantes objetos que constituem a cultura escolar. O fato fica evidente com a afirmação de Oliveira (2008, p.142):

Daí a importância da utilização de fontes de pesquisa que permitam desinvisibilizar o qualitativo, o singular, o específico de cada circunstância e o que eles podem nos ensinar sobre as práticas reais, seus modos de acontecer e suas características próprias.

Abrem-se, a partir da justificativa para o estudo dos cadernos escolares, inúmeras possibilidades para a pesquisa em Educação.

6 COMUNIDADE X ESCOLA: UM VÍNCULO POSSÍVEL?

Para compreender a relação existente entre a comunidade e a escola, na pesquisa, propomo-nos, de início, fazer uma análise das entrevistas com os professores e alunos da escola da Ilha Rasa e moradores da vila de Ilha Rasa. Partimos do seguinte questionamento: há um vínculo entre o mundo da escola e o mundo da Ilha? O que acontece dentro das paredes da escola tem relação com o modo de vida da comunidade de pescadores artesanais de Ilha Rasa?

Trabalhamos neste capítulo com a categoria vínculo por acreditar que a partir do momento em que os professores estabelecem uma relação entre o conhecimento já produzido na humanidade e a vida na Ilha, auxiliam os alunos a compreender o mundo a partir do lugar onde vivem e a favorecer a “construção de suas referências” (VENDRAMINI, 2000, p. 183).

Para efetivamente entrarmos no mundo da escola, para sabermos o que se passa dentro de suas salas de aula, optamos por apresentar as portas de entrada das duas principais salas de aula da escola, exemplificadas na Figura 27. O desenho pintado na parede externa da escola foi feito pelos alunos, para retratar elementos que compõem o seu dia a dia: o mar, a vila, as embarcações, o pescador, as montanhas, cachoeiras e a escola.

Essa figura é muito significativa, pois representa os elementos que fazem parte da vida dos ilhéus de Ilha Rasa e a instituição escolar incluída na vida e no cotidiano desse grupo de pessoas. Nessa linha de pensamento, parece-nos claro a existência de um vínculo, restando agora entrar pelas portas de entrada das salas de aula para verificar a existência de um “elo de ligação entre experiências locais

específicas, de um lado, e experiências gerais da sociedade nacional e internacional, de outro lado” (VENDRAMINI, 2000, p. 164).



FIGURA 28 – PAREDE DA ESCOLA DA ILHA RASA
FONTE: Mariângela Cunha, 2008.

A compreensão da relação entre a Ilha e a escola observada na Figura 28 se aproxima do pensamento de Saviani (2008, p. 53), ao afirmar que “a educação se relaciona dialeticamente com a sociedade”. Essa dialética se estabelece quando a educação escolar influencia e é influenciada pela vida na Ilha. Estabelece-se, dessa forma, um elo entre a escola, o conhecimento historicamente construído, o cotidiano familiar dos sujeitos da escola e suas relações sociais de trabalho.

A proximidade entre o conhecimento gerado na especificidade da Ilha e o conhecimento socialmente construído determina a educação não somente como determinante responsável pelas transformações sociais, mas sim como elemento “importante e por vezes decisivo no processo de transformação da sociedade” (SAVIANI, 2008, p. 53).

6.1 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA PARA OS MORADORES

Para responder as implicações inerentes à essa questão, entrevistamos pais de alunos, alunos e professores da escola da Ilha. Os dados evidenciam a valorização da escola e, ao mesmo tempo, indicam que a recente implantação do Ensino Fundamental completo e EJA (2004), e Ensino Médio (2009), ainda não faz parte do cotidiano do grupo de pessoas adultas. Esses moradores apresentam certa resistência em retornar à escola e a entendê-la como um espaço que se relaciona com suas vidas. Essa visão é diferenciada nos mais jovens, que vêem a escola como transformadora da sociedade.

6.1.1 A escola como lugar de aprendizagem e vínculo com o dia-dia dos ilhéus

Os alunos entrevistados valorizam o aprendizado que têm na escola e fazem a ligação deste com o mundo da pesca atual e com o mundo da pesca futuro, existindo, neste caso, a noção de complementaridade do que se aprende na escola com o que se vivencia no dia a dia na vila. Os alunos evidenciam uma clara noção de que as experiências educacionais do espaço escolar agregam valor à vida fora dos muros da escola. Vinculam a formação recebida como forma de melhorar a qualidade de vida na Ilha e a oportunidade de acesso ao mercado de trabalho. Consideram que a relação existente entre a escola e a vida na Ilha está presente na escola.

O que se aprende na escola pode utilizar em casa. Aprende a fazer contas quando vai numa mercearia, dar troco⁷⁷.

⁷⁷ CUTIA. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - julho de 2009.

*Já aprendi sobre a pesca. O vento ajuda o pescador quando ele sai para o mar. Aprendi sobre várias espécies de peixe*⁷⁸.

Segundo os alunos, o que se aprende na escola é útil para o dia a dia e para o trabalho. Eles percebem que, com a obtenção do conhecimento escolar, terão condições de modificar seu modo de vida, pois a escola poderá trazer-lhes conhecimentos que os levem a fazer escolhas, a optarem pelo modo de vida que mais lhes seja conveniente. A escola aparece como sendo o local “onde as pessoas entram justamente para aprender coisas que sejam importantes para sua vida” (CALDART, 2004, p. 220).

Por outro lado, cabe ressaltar que uma educação totalmente voltada aos interesses dos povos ilhéus teria inúmeras limitações, uma vez que os prepararia somente para responder a situações mais próximas e localizadas. A educação, no entanto, deve ter a vida na Ilha como ponto de partida para a universalização, preparando os alunos para administrar e resolver problemas em diferentes situações, assim como ir ao encontro de suas aspirações e objetivos (VENDRAMINI, 2000, p.186-187).

*A escola ajuda na vida na comunidade, cada vez que vai para a escola aprende mais. Aprende-se palavras novas, que nunca viu*⁷⁹.

E os professores, como se colocam diante da seleção dos conteúdos?

Os professores relataram em entrevistas que procuram oferecer aos alunos não somente o que lhes é transmitido pelas Secretarias de Educação, matriz curricular enviada pelo Colégio Marcílio Dias ou o que é trazido pelos alunos do seu cotidiano. Hoje, procuram fazer uma integração entre os conteúdos oficiais e o modo

⁷⁸ ONÇA PARDA. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - julho de 2009.

⁷⁹ BARBOSA, Odirley. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - março 2009.

de vida da população da Ilha, assim como a valorização dos modos de vida distintos e específicos.

Eu uso alguns livros como base para fazer meu trabalho e selecionar conteúdos, o que eu posso readaptar a realidade dos alunos e a comunidade em que vive eu faço⁸⁰.

O professor Oromar relatou que também traz conteúdos diferentes dos encontrados nos livros para as suas aulas, procurando enfatizar a necessidade de que cada aluno possa expressar sua opinião em discussões e debates. Este professor, assim como o professor Ezequias, afirma relacionar os conteúdos dos livros didáticos com a realidade na Ilha, o que vem ao encontro de seus critérios de trabalho.

No Ensino Médio não trabalho o livro todo. Não uso os livros todos os dias. Tem dias que trago conteúdos próprios, faço o resumo no quadro, trago temas para discutir, debates, relatos, cada aluno coloca seu ponto de vista. Peço que escrevam. Sempre relaciono, sempre, esse é meu critério de trabalho. Na Geografia relaciono o que acontece no mundo e aqui na Ilha, o que poderá acontecer. Uso o livro, ele é uma ferramenta de trabalho, mas trago outros segmentos junto com o livro para o aluno pensar e repensar os conteúdos.⁸¹

Portanto, a importância em ressaltar aspectos da comunidade e da realidade local dos ilhéus na seleção de conteúdos escolares é evidente na fala dos professores, permitindo assim que o aluno transponha sem rupturas a passagem “do meio familiar para a escola” (VENDRAMINI, 2000, p. 183). Como exemplo, os professores fazem referência a temas trabalhados em suas aulas, como a questão do lixo, as matas ciliares, a erosão dos barrancos, as sociedades tradicionais e o meio ambiente.

⁸⁰ OLIVEIRA, Diva Pinto de. Professora da escola da Ilha Rasa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha – 09 de dezembro, 2009.

⁸¹ BARBOSA, Oromar. Professor da escola da Ilha Rasa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 28 de julho de 2009.

As atitudes dos profissionais da escola da Ilha estão em concordância com o pensamento de Arroyo (1999, p. 30), ao questionar se é “suficiente pegar o livro da cidade e apenas adaptá-lo”, haja visto ser necessário ir “às raízes culturais do campo”, incorporá-las como uma herança coletiva, para superar a visão de que a cultura do campo traz avanços e é dinâmica.

Quando questionados sobre um exemplo de uma aula de sucesso, as respostas vão ao encontro do que acredita Arroyo (1999, p. 34), ao afirmar que “a escola não pode acontecer dentro de quatro paredes, apenas nos tempos e espaços da sala de aula, temos que reinventar tempos e espaços escolares”:

A aula sobre a questão da erosão dos barrancos da Ilha. Levei os alunos para fora para ver os barrancos, mostrando onde era antigamente e como está agora. Falo das matas ciliares, matas que cobrem os barrancos e tipos de erosão. Trabalho isso com a 5ª série. Mostro conscientização, se não cuidar vai ser como na Ilha do Mel. Pego o todo e trago para a realidade da Ilha Rasa⁸².

O exemplo da aula sobre erosão dos barrancos da Ilha. Alunos desenharam e escreveram textos após visita. No Ensino Médio, em sociologia, faço relação com as sociedades tradicionais, com sociedade burguesa. Esse é um debate gostoso. Muitos são importantes para a vida, a concepção que isso não é o todo, a vida daqui é saudável, eles precisam ter argumentos que procurem não ser manipulados. Alunos precisam ter argumentos críticos para o que é necessário e o que não é. Os alunos escreveram sobre isso⁸³.

Outro exemplo de tentativa de um vínculo entre a escola e a comunidade foi mencionado pelo professor Ezequias, quando relatou sobre o conteúdo de uma de suas aulas de matemática, enfatizando momentos em que procura contextualizar e estabelecer um vínculo entre os conteúdos e a vivência dos alunos:

Sempre procuro contextualizar. Na Matemática, trabalho a regra de três usando camarão. 1 quilo de camarão custa R\$ 10,00, quanto vai receber se

⁸² BARBOSA, Oromar. Professor da escola da Ilha Rasa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 28 de julho de 2009.

⁸³ FRANÇA, Ezequias. Professor da escola da Ilha Rasa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - julho, 2009.

vender 30 quilos? Peço para os alunos fazerem a relação e calcularem. Faço Bingo com animais⁸⁴.

Sim, é possível fazer relação com aspectos da vida na Ilha. Depende da criatividade do professor, por exemplo, em matemática. Produzir situações problema sobre venda de peixes⁸⁵.

Arroyo (1999, p. 26) afirma que precisamos “recuperar os vínculos entre educação e terra, trabalho, produção, vida, cotidiano de existência, aí que está o educativo”.

E os alunos, como se colocam diante da importância da escola para a comunidade de ilhéus? O que tem a dizer sobre ela? Eles são unânimes ao expressar a satisfação com a escola:

Acho que é um lugar que ensina a gente para ser alguma coisa no futuro, uma profissão. Quero ser professor⁸⁶.

É bom estudar nela, tem quadro, giz, pai professor, comida gostosa, arroz, feijão, vira, brincadeiras, caridade⁸⁷.

Legal, lugar que a gente aprende muitas coisas, professor ensina muita coisa⁸⁸.

Muito legal, professores são legais⁸⁹.

É uma coisa boa, é legal, pra ser algo na vida, é divertida⁹⁰.

É muito legal, eu gosto de brincar, correr, jogar bola⁹¹.

O interesse pela escola e o que se aprende nela fica evidente nos depoimentos dos alunos, pois a escola é o local onde se ensinam e aprendem coisas, se brinca, corre, joga bola, espaço ideal para prepará-los para o futuro, para realizar seus sonhos de serem professores, dentistas, médicos, biólogos e para se

⁸⁴ FRANÇA, Ezequias. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - julho, 2009.

⁸⁵ SANTOS, Adauto Mendes dos. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha – 09 de dezembro, 2009.

⁸⁶ LOBO GUARÁ. Entrevista concedida a Mariângela Cunha - junho de 2009.

⁸⁷ COBRA CORAL. Entrevista concedida a Mariângela Cunha - junho de 2009.

⁸⁸ CUTIA. Entrevista concedida a Mariângela Cunha - julho de 2009.

⁸⁹ ONÇA PARDA. Entrevista concedida a Mariângela Cunha - julho de 2009.

⁹⁰ COLHEREIRO. Entrevista concedida a Mariângela Cunha - julho de 2009.

⁹¹ TANGARÁ. Entrevista concedida a Mariângela Cunha - julho de 2009.

ter uma família. Além disso, na escola há comida gostosa e é onde se aprende a ser crítico e ter opiniões. Os alunos indicam ter noção de que as experiências educacionais que vivenciam na escola agregam valor à vida fora dos muros da escola; vinculam a educação escolar como forma de melhorar a oportunidade de acesso ao mercado de trabalho e à formação de sujeitos capazes de transformar sua própria realidade.

Ela capacita e te prepara para um mundo lá fora, o que se aprende na escola usa no seu dia-a-dia e no trabalho. A escola é formadora de pessoas críticas. Quando entra na escola tem uma opinião de tudo o que está acontecendo na atualidade⁹².

A valorização da escola está precisa para os alunos, que acreditam ser a escola local para a socialização, para se vislumbrar novos horizontes, para torná-los 'sujeitos históricos'. Arroyo (1999, p. 46) afirma:

A função da escola não é só saber ler e escrever. Que mania que nós temos. A função da escola é mais do que isso. É socializar, trabalhar o tempo, o espaço, é trabalhar a produção, os rituais, os valores, a cultura, tudo isso pode ser feito.

Compreendemos, portanto, que o sentido da educação deve ser amplo, um processo de formação humana, de referências culturais e políticas, para que os sujeitos do processo social possam intervir e seguir almejando uma humanidade mais justa.

Este pensamento é facilmente confirmado à medida que o parâmetro mais vezes citado pelas pessoas entrevistadas foi a importância de ir à escola, de estudar para se ter um futuro melhor que o das pessoas que moram na ilha.

E os pais, o que pensam da escola?

⁹² LIMA, Marcos Roberto Ribeiro de. Entrevista concedida a Mariangela Cunha - março 2009.

Os pais consideram importante haver a escola na Ilha; segundo os depoimentos, o conhecimento adquirido na escola auxiliará seus filhos na busca de um emprego estável e melhor. Eles apostam na escola e acreditam que esta fará diferença no quesito emprego.

Com a escola, um futuro melhor que o nosso, que eles possam estudar, ter um trabalho, serviço que eles possam viver bem, saudável⁹³.

Quero que estudem, estudem, estudo é fundamental. Não vou deixar desistirem, tô em cima⁹⁴.

A escola é boa, uma coisa muito boa, ainda mais que agora continua estudo. Quando estudei era até a 4ª série, agora tem continuidade⁹⁵.

Boa para quem mora na Ilha⁹⁶.

Vejo ela como sendo muito importante para nós, necessário⁹⁷.

De pesca precário. Morrer de fome não morre. Vai ali e mata um peixe. Mas para futuro não dá. Ainda mais agora no inverno. Mata para comer. Futuro bem difícil aqui na Ilha. Tem as coisas boas, lado bom. De ganho é ruim. Tem que estudar mesmo⁹⁸.

Tem que estudar bastante para arrumar um emprego, serviço na prefeitura, que se empregue numa firma boa⁹⁹.

Para muitas famílias de ilhéus, a escola é vista como a perspectiva de um emprego na cidade para seus filhos, uma alternativa que cada família tem de que seus filhos tenham um futuro melhor e melhores condições de vida. Preocupam-se com a escolarização dos filhos e com a continuidade desta, pois para muitos pais, o acesso a escola lhes foi negado. Acreditam que os filhos necessitam encontrar outras formas de sobreviver, pois o produto da pesca está cada vez mais difícil de

⁹³ BATISTA, Andréia Ângelo. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 09 de julho de 2009.

⁹⁴ NASCIMENTO, Eliane do Carmo. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - novembro de 2009.

⁹⁵ RIBEIRO, Liomar. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 08 de julho de 2009.

⁹⁶ VIDAL, Juliano Nunes. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 08 de julho de 2009.

⁹⁷ BATISTA, Andreia Angelo. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - julho de 2009.

⁹⁸ RIBEIRO, Liomar. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 08 de julho de 2009.

⁹⁹ LEITE, Celso Barbosa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 08 de julho de 2009.

ser encontrado, faltando até para o consumo próprio. Tudo isso dificulta a perspectiva de permanência dos mais novos na Ilha, num futuro próximo.

Assim, quando falam da importância da escola, podem estar se referindo à escola “significado historicamente construído de escola como um lugar onde se deve ir para conseguir um diploma, para então conseguir um emprego melhor” (CALDART, 2004, p. 215).

Percebemos que também os professores compartilham desse tipo de pensamento.

Para uma sociedade a escola é a fonte do saber, a sociedade não caminha sem a escola. A escola na comunidade é o benefício maior que temos para a geração de agora e para a geração que virá. A escola é um meio para articular seus pensamentos, socializando com seus colegas o que traz, o que visualiza. Importante que se aprende muito com os alunos. A escola é a janela de toda a comunidade¹⁰⁰.

Fundamental, essencial. A escola é um local de formação de opiniões, criticidade, cidadania, encaminhar as coisas melhores, tornar os sujeitos históricos¹⁰¹.

É fundamental para o desempenho do bom cidadão futuro. Com a pesca já é difícil. Educação faz parte do ser humano, do cidadão¹⁰².

Eu diria que foi de grande importância, a escola na Ilha. Alguns anos atrás, os alunos estudavam até a 4ª série, paravam e iam trabalhar com os pais no mar, e acabavam esquecendo o que aprenderam. Hoje eles estão cada vez mais aprendendo melhor e estão se tornando cada vez mais culto e evoluindo melhor¹⁰³.

A escola aparece, portanto, como um fator preponderante para a superação da crise instaurada no contexto dos pescadores artesanais desta região. A escola é vista como mais do que a escola, como elemento fundamental para melhorarem-se as condições de vida.

¹⁰⁰ BARBOSA, Oromar. Entrevista concedida a Mariangela Hoog Cunha - 29 de julho de 2009.

¹⁰¹ FRANÇA, Ezequias. Entrevista concedida a Mariangela Hoog Cunha - 30 de julho de 2009.

¹⁰² NASCIMENTO, Eliane do Carmo. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - novembro de 2009.

¹⁰³ OLIVEIRA, Diva Pinto de. Entrevista concedida a Mariangela Cunha - 09 de dezembro de 2009.

6.1.2 A escola fora do lugar?

Contraditoriamente às constatações anteriores, parece-nos importante destacar que opiniões divergentes foram percebidas na localidade, tanto dos alunos quanto dos professores, quando discorreram sobre a relação existente entre a vida na escola e a vida na Ilha. Estes relatos falam de uma escola que não apresenta vínculos com a realidade que se vive na Ilha.

Dada a complexidade do desenvolvimento do processo educacional na Ilha Rasa, acreditamos estar perante situações de transição entre um modelo tradicional de educação, que tem prevalecido por décadas, e um modelo “revolucionário”, como diz Saviani (2008), trazido pela formação continuada oferecida pelas Secretarias de Estado e Município, mas principalmente pela coordenação da Educação do Campo/PR. Vale salientar também o processo de transformar práticas relacionadas à Educação rural em práticas e ideologias da Educação do Campo. Os professores percebem a existência do novo, mas a tendência de se utilizar o que era tido como comum ainda se faz presente.

A proposta pedagógica para as escolas das ilhas menciona que,

[...] compreende-se que a formação de educadores é um processo que não se esgota em um determinado tempo-espço, sendo gradual e contínua. No Brasil, até os anos 1990, a formação continuada dos professores foi considerada como um modo de preencher lacunas da formação inicial. Esse entendimento referendava a idéia de acabamento, centrada na tese de que a formação inicial estava fundada em um conjunto finito de saberes, habilidades e práticas que instrumentalizariam o Profissional. Imperou-se assim uma perspectiva bancária de formação continuada de professores, em sua maioria parte restrita à divulgação e reprodução de metodologias pretensamente inovadoras, na qual a reflexão sobre as práticas estavam ausentes (PARANÁ, 2009, p. 90).

Para ilustrar esse item, cabe ressaltar um fato ocorrido com dois alunos da modalidade EJA, habitantes da vila de Medeiros¹⁰⁴, os quais se dirigem à escola de baleeira todos os dias ao entardecer, após terem trabalhado com a pesca o dia todo. Quando chegam à escola, estão tão cansados que, segundo o professor, apresentam dificuldades de concentração.

Estes alunos estão sempre cansados, com dificuldades de concentração, dormem na sala e parecem não aprender. Parece difícil atrair para o conteúdo. Quando tem neblina não vem¹⁰⁵.

Solicitamos um exemplo de aula em que esses mesmos alunos aparentemente não se concentram,

Adoro trabalhar a Revolução Francesa, Montesquieu. É minha paixão. Os alunos parecem não entender, mas adoro trabalhar Montesquieu. Me realizo com Marx, Rousseau, Romantismo, Parnasianismo. Somos influenciados por essa ideologia até hoje¹⁰⁶.

Compreendemos as dificuldades encontradas por estes alunos que transitam entre as comunidades ribeirinhas de baleeiras, depois de um dia exercendo a atividade pesqueira, procurando participar do processo educativo. E também compreendemos o professor que seleciona conteúdos que lhe dão prazer, que são do seu interesse, por acreditar que esses tópicos são relevantes para todos até os dias de hoje, a exemplo da Revolução Francesa.

Segundo a proposta pedagógica para as escolas das ilhas do litoral paranaense, existem momentos em que os conteúdos se desenraizam, desencarnam do mundo e tornam-se fantasmas (PARANÁ, 2009, p. 26). A partir dessa ideia, compreendemos que o importante seria estabelecer um diálogo entre

¹⁰⁴ A vila de Medeiros localiza-se no continente, próxima à Ilha Rasa.

¹⁰⁵ FRANÇA, Ezequias. Professor da escola da Ilha Rasa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - julho, 2009.

¹⁰⁶ FRANÇA, Ezequias. Professor da escola da Ilha Rasa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - julho, 2009.

conhecimentos que poderiam auxiliar os estudantes “a construir seu próprio conhecimento e capacidade de ler o mundo nas suas várias escalas (local, regional e global), a fim de nele agir” (PARANÁ, 2009, p. 32).

Nesse contexto, o relato de um morador da Ilha Rasa e também pai de alunos da escola confirma o fato anterior, ao mencionar que não voltaria para a escola porque:

*O que se faz lá nada tem a ver com a sua vida*¹⁰⁷

Moradores e alunos provavelmente encontram dificuldades para se concentrar nas aulas por acreditarem que os conteúdos nada revelam da realidade em que vivem e também não descortinam a relação existente entre estes fatos e a vida na Ilha.

Saviani (2008, p. 45) demonstra claramente a dificuldade que os alunos encontram ao asseverar que “os conteúdos são fundamentais e sem conteúdos relevantes, conteúdos significativos, a aprendizagem deixa de existir, ela transforma-se num arremedo, ela transforma-se numa farsa”. Para o autor (2008, p. 51-52), a relação existente entre igualdade formal e igualdade real torna-se fundamental para discutir o acesso das camadas trabalhadoras aos conteúdos culturais e históricos. Por educação formal entende o que consta em lei: “todos são iguais perante a Lei”. Esse tipo de igualdade seria o que almeja a sociedade contratual, mas que se transformaria em igualdade real. Tal igualdade implica na “igualdade de acesso ao saber, portanto, a distribuição igualitária dos conhecimentos disponíveis”. Seria como transformar “conteúdos formais, fixos e abstratos, em conteúdos reais, dinâmicos e concretos”.

¹⁰⁷ MATIAS, Maria do Rocio. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 08 de julho, 2009.

Saviani afirma, também, que “a difusão de conteúdos, vivos e atualizados são uma das tarefas primordiais do processo educativo e da escola em particular” (2008, p. 52).

Em entrevista, um aluno afirmou sobre o que se aprende na escola,

Não condiz com a nossa realidade. Está nos preparando para outro lugar, para conseguir algo melhor. Essa é a escola, ensinar, capacitar e te lançar no mercado. É só uma escada na sua vida¹⁰⁸.

Os professores relatam que existe certa dificuldade em trazer os pais para a escola, de fazer com que valorizem, participem do que acontece dentro desta instituição e mesmo que retornem aos bancos escolares. Parece ainda persistir na Ilha o pensamento de que pelo fato de serem pescadores, estudar e frequentar a escola é sinônimo de perda de tempo e de dinheiro.

Não se precisa de estudo para ser pescador, nós vivemos até hoje bem sem a escola¹⁰⁹.

Traz pesquisa e não se consegue ajudar, acho que é forte para ele. Vai a semana toda e traz desenho. Não conheço a escola em funcionamento, dou nota 7 ou 8. Muita coisa não elaboram¹¹⁰.

Certas coisas que professores passam que não me entra na cabeça. Ele não gosta de desenhar.¹¹¹

Os adultos percebem a escola como um mundo à parte, distante de suas realidades, isto é, existe um distanciamento entre o que é ensinado e a realidade em que vivem. É como se definissem que sua "hora já passou", que não existem mais possibilidades de mudanças, aceitando o fardo como dado, passado. A dificuldade em retornar à escola reside também em alguns aspectos relacionados à autoestima .

¹⁰⁸ LIMA, Marcos Roberto Ribeiro de. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - março 2009.

¹⁰⁹ NASCIMENTO, Eliane do Carmo. Professora da escola da Ilha Rasa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - novembro, 2009.

¹¹⁰ LEITE, Celso Barbosa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 08 de julho de 2009.

¹¹¹ MATIAS, Maria do Rocio. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - 08 de julho, 2009.

Segundo os depoimentos dos moradores, estes se consideram velhos demais, com problemas de concentração, sentem dores no corpo, vista cansada, memória fraca para os estudos, além de terem problemas de saúde (coluna e hérnia nas “cadeiras”).

Apresentam também como desculpa para não ir à escola “a cabeça que dói”, a “falta de paciência”. Os pais mencionam que o ensino, além de não modificar suas vidas, não lhes trará benefícios, uma vez que as oportunidades de emprego na Ilha são reduzidas.

Acho importante para os filhos, não quero voltar, sei lá. Se eu for estudar não tenho paciência, não tenho cabeça, em casa tem que estar estudando, falta atenção para a família¹¹².

Saviani apresenta uma justificativa para este tipo de comportamento ao afirmar que “Para eles a escola não tem mais importância, uma vez que eles já se beneficiaram dela”. (2008, p. 55). Os moradores entendem que já se beneficiaram na medida em que conseguem efetuar as operações básicas. A escola não foi muito presente na vida desses pais, que tiveram sua escolarização interrompida por falta de oportunidades. Portanto, é real a dificuldade em fazer dela parte novamente de suas vidas.

Cabe lembrar o início tardio do Ensino Fundamental completo na Ilha Rasa e, assim, a dificuldade da noção de permanência na escola, de escolarização que ultrapasse a 3ª e 4ª séries, que se constitui um processo em construção. Preocupação similar foi observada em uma pesquisa realizada em Porto Velho, Rondônia, abordando as comunidades ribeirinhas do Baixo Madeira, na qual Souza menciona que;

¹¹² RIBEIRO, Liomar. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - setembro, 2008.

Os ribeirinhos já se acostumaram com esta vida de artesão, [...], ao mesmo tempo em que gostam do seu viver, sonham para seus filhos um mundo diferente, que estes: estudem, se formem e tenham um emprego com salário, a chamada estabilidade. Os ribeirinhos acreditam que a Educação Formal é imprescindível para seus filhos [...]. Enquanto isto eles (os pais e mães) seguem suas vidas de artesãos, em um cotidiano imutável, mas que talvez baste. (SOUZA, 2006, p.32).

Arroyo (1999, p. 20), em seu livro intitulado *A educação básica e o movimento social do campo*, ao discutir a visão predominante nas academias, na política e nos governos, de que para a escola rural qualquer coisa serve, afirma que, segundo esse ponto de vista:

Para mexer com a enxada não precisa de muitas letras. Para sobreviver com uns trocados, para não levar manta na feira, não precisa de muitas letras. Em nossa história domina a imagem de que a escola no campo tem que ser apenas a escolinha rural das primeiras letras, a escolinha cai não cai, onde uma professora que quase não sabe ler ensina alguém a não saber quase ler.

Arroyo continua relatando ser essa uma colocação negativa do campo e que a esperança da educação é que determinados pensamentos desapareçam do horizonte de todos. A questão que se coloca é uma “educação básica como direito do homem, da mulher, da criança, do jovem do campo. [...] A educação básica como direito ao saber, direito ao conhecimento, direito à cultura produzida socialmente” (ARROYO, 1999, p. 20).

A concepção de que não é necessário estudar para ser pescador é contraposta em sala de aula, onde os professores tentam quebrar essas imagens e outros pensamentos recorrentes, os quais repercutem na vila, na tentativa de agregar novas significações aos moradores da localidade.

Pescador até os 16 anos, filho e neto de pescadores, o professor Oromar relatou que procura problematizar com os alunos a ideia de que podem, ao mesmo tempo, ser pescadores e frequentar a escola, e que esta lhes auxiliará na aquisição

de conhecimentos que poderão ser muito úteis nas suas vidas. Continua relatando que, por intermédio do que aprendem na escola, serão capazes de ajudar a comunidade e viver melhor.

Digo sempre que a escola é boa para o próprio emprego. O desenvolvimento para com a renda. Digo que para ser pescador tem que saber Matemática, Português, se não vai numa mercearia e o comerciante passa a perna¹¹³.

Falo que não se pode pensar somente em salário, o universo é restrito aqui, tem muita coisa para ser conhecida. Procuro mostrar valores que a educação tem em amplo sentido. Para ser autocrítico, questionarem, formarem opiniões. Procuro passar que a vida não é somente isso, não importa se vai ser pescador, mas um pescador consciente, conhecedor de seus direitos. O mundo é além disso¹¹⁴.

Com esses depoimentos, fica evidente a tentativa de se trazer novas significações para os alunos, bem como conteúdos culturalmente produzidos, que são históricos e que foram praticamente negados aos habitantes das ilhas, até recentemente. Sob essa ótica, Brandão (2002, p. 23) sinaliza que

[...] a escola passa a ser pensada como o espaço da possibilidade de reconstrução social e cultural, como esperança concreta de que o acesso a esta instituição venha ensejar uma educação que possa favorecer uma liberdade interpretada no meio rural como inserção socioprofissional de seus filhos; um saber cultura, representando um ato de emancipação, [...] sem perder de vista o elo com identidades construídas historicamente no cotidiano familiar, nas lutas dos movimentos sociais, no trabalho e na escola. Trata-se de equilibrar as exigências de uma formação de caráter universal, associada às peculiaridades regionais da cultura local.

A autora ainda ressalta ser fundamental que a escola possibilite às crianças e jovens a luta pelos seus direitos de cidadania, o que implica numa escola que dê condições para assumir desafios cada vez mais amplos na sociedade (2002, p. 24).

Em síntese, a escola não está fora do lugar. Há, sim, um processo pedagógico e político em movimento. Nele há marcas do paradigma da educação do

¹¹³ NASCIMENTO, Eliane do Carmo. Professora da escola da ilha Rasa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - novembro, 2009.

¹¹⁴ BARBOSA, Oromar. Professor da escola da ilha Rasa. Entrevista concedida a Mariângela Hoog Cunha - abril, 2009.

campo e do movimento nacional da educação do campo. Isso ocorre em função da dinâmica societária de organizações dos povos do campo e da dinâmica de reforçar e potencializar a educação do campo, por meio de capacitação e simpósios.

6.2 NA VIDA MARCADA PELA PESCA, O QUE A ESCOLA TRAZ DE NOVO?

A escola precisa ser o local de mediação entre a comunidade e o conhecimento historicamente produzido pela humanidade. E que conhecimento, “que saberes sociais construídos historicamente?”, nos pergunta Arroyo (1999, p. 31). O autor afirma, que nem todos os conhecimentos, todos os saberes, são sociais e devem passar do currículo urbano para à escola do campo, pois muitas vezes são saberes inúteis, alienantes e que nada acrescentam. A escola precisa ser capaz de despertar o interesse dos alunos, de estimulá-los à iniciativa, a troca de conhecimentos, ao diálogo (ARROYO, 1999, p. 31).

Torna-se necessário superar o modelo tradicional de transmissão de saberes estáticos, cristalizados: “a escola, sem dúvida, é um dos espaços que se presta ao desenvolvimento de conhecimentos novos” (VENDRAMINI, 2000, p. 192).

Na comunidade estudada, faz-se indispensável não somente uma aprendizagem que perpetue os hábitos já existentes na localidade, mas que proporcione assimilação de novos conhecimentos, para auxiliar os alunos na resolução de seus problemas e necessidades. A educação deve ser colocada como um dos grandes valores da vida e da formação humana, uma vez “que os processos educativos passam pelo conjunto de experiências, de vivências que o ser humano tem ao longo da vida”. (ARROYO, 1999, p. 20-26).

É importante notar a ideia de que dominar os instrumentos essenciais para ler, escrever e contar é extremamente importante na sociedade, além de ser um dos direitos de todos. Portanto, a criança desde cedo pode aprender a interpretar e ler o mundo, a cultura, a dominar a leitura para aprender a ler o mundo. (ARROYO, 1999, p. 38). Saviani salienta para o fato de que,

[...] o domínio da cultura constitui instrumento indispensável para a participação política das massas. Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valer os seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que se servem exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar a sua dominação. (SAVIANI, 2008, p. 45).

A escola pode auxiliar, segundo Saviani (2008, p. 45), sendo um instrumento importante e por vezes decisivo no processo de construção e de transformação de uma sociedade, uma vez que abre espaços para as forças emergentes da sociedade, para as forças populares. A escola é local de vida, de convivência, de socialização, assim como a família.

Em diversos momentos, os professores relataram a importância de a escola trazer novas significações, que serão possíveis quando os ilhéus tiverem a oportunidade de se deparar com o conhecimento de outras culturas e referenciais que possibilitem a comparação. Mediados pelo conhecimento do outro – neste caso as informações trazidas pela escola –, os ilhéus terão a possibilidade de construir uma visão crítica sobre sua sociedade, sobre a vida de seu povo, sua história, sua cultura.

O sujeito só se compreende a si mesmo em relação com outro, em interação. Só posso compreender-me dentro de mim mesmo se reconheço um outro que não sou eu, se me deparo com a estranha presença do outro; minha realidade só toma sentido para mim mediante o (re)conhecimento da realidade de um outro (SILVA, [199-], p.10).

Com a obtenção de novas significações, é possível a intervenção do aluno na realidade de forma única, ressignificada, tendo em vista que ele estará vivenciando o vínculo entre o conhecimento escolar e o conhecimento tradicional. Dessa maneira, a escola torna-se o lugar onde esta vivência deve acontecer, a junção “entre os conhecimentos institucionais e os das comunidades, ambos social e historicamente produzidos” (PARANÁ, 2009, p. 26).

Assim, o que se aprende na escola, o que se faz nela e o que se pensa dela está diretamente vinculado a traços rotineiros que são frutos de sua histórica institucionalização. Como exemplo, os cadernos escolares e os registros reiterados de cópias, figuras prontas etc. Cabe ressaltar que a escola traz novas faces da sociedade quando os professores se indagam a respeito da própria prática e quando a prática social do lugar indaga a escola. Dessa forma, as políticas de formação continuada e a organização dos movimentos sociais do campo voltada à educação do campo suscitam mudanças na prática pedagógica, por isso a identificação de preocupação dos professores com a realidade do lugar.

As entrevistas mostraram que, ora os professores retem o que provavelmente lhes foi ensinado quando alunos do Ensino Fundamental, ora querem fazer a diferença; dizem que o ensino na escola da Ilha é tradicional, e, ao mesmo tempo, têm um discurso de vínculo com a ideologia da Educação do Campo.

Então, por que isso ocorre? Esses professores estão sendo indagados e motivados a modificar o que há muitos anos ficou intocável na instituição escola. Exemplo: pensar o sujeito do lugar como sujeito de direitos e de desejos; como sujeito político que demanda determinado tipo de educação. Essa é uma realidade dúbia e nos cabe refletir: por entre rotinas institucionalizadas e por entre traços de uma nova educação, que escola está por vir? Uma escola que permita a seus alunos

ter vontade de mudar, aspiração política para demandar, e não uma escola que os prepare para a vida, pois esta não existe, porque a escola é uma construção social.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A escola não forma para a sociedade,
ela é a sociedade*

Maria Isabel Antunes Rocha, 2009.

Este estudo teve como objetivo analisar a relação existente entre a escola e a comunidade de ilhéus de Ilha Rasa. O emprego das entrevistas semiestruturadas, somado ao tratamento das informações obtidas com o uso da análise temática, permitiram conhecer um pouco da prática social dos povos ilhéus e estabelecer articulações com o processo formativo escolar.

A população da Ilha Rasa está envolta numa relação estreita com o mar, uma vez que este é lugar de vida, de trabalho, de sobrevivência e de valores vinculados às necessidades sociais. O trabalho do pescador é parte cultural de suas vidas e envolve a todos: crianças, jovens, adultos, homens e mulheres.

Foi possível perceber, durante o trabalho de campo, diversas situações que comprovam o entrelaçamento entre o trabalho, a cultura e a educação. Esses são momentos nos quais os jovens adolescentes saem em duplas para pescar e se divertir; uma mãe leva seus filhos ainda pequenos para pescar e passear numa canoa; mulheres esperam no mar dentro das canoas a maré baixar para pegar o marisco bacucu; mulheres e homens limpam os bacucus e ostras; mulheres preparam o laço para pegar caranguejos, ou até mesmo crianças brincam com pedaços de pau, imaginando que são barcos.

Por sua vez, os professores dizem traçar paralelos entre o que os livros didáticos trazem e a vida na comunidade. Entretanto, observa-se nos cadernos tal tentativa, ao lado de práticas centradas nos conteúdos marcados pela ideologia

urbana. O trabalho e a cultura também se entrelaçam no momento em que as crianças pescam para ajudar no sustento da família. Ao passo que crescem, pescam para a sobrevivência e relutam em retornar à escola, pois o tempo livre é sempre dedicado à família e ao trabalho. É assim que os aspectos da cultura e do trabalho exercem influência na escola da vida e na vida na escola dessa população. Na escola desenhavam o mar, o céu, as nuvens, os peixes, entre outras atividades do mundo escolar.

Cabe mencionar que o produto principal dos ilhéus – a pesca – tem diminuindo no decorrer das últimas décadas, dificultando a manutenção do modo de vida dos pescadores artesanais da região. Como consequência, algumas mudanças vêm ocorrendo nas comunidades das baías do litoral norte do Paraná. O pescador da Ilha Rasa tem procurado outras formas de sobrevivência, como vender siris, caranguejos, ostras e manjubas. Depende também do salário-desemprego oferecido aos pescadores da região, pelos órgãos governamentais.

Feitas essas ponderações, ficam assim evidentes os dilemas enfrentados na escola na dualidade entre a educação e o trabalho. Afinal, o professor também enfrenta o árduo trabalho de lidar com a realidade contraditória que cerca os alunos. É na escola que os novos conhecimentos são adquiridos e espera-se que eles sejam significativos para este grupo populacional, para possibilitar a intervenção do aluno na realidade.

Os depoimentos dos entrevistados, ao valorizarem o lugar onde moram, chamam a atenção para a presença da escola na comunidade. Para os moradores mais jovens da comunidade, a escola é vista como uma porta para a realização de seus sonhos; para os adultos, há certa resistência em retornar à escola e entendê-la como um espaço que se relaciona com suas vidas.

As entrevistas evidenciaram, no caso dos mais jovens, a existência de um vínculo, um elo entre o conhecimento historicamente construído, o cotidiano familiar dos sujeitos da escola, o mundo da pesca atual e futuro e suas relações sociais de trabalho. Ficou evidente que eles acreditam que as experiências educacionais do espaço escolar agregam valor à vida fora dos muros da escola e que, com a aquisição da educação escolar, poderão ter opções e a esperança de um futuro melhor. Esses sujeitos percebem que a ampliação da escolaridade amplia também as oportunidades de escolha profissional. A relação existente entre a escola e a vida na Ilha está, portanto, presente na escola.

Para os familiares, a escola é vista como importante solução de problemas futuros para seus filhos e para a Ilha; entretanto, destacam o distanciamento existente entre o que é ensinado na escola e a realidade em que vivem. Mencionam que o ensino, além de não lhes modificar as vidas, não lhes trará benefícios, uma vez que as oportunidades de emprego na Ilha são reduzidas.

Esse grupo de pessoas adultas, que teve seu processo educacional descontinuado ainda nas primeiras séries do Ensino Fundamental, pela negação da escola na comunidade, revela a dificuldade em fazer dela parte do seu cotidiano. Cabe lembrar que esse sentimento é o resultado da recente implantação do Ensino Fundamental, 5ª a 8ª e EJA (2004) e Ensino Médio (2009) na escola da Ilha.

Diante da resistência por parte de alguns dos moradores mais velhos da Ilha em retornar à escola, os professores encontram dificuldades para a manutenção e continuidade da educação. Esse fato evidencia a tendência, entre os adultos, à conservação da situação dominante. Os docentes dizem que tentam fazê-los repensar conceitos presentes há muito tempo na localidade, tal como o de que a

escola para os adultos não terá utilidade, procurando enfatizar a importância da educação.

Os docentes afirmam procurar, na escola, proporcionar novas significações, numa tentativa recente de estimular os alunos à reflexão crítica, ao debate e à opinião, para que possam fazer escolhas e visualizem outras perspectivas de melhoria na qualidade de vida. Visualiza-se a intenção pedagógica e o início de um entrelaçamento entre a educação escolar e a vida na Ilha.

Entretanto, salienta-se a necessidade de que as políticas públicas contemplem nos processos formativos as particularidades dos povos do campo. Assim, os professores também ampliarão o leque de conhecimentos para a tomada de decisão quanto aos conteúdos a serem enfatizados nos diferentes momentos pedagógicos.

Uma das novidades deste estudo foi perceber a luta dos professores por obter uma graduação, o entusiasmo com que falam da escola e dos alunos e a sua determinação em estabelecer um vínculo entre os conteúdos escolares transmitidos pelas Secretarias de Educação e a vida na ilha, por mais que isso não seja possível em todas as situações.

Nota-se a marginalidade da Ilha no contexto educacional, afinal, direitos humanos foram pontuados há seis décadas e alguns professores nem tiveram acesso à Educação Superior. Essa realidade tem sido modificada nos últimos anos, também em função de Programas e de iniciativas governamentais, como a Universidade Aberta do Brasil (UAB), que oferta, por meio das universidades públicas gratuitas, Educação Superior a Distância.

É possível afirmar que a prática pedagógica encontra-se em um momento de transição na Ilha Rasa, evidenciando a existência de limites para a total implantação

de práticas que apontem para uma educação mais contextualizada. Os professores oscilam entre a prática tradicional que os orientou na sua trajetória educacional e a prática mais atual oferecida pela capacitação dos professores, intensificada nos Seminários, Simpósios e Grupos de Estudos organizados pela SEED/PR/Coordenação de Educação do Campo.

Embora a prática pedagógica da escola corresponda a uma proposta de educação contextualizada, em função de uma demanda específica, de cultura como modo de vida, relação com a produção, tempo e espaço, meio ambiente, o velho modelo tradicional ainda permanece forte. Ou seja, um modelo que vem de encontro à construção de um projeto de escola que atenda aos povos do campo com qualidade, que seja dos povos do campo, em defesa de uma vida mais humana e digna e o desenvolvimento de uma sociedade mais justa.

Com esta investigação, visualizamos o papel da escola no contexto da Ilha, a condição sociocultural do aluno, as limitações e as potencialidades desta escola para promover mudanças e a melhoria do ensino. Cabe a cada profissional, atuante principalmente em escolas como as analisadas na pesquisa, promover as transformações possíveis e necessárias, buscando a aprendizagem com conteúdos relevantes e significativos. Cabe oferecer à criança e ao adulto mais do que somente conteúdos contextualizados à realidade local, pois isso seria muito limitante; oferecer um vínculo entre a escola e a vida na comunidade de ilhéus, para que se percebam situados no contexto histórico.

Faz-se, portanto, fundamental não somente uma aprendizagem que ecoe os hábitos já existentes na comunidade, mas uma educação que ofereça o laço entre os conhecimentos do cotidiano da Ilha e a assimilação de novos conhecimentos. A

escola torna-se, assim, o lugar onde esta vivência deve acontecer, em que a educação escolar influencia e é influenciada pela vida na Ilha.

Há que se destacar que na conjuntura política atual há iniciativas no governo estadual e federal de dar visibilidade aos povos do campo e a educação pública entre eles, a exemplo dos programas Escola Ativa e das iniciativas de formação e elaboração coletiva do Projeto Político Pedagógica das escolas das ilhas.

É preciso revigorar a discussão sobre os povos ribeirinhos e ilhéus na região da baía de Paranaguá. Novas pesquisas sobre práticas educativas inspiradas na educação do campo, nesta região, considerando seu papel na sociedade, fazem-se necessárias.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. 13. ed. Campinas: Papirus, 2007.
- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e Observação Participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. *A educação básica e o movimento social do campo*. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN Sari. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *O desencantamento do mundo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 49. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Primeiros Passos).
- BRANDÃO, Maria de Lourdes Peixoto. *Pelos Caminhos Rurais: cenários curriculares*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.
- BRASIL, Conselho Nacional de Educação, nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL/Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD. *Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo*. Brasília, abr./2002.
- BRASIL. *Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC*. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000; Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002. 5. ed.. aum. Brasília: MMA/SBF, 2004. 56p.
- BRASIL, INEP. *Sinopses Estatísticas da Educação Básica de 1997 a 2007*. Disponível em: www.inep.gov.br/censoescolar. Acesso em: 17 nov. 2009.
- CALDART, Roseli Salete. Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs). *Por uma educação do campo*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- CALAZANS, Maria Julieta Costa. Para compreender a educação do estado no meio rural: traços de uma trajetória. In: THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria Nobre (Coords.). *Educação e escola no campo*. Campinas: Papirus, 1993. p. 15-40.

CARDOSO, T. F. L. As aulas régias no Brasil. In: STEPHANOU, M.; CAMARA BASTOS, M. H. (Orgs.). *Histórias e memórias da Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2004. v.I, p. 179-191.

DIEGUES, Antônio Carlos. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *Ilhas e mares: simbolismo e imaginário*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

_____. (Org.). *Povos e Águas: inventário de áreas unidas brasileiras*. 2. ed. São Paulo: NUPAUB - USP, 2002.

_____. *A pesca construindo sociedades*. São Paulo: NUPAUB – USP, 2004.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *Por uma educação básica do campo*. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999.

FURTADO, Eliane Dayse Pontes. *Estudo sobre a educação para a população rural no Brasil*. 2002. Disponível em: http://www.redler.org/estudio_educacion_poblacion_rural_brasil.pdf. Acesso em: 15 ago. 2008.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GRITTI, Silvana Maria. *Educação rural e capitalismo*. Passo Fundo: UPF, 2003.

IBAMA. *Parque Nacional do Superagui, Guaraqueçaba, Paraná, Brasil*. Disponível em: www.guaraquecaba.com/superagui.asp. Acesso em: 15 dez. 2009.

IPARDES. *APA de Guaraqueçaba: caracterização sócio-econômica dos pescadores artesanais e pequenos produtores rurais*. Curitiba: IPARDES, 1989. 87 p.

_____. *Zoneamento da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba*. Curitiba: IPARDES, 2001. 150 p.

KARAM, Karem Follador; TOLEDO, Veronica. *Caracterização socioeconômica e cultural da população tradicional da APA de Guaraqueçaba*. Curitiba: 1996.

LEITE, Sérgio Celani. *Escola Rural: urbanização e políticas educacionais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 10. reimp. São Paulo: EPU, 2007.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política: livro I*. 26. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). Um objeto quase invisível. In: _____. *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 7-13.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. As escolas rurais e a formação de professores: a experiência do Paraná – 1946-1961. In: WERLE, Flávia Obino Corrêa. *Educação Rural em Perspectiva Internacional: instituições, práticas e formação do professor*. Ijuí: Unijuí, 2007, p. 79-98.

MOLINARI, Claudia. A diversidade ajuda no avanço de classes multisseriadas. *Nova Escola On-line*, n. 219, p.1-4, jan. 2009. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/preview.shtml>. Acesso em: 03 abr. 2009.

MUNARIM, Antônio. *O Movimento Nacional de Educação do Campo: uma trajetória em construção*. 17f. In: Reunião da ANPED, 31. 2008, GT3 – Movimentos Sociais e Educação. Caxambu, MG. Disponível em: <http://www.anped.org.br>. Acesso em: 14 abr. 2009.

MURTA, Cláudia. *Tornar-se professor: um estudo sobre professores leigos amazônicos*. 2006. 327 p. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Aprendendo com os cadernos escolares: sujeitos, subjetividades e práticas sociais cotidianas na escola. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 129-143.

OLIVEIRA, Liliane Nunes. Palestra proferida no evento: I Seminário em Educação do Campo. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 06 de novembro de 2009.

PARANÁ. *Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná: Educação do Campo*. SEED. Curitiba, 2006.

_____. Secretaria de Estado da Educação – SEED. Coordenação da Educação do Campo. *Relatório: Visita Técnica nas Ilhas Rasa, Amparo e do Mel*. 25 a 26 de agosto de 2008. Curitiba: SEED, 2008. Texto impresso pela Coordenação de Educação do Campo.

_____. *Proposta Pedagógica das Escolas das Ilhas do litoral paranaense* – Coordenação da Educação do Campo. SEED, Curitiba, 2009.

_____. Secretaria de Estado da Educação. Resolução nº 3606/82. Autorização de funcionamento dos estabelecimentos situados na zona rural do município de Guaraqueçaba. Secretaria de Estado da Educação. 30 dez. 1982.

_____. Secretaria de Estado da Educação. Resolução nº 3763/84. Secretaria de Estado da Educação. 28 maio 1984.

_____. Secretaria de Estado da Educação. Resolução nº 3764/84. Secretaria de Estado da Educação. 28 maio 1984.

_____. Secretaria de Estado da Educação. Resolução nº 4241/93. Estabelece que as escolas estaduais relacionadas do município de Guaraqueçaba, mantidas pelo Governo do Estado do Paraná, passam a ter como Entidade Mantenedora a Prefeitura Municipal. Secretaria de Estado da Educação. 4 ago. 1993.

_____. Secretaria de Estado da Educação. Resolução nº 2157/96. Estabelece a prorrogação do prazo de autorização de funcionamento por tempo indeterminado nas escolas relacionadas. Secretaria de Estado da Educação. 20 maio 1996.

_____. Secretaria de Estado da Educação. Resolução nº 3635/07. Autorização para funcionamento do Ensino fundamental (1ª a 4ª série) da Escola Rural Municipal Santa Terezinha – Educação Infantil e Ensino Fundamental. Secretaria Estadual de Educação. 17 ago. de 2007.

PEREIRA, Roberval Eloy. *A Consolidação de escolas unidocentes como política de educação para a zona rural no estado do Paraná*. São Paulo: Annablume, 2002.

ROCHA, Eliana do Pilar. *Nomes, Rezas e Anzóis: Tradição e Herança Caiçara*. 2005. 101 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

ROCHA, Maria Isabel Antunes. *Licenciatura em Educação do Campo: reflexões em torno de uma prática*. Palestra proferida no evento: I Seminário em Educação do Campo. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 06 de novembro de 2009.

ROSA, Ana Cristina Silva. Classes Multisseriadas: desafios e possibilidades. *Educação e Linguagem*, n. 18, p. 222-237, jul-dez. 2008.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 17. ed. São Paulo: Autores Associados, 2007.

_____. *Escola e Democracia*. Edição Comemorativa. São Paulo: Autores Associados, 2008.

SANTOS, Anabela Almeida Costa e. Aprendendo a usar cadernos: um caminho necessário para a inserção na cultura escolar. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 145-159.

SILVA, Sonia Maria da. *Cultura e Educação: uma reflexão com base em Raymond Williams*. 12f. In: Reunião da ANPED, 30. 2007, GT3 – Movimentos Sociais e

Educação. Caxambu, MG. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/27/gt03/t0315.pdf. Acesso em: 25 maio 2009.

SOUZA, Maria Antônia de; PINTO, Neuza Bertoni; ENS, Romilda Teodora. *As Contribuições da Etnografia para a pesquisa Educacional*. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS QUALITATIVAS, II., 2004, Bauru. Seminário Internacional de Pesquisa e Estudo Qualitativos – Anais. Bauru: SE&PQ, 2004. V.1.

_____. Maria Antônia de. *Educação do campo: propostas e práticas pedagógicas do MST*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____, Maria Antônia de. O movimento da Educação do Campo, as tensões na luta por um direito social e os sinais da construção de políticas públicas. *EccoS*, São Paulo, v. 11, n. 1, p.39-56, jan./jun. 2009.

SOUZA, Maria José Ribeiro. *Educação Formal e Capacitação para o Trabalho: perspectivas para o desenvolvimento das comunidades ribeirinhas do Baixo Madeira*. 2006. 115 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) - Núcleo de Ciências e Tecnologia – NCT, Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto Velho, RO, 2006.

SPVS. *Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental*. Disponível em: [/www.spvs.org.br/principal/index.php](http://www.spvs.org.br/principal/index.php). Acesso em: 25 jul. 2009.

SUCHODOLSKI, Bogdan. *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência*. São Paulo: Centauro, 2002.

VENDRAMINI, Célia Regina. *Terra, Trabalho e Educação: experiências sócio-educativas em assentamentos do MST*. Ijuí: UNIJUI, 2000.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALBERTON, João Marcos. *Um olhar sobre o mar: atividades em arte-educação como tema ambiental com alunos da comunidade da ilha do Superagui*. 2002. 69 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

ARROYO, Miguel González. *Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis: Vozes, 2004.

CORREIA, Luciana Oliveira. *Os filhos da luta pela terra: as crianças do MST*. 2004. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

CUYABANO, Emília Darci de Souza. *Nas lições das águas: sensibilidades em movimento – um estudo sócio-antropológico de alunos ribeirinhos do Alto Pantanal do mato grosso, fronteira Brasil-Bolívia*. 2005. 239 f. Tese (Doutorado Educação) - Universidade de São Paulo, 2006.

DAVIS, Claudia; GATTI, Bernardini A. A dinâmica da sala de aula na escola rural. In: THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria Nobre (Coords.). *Educação e escola no campo*. Campinas: Papirus, 1993. p. 75-135.

DUARTE, Valdir. *Escolas Públicas no Campo: problemáticas e perspectivas*. Paraná: ASSESOAR, 2003.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GUARIM, Vera Lúcia dos Santos. *Conservação da natureza e educação em comunidades ribeirinha tradicional*. 1995. Dissertação (Mestrado em Zoologia) – Universidade Federal do Mato Grosso, 1995.

IPARDES. *Características físicas das ilhas do Litoral Paranaense*. Curitiba: IPARDES, 1981.

LIMA, Agnel Messias. *Um estudo com pescadores pantaneiros de Cárceres – Mato Grosso: O Rio Paraguai como elemento educativo*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso, 2004.

POJO, Eliana Campos. *Travessia educativa de comunidades ribeirinhas no contexto da Amazônia*. 188 f. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, 2003.

RODRIGUES, Carmem Izabel. *Vem do Bairro dos Jurunas: Sociabilidade e Construção de Identidades entre Ribeirinhos em Belém-PA*. 284 f. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

SILVA, Josenilda Maria Maués da. *Espelho Líquido: a vida cotidiana de uma escola ribeirinha no estado do Pará*. 1993. 203 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

SOUZA, Marinez França. *Currículo das Águas: vida, escola e formação ribeirinha no município de Nova Olinda do Norte/AM*. 183 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2005.

SIPINSKI, Elise Angelotti Bastos. *O Papagaio-de-cara-roxa (Amazona brasiliensis) na Ilha Rasa, PR – Aspectos Ecológicos reprodutivos e relação com o ambiente*. 2003. Dissertação (Mestrado em engenharia Florestal) – Universidade Federal do Paraná. 2003.

THERRIEN, Jacques. A professora rural: o saber de sua prática social na esfera da construção social da escola no campo. In: THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria Nobre (Coords.). *Educação e escola no campo*. Campinas: Papirus, 1993. p. 43-73.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro: perguntas a professores da escola Ilha Rasa.....	168
APÊNDICE B – Roteiro: perguntas a pais dos alunos da escola da Ilha Rasa.	169
APÊNDICE C – Roteiro: perguntas a alunos.....	170
APÊNDICE D.– Roteiro: perguntas a Secretaria Municipal Educação de Guaraqueçaba e Colégio Marcílio Dias.....	171
APÊNDICE E.– Declaração de consentimento.....	172

APÊNDICE A**Roteiro: perguntas a professores da escola Ilha Rasa**

- 1) Eu gostaria de saber sobre a aula, quais são os conteúdos e como eles são escolhidos?
- 2) Você trabalha com livro didático? Como ele é selecionado? Como você avalia o conteúdo do livro, ou seja, qual é a sua visão sobre os conteúdos que estão no livro, em relação à comunidade e à série em que são trabalhados?
- 3) Existem livros para todos os alunos?
- 4) As aulas são planejadas com antecedência? Como? Onde?
- 5) Existem algum planejamento específico com os professores das escolas das Ilhas?
- 6) E os conteúdos em sala de aula, como são trabalhados?
- 7) Dê exemplo do trabalho com um conteúdo, algo que tenha feito recentemente.....
- 8) Ao trabalhar os conteúdos, é possível fazer relação com aspectos da vida na Ilha? Como? Dê exemplo.
- 9) Existem projetos escolares indicados pela SEED ou SME? Quais?
- 10) Dê exemplo de uma aula que você considerou bem sucedida e explique.
- 11) Dê exemplo de uma aula que você avaliou ser necessário replaneja-la e explique por que.
- 12) Se você tivesse que falar sobre a importância da escola para a Ilha, o que você diria?

APÊNDICE B

Roteiro: perguntas a pais dos alunos da escola da Ilha Rasa
1) Qual é a importância da escola para você?
2) Seus filhos trazem informações da escola para casa? Que tipos de informações?
3) Você olha o caderno do seu filho? Se sim, o que mais chama a sua atenção?
4) Seus filhos gostam da escola? Do que mais gostam?
5) Qual a importância da escola para a ilha?
6) Como você vê a ilha?
7) Que futuro pensa para seus filhos?
8) E, se você tivesse que falar sobre a importância da vida na Ilha, do trabalho, da cultura, o que você diria?
9) Como você se sente com relação as suas oportunidades de trabalho?
10) O que mais gosta de fazer nos seus momentos de folga?

APÊNDICE C

Roteiro: perguntas a alunos
1) O que a escola é para você? Fale um pouco dela...
2) O que você aprende na escola tem a ver com a sua vida, com a Ilha? Explique.
3) Como você pensa o futuro?
4) Você acredita que a escola vai ajudar este sonho se realizar?
5) E a vida na ilha, o que você tem a dizer? O que mais gosta? O que menos gosta? Se você pudesse mudar algo, o que mudaria? Por quê?
6) Quais atividades você mais gosta de fazer na sala de aula? Por quê? Quais atividades você menos gosta? Por quê? Posso ver o seu caderno?

APÊNDICE D

Roteiro: perguntas a Secretaria Municipal Educação de Guaraqueçaba e Colégio Marcílio Dias
1) Quando se iniciaram as escolas nas ilhas? Houve demanda da comunidade ou foi iniciativa governamental?
2) Com que recursos é feita a manutenção da escola?
3) A construção das duas últimas salas de aula na escola da Ilha Rasa foi reivindicação de quem?
4) Quando se iniciaram as modalidades de EJA, Ensino Médio na ilha?
5) Quando começou a oferta de Ensino Fundamental completo na Ilha? E antes, como eles estudavam?
6) Quem fornece a merenda escolar?
7) Vocês tem dados da evasão escolar na ilha?
8) Vocês tem dados de Repetência, Analfabetismo?
9) Formação inicial e continuada de professores?
10) Planejamento do ensino.
11) Dados sobre matrículas nas escolas das ilhas
12) A escola tem algum projeto escolar?
13) A Secretaria tem tido preocupação com a Educação do Campo?
14) Quais livros didáticos estão sendo utilizados nas escolas das ilhas? Posso ver... Os livros são suficientes para todos os alunos? Como os livros são escolhidos, quais são os critérios?

APÊNDICE E
DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____,
portador (a) do RG: _____, abaixo assinado,
concordo em participar do estudo, relatado pela pesquisadora, como sujeito.

Fui devidamente informado(a) e esclarecido pela pesquisadora, Mariângela Hoog Cunha sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a quando achar necessário, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Curitiba, ____ / ____ / ____

Assinatura do Sujeito

ANEXOS